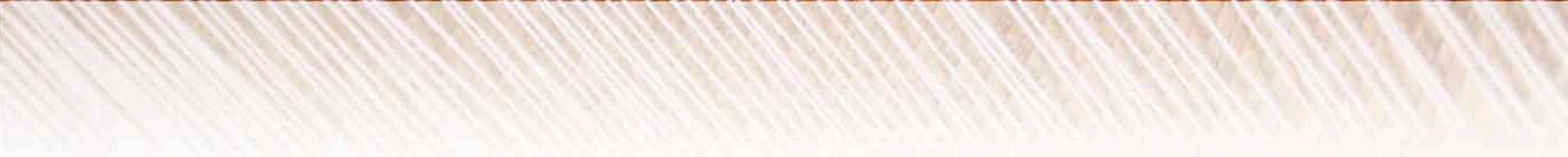
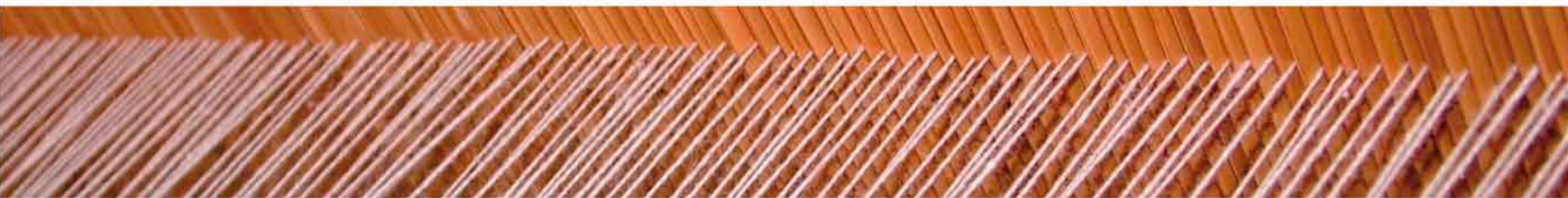
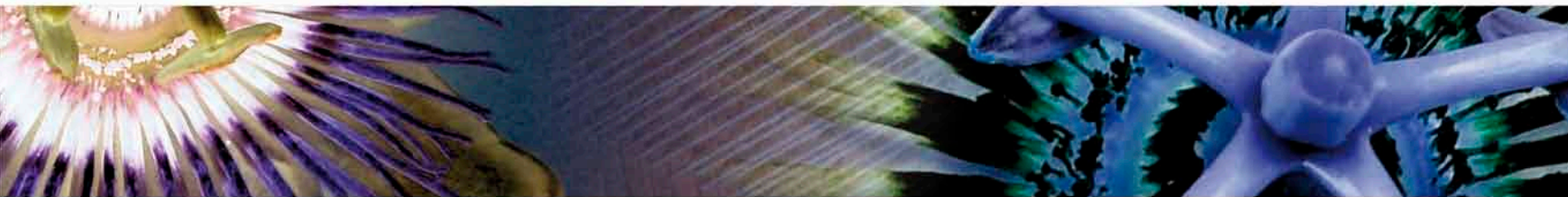
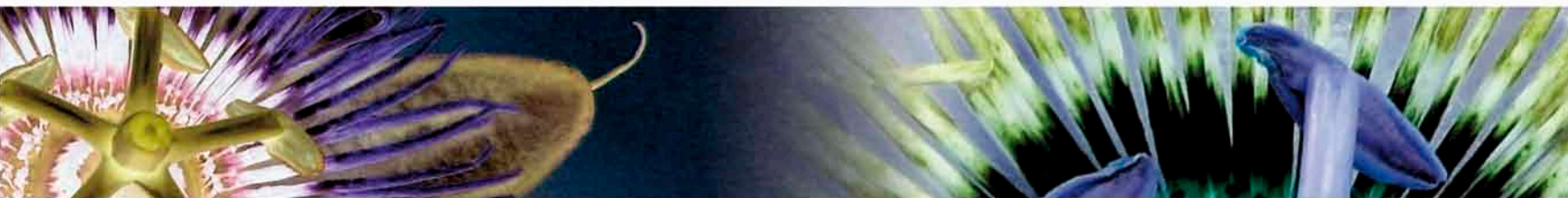


andarILHAgem n.º 7



FICHA TÉCNICA

andarILHAgem

www.azores.gov.pt

Propriedade e edição:

Presidência do Governo Regional dos Açores
Secretário Regional da Presidência
Direcção Regional das Comunidades

Director:

Rita Machado Dias

Coordenação:

Álamo Oliveira

Redacção:

Paulo Teves
Raquel Rodrigues

Tradução:

Americonsulta

Concepção gráfica:

Rui Melo

Paginação:

Vitor Melo

Impressão:

Nova Gráfica

Periodicidade:

Semestral
Julho 2010



Governo dos Açores

Presidência do Governo

DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

FAIAL

Rua Cônsul Dabney
Colónia Alemã - Apartado 96
9900-014 HORTA

Telef.: (351) 292 208 100

Fax: (351) 292 391 854

TERCEIRA

Rua do Palácio, S/N
9700-143 ANGRA DO HEROÍSMO

Telef.: (351) 295 403 630

Fax: (351) 295 214 867

SÃO MIGUEL

Edifício Boavista, R/C Dt.º, 6B,
Grotinha

9500-782 PONTA DELGADA

Telef.: (351) 296 204 811

Fax: (351) 296 284 380

E-mail: drc@azores.gov.pt

ÍNDICE

VENTOS C/NOTÍCIAS ■

- 06
Editorial
- 07
Direcção Regional das Comunidades
Factos do semestre
- 08
Regional Department for the Communities
News for this six-month period
- 13
PEJAC – Plataforma de Entendimento Jovem
Açores/Comunidades
«uma ponte para o futuro»
- 15
YUPAC – Youth Understanding Platform
Açores/Communities
«a bridge for the future»
Rogério P. Nogueira e Sousa
- 18
16ª Conferência Internacional Metropolis nos Açores:
Um espaço para discussão futura
- 21
16th International Metropolis Conference
in the Azores:
A place for future discussion
Paulo Teves

■ MARÉS DE TODOS OS MARES

- 26
O Binómio Sazonalidade/ Integração:
O Caso da Emigração Açoriana para as Bermudas
- 30
Temporary Status Vs. Integration:
The Dichotomy of Azorean Emigration to Bermuda
Sónia Duque

34

Ensino do Português nos Estados Unidos da América:
Uma Aventura na Quinta das Lágrimas

43

Portuguese Language Education in the United States:
Experiences in the Vale of Tears
António Oliveira

51

Entrevista ao Maestro José Carlos Rodrigues

55

Interview with José Carlos Rodrigues

■ ALGAS SONHOS TRANSPARÊNCIAS

62

Poemas do Oceano: a Antologia Açoriana

68

Poems of the Ocean: an Azorean Anthology
John M. Kinsella

74

Contos de lá
(reportagem fotográfica)

77

A águia, a rola e os cinco tostões
Conto popular de Angola

78

A mãe cabra e os sete cabritinhos
Conto popular da Ucrânia

80

Lenda da mandioca
Conto popular do Brasil

81

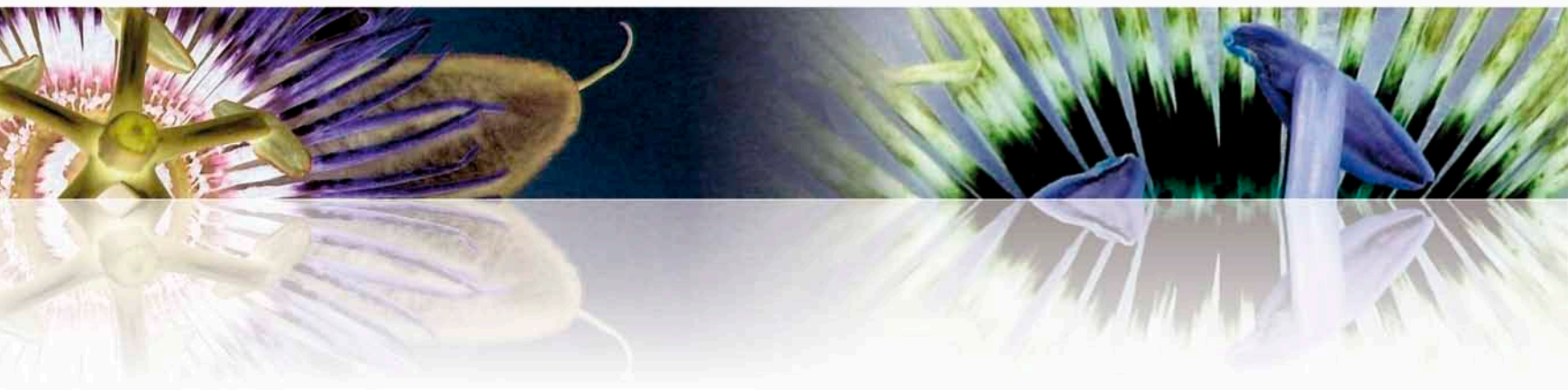
Gira Mundos
(reportagem fotográfica)

85

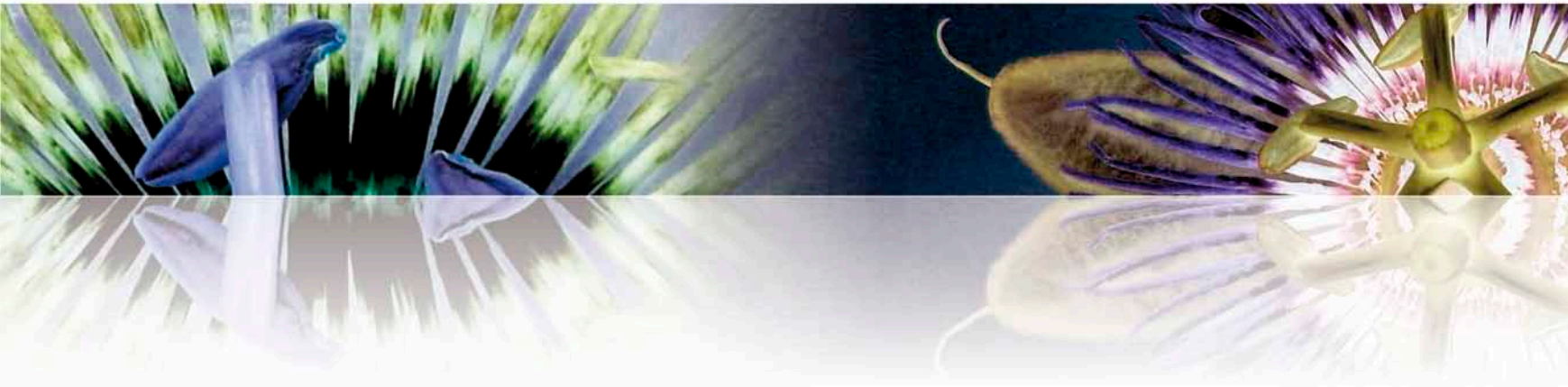
Maxine Olson

89

Vozes em Dissonância ou apenas Vozes
Cantos I e V
António da Névada



ventos c/ noticias





EDITORIAL

As palavras estão, cada vez mais, sujeitas à vulnerabilidade do seu próprio significado. Diluem-se sem grandes contradições e dá-se por elas recolhidas no seu canto, acatando novas ordens sob a forma de acordos, mesmo que tais acordos sejam meramente ortográficos. É o que está a acontecer, neste momento, com a Língua portuguesa que, procurando ser meio eficaz dos países de expressão lusíada, começa a aclimatar-se a regras de ortografia que nem sempre colhem as simpatias dos escribas. É preciso não esquecer que a Língua de Pessoa é das mais faladas no mundo, migrando ao longo dos séculos por todos os continentes, com opções selectivas e universais, nomeadamente, no designado comércio à distância.

Registe-se este feito para consolar os puristas da Língua. Trata-se somente de um acordo ortográfico que não combate os estrangeirismos oriundos do discurso electrónico que, com a prepotência científica que lhe é própria, invade todas as línguas. Na verdade, que fazer à internet, ao website, ao password, ao link, ao delete, sem contrariar a carga de universalidade que estas palavras – e muitas outras – carregam sobre os ombros da sua significação, aliadas às abreviaturas da preguiça ortográfica utilizadas nos telemóveis?

Há que acreditar que as línguas não credenciadas no conceito da língua única vão continuar a ser meio de comunicação entre as pessoas; a propiciar paz e convivialidade; a identificar povos e culturas; a referenciar o direito à diferença. Aceitando que a prosápia humana na construção da Torre de Babel foi motivo suficiente para um surto migratório e surgimento de muitas línguas, é legítimo esperar que a tentativa de impor uma língua única – mesmo que sob vertente técnico-científica – não provoque a reconstrução daquela Torre nem cerceie a liberdade de expressão que a Humanidade vem a conquistar ao longo dos séculos.

Os textos a publicar no próximo número desta revista vão obedecer às orientações do novo acordo ortográfico.

Words are becoming increasingly vulnerable to their own meanings. With little stir, they become diluted until we discover them cowering in a corner waiting for the new marching orders meted out by something as seemingly insignificant as a spelling accord.* And that's what's happening now. In an attempt to become an efficient medium for Portuguese-speaking countries, the Portuguese language has started to accommodate itself to spelling rules that often raise the hackles of wordsmiths around the world. We should not forget that the language Fernando Pessoa wrote in is one of the world's most widely spoken tongues, one that spread to every continent where it was both selectively and universally used in what is known as long-distance trade.

To placate the purists, let's admit that it's just a spelling agreement and one that doesn't even attempt to staunch the flow of computer-generated foreign words that, bolstered by the power of science, have taken all the earth's languages by storm. Helpless we stand against neologisms such as *internet*, *website*, *password*, *link* and *delete* and scores of others whose meanings bear – broad-shouldered – a universality that's hard to contradict; and dumbfounded we look on as lazy spellers tap out, ubiquitous, mind-bogglingly expedient abbreviations on their cell phones.

We have to believe that all languages devoid of lingua franca credentials will continue to serve as means of communication that foster peace and camaraderie, promote the diversity of peoples and cultures, and stand as symbols of one's right to be different. The haughtiness of our ancestors who built the Tower of Babel sparked the first big surge of migration and the birth of many languages. Yet there's no reason to believe that the attempts to impose a universal tongue – even for scientific and technical reasons – will cause the Tower to be rebuilt or curb the freedom of speech that humankind has sought to conquer throughout the centuries.

The Portuguese texts in this issue have been published according to the guidelines set down in the new spelling accord.



DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

Factos do semestre

Perfis e Trajectórias dos Imigrantes nos Açores é o título do estudo recentemente apresentado em Angra do Heroísmo, que tem como objectivo aprofundar o conhecimento sobre a realidade imigratória nos Açores, caracterizando a população imigrante residente e as questões relacionadas com o emprego bem como a situação laboral, permitindo traçar os seus perfis e trajectórias socioprofissionais.

Os autores do trabalho – Gilberta Pavão Nunes Rocha (coordenadora do projecto), Octávio H. Ribeiro Medeiros e Eduardo Ferreira, professores da Universidade dos Açores – analisaram os propósitos imigratórios e a avaliação que os imigrantes fazem da sua experiência nos Açores. Esta obra poderá ser consultada na página da Direcção Regional das Comunidades em www.azores.gov.pt.



De 6 a 14 de Março, a Directora Regional das Comunidades, visitou as comunidades açorianas dos estados norte-americanos de Massachusetts e Rhode Island, procedendo ao contacto e análise das questões que mais tocam as referidas comunidades.

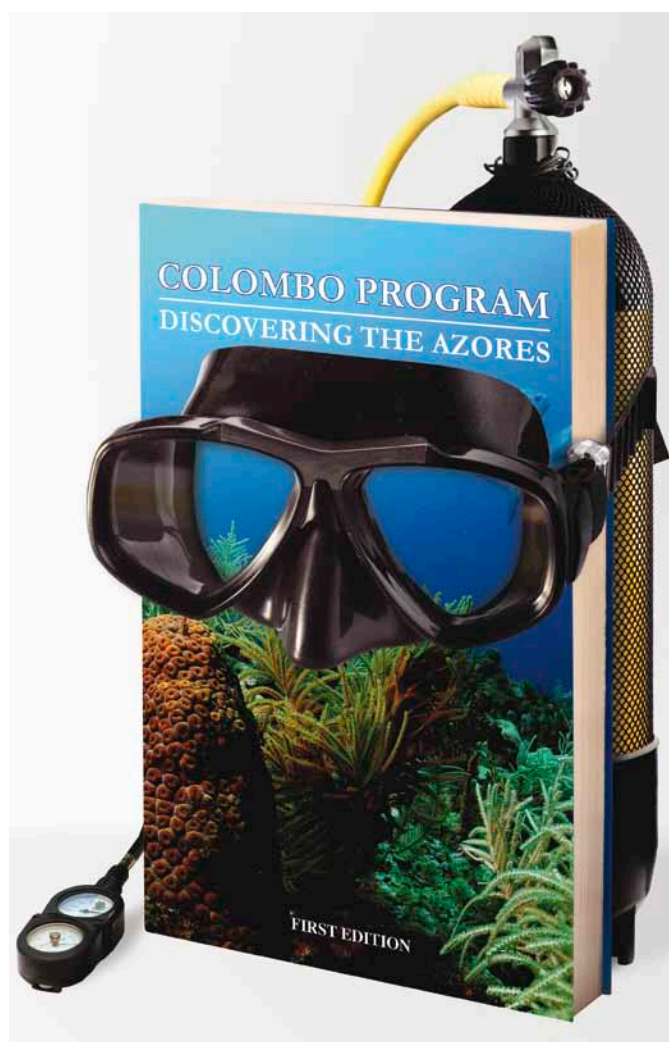
Participou, de seguida, na reunião anual do Metropolis International Steering Committee, na cidade de Phoenix, Arizona, onde foi definido o tema da 16ª Conferência Internacional Metropolis – “Migration Futures: Perspectives on global changes”, que se realiza de 12 a 16 de Setembro de 2011, na cidade de Ponta Delgada, organizada pelo Governo dos Açores, com diversos parceiros universitários internacionais, incluindo o Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores.

“Deportação, Migração e Direitos Humanos: Interdisciplinaridade Teórica e Prática” foi a designação dada à Conferência Internacional que decorreu em Março, na cidade de Boston, Massachusetts e reuniu académicos, técnicos sociais e representantes das comunidades que debateram as problemáticas que os imigrantes e cidadãos deportados dos Estados Unidos da América enfrentam. Organizada pelo Boston College Center for Human Rights and International Justice e pelo Post-Deportation Human Rights Project, esta iniciativa permitiu propiciar pontos de orientação para aqueles que colaboram com os cidadãos detidos a aguardar deportação, deportados e seus familiares. O Governo dos Açores, através da Direcção Regional das Comunidades, esteve presente neste acontecimento, uma vez que a sua área de actuação tem sido direccionada para o fenómeno da deportação, nomeadamente, o acolhimento, trabalho em rede de âmbito transnacional para a promoção da inclusão social, antes e depois da chegada destes cidadãos aos Açores.

O programa de estágios ‘Colombo’ – que é direccionado para jovens universitários açorianos que residam nos Estados Unidos há mais de 15 anos e luso-descendentes até à quarta geração que frequentem o último ano da licenciatura ou que estejam a frequentar

mestrados e doutoramentos – pretende fomentar a aproximação às origens de jovens emigrantes açorianos e luso-descendentes nos Estados Unidos, através da realização de estágios profissionais em empresas na ilha de S. Miguel, nas áreas das Ciências do Mar e da Terra, Biotecnologia e Ciências Físico-Químicas e Tecnologias da Comunicação e na Universidade dos Açores.

Além do pagamento das deslocações entre os Açores e os EUA, os jovens terão uma bolsa mensal e de formação, na área da língua e cultura, sendo a duração dos estágios entre dois a seis meses. É desenvolvido pelas direcções regionais das Comunidades e da Juventude, com o apoio do Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os Estados Unidos, podendo ser consultada toda a informação em www.colombo.azores.gov.pt.



21 de Março – “Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial”, foi assinalado na Região, nomeadamente na ilha do Faial, através da apresentação da peça de teatro musical “Gira-Mundos” e do lançamento do conto infantil “De outra cor”, de Susana Teles Margarido, numa iniciativa conjunta das Direcções Regionais das Comunidades e da Igualdade de Oportunidades

Esta celebração teve como objectivo sensibilizar a comunidade açoriana para a não discriminação e para a necessidade de promoção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais de todas as pessoas, sem distinção de raça, credo, religião, idioma ou cultura, a fim de que todos os cidadãos possam viver com dignidade, numa situação de igualdade e paz.

Em 1966, o dia 21 de Março foi proclamado “Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial”, pela Organização das Nações Unidas, após o massacre de Sharpsville na África do Sul, que ocorreu no mesmo dia e mês do ano de 1960.



«Narrando a Diáspora Portuguesa: Identidade e Cultura Além-Fronteiras» foi o tema central do Colóquio que decorreu, em Março, na Hart House da Universidade de Toronto, numa organização conjunta da Direcção Regional das Comunidades, Universidade de Brock, Universidade da British Columbia, Universidade de Toronto e Universidade dos Açores. Constituído por quatro painéis – «Mundos identitários: pluralidades da diáspora portuguesa»; «A diáspora portuguesa no Canadá: registos de investigação futura»; «Identidade Açoriana

num Ontário multicultural: algumas perspectivas»; e «Testemunhos: reflexos de uma comunidade em transição – 5 décadas mais tarde» –, esta iniciativa contou com a participação de investigadores e académicos oriundos dos Açores, Portugal Continental, Canadá, Estados Unidos e Brasil, para além da colaboração de estudantes luso-descendentes radicados na cidade de Toronto.

Este colóquio inseriu-se na reunião do Conselho Científico do Portal «ComunidadesAcorianas.org» que decorreu na Casa dos Açores do Ontário.

A Directora Regional das Comunidades participou neste colóquio e, paralelamente, manteve encontros com as comunidades açorianas residentes na grande área de Toronto, onde efectuou diversas visitas a instituições portuguesas e canadianas de cariz social, cultural e académico sediadas nas cidades de Mississauga, Oakville, Hamilton, Brampton e London.



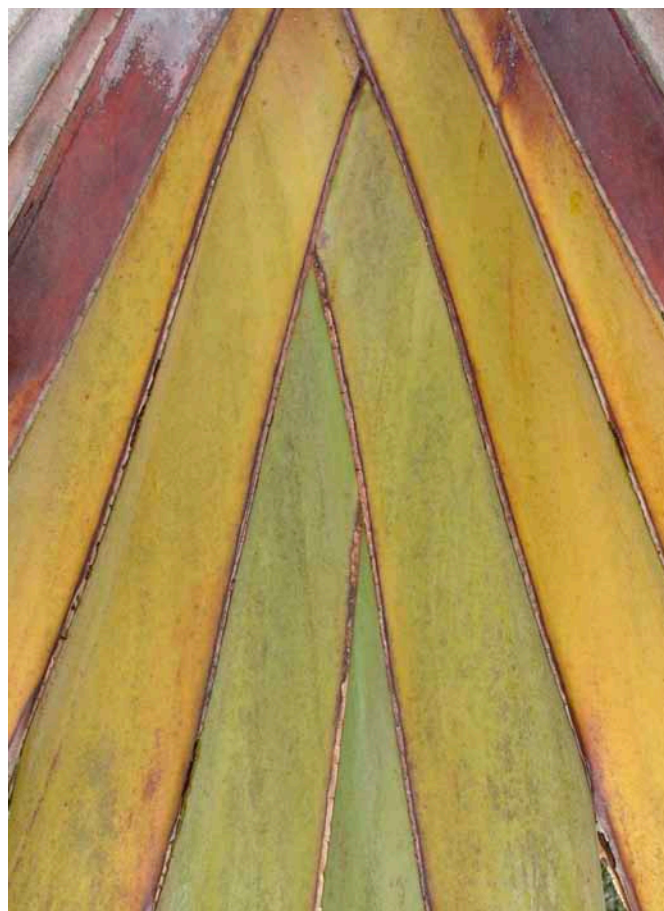
Em Maio, iniciaram-se os Cursos Livres para imigrantes nas áreas de Língua Portuguesa, Empreendedorismo, Língua Inglesa e Informática, nas ilhas do Faial, Pico, S. Jorge, Terceira e São Miguel.

Estas formações permitem dotar os imigrantes residentes na Região de um conjunto de competências que lhes possibilitem uma melhor inserção social ao nível profissional, familiar e pessoal.

De igual modo, durante o mês de Maio, iniciou-se, na ilha de São Miguel, a 2ª edição do Curso Cidadania e Diversidade Cultural nas Práticas Profissionais, numa organização conjunta da Direcção Regional das Comunidades e do Instituto Nacional da Administração.

Este curso teve como objectivos a aquisição

de conhecimentos e aptidões que permite reforçar a capacidade para viver e trabalhar em ambientes abertos e complexos; sensibilizar para a importância do desenvolvimento de uma cidadania europeia activa e compatível com o mundo, no respeito pela diversidade cultural e com base em valores comuns; integrar nas competências transversais, inerentes à actividade que desempenham junto de comunidades culturais diversificadas, as dimensões da cidadania global e do relacionamento intercultural à luz do direito aplicável, de modo a assegurar soluções integradas e a coerência indispensável à qualidade do desempenho individual e institucional, bem como promover, no âmbito das suas funções, a participação, equilíbrio, justiça e coesão social, num quadro de adequação das respostas das instituições que prestam serviço público à heterogeneidade das pessoas que as procuram.



“Rede rodoviária” – foto de Rui Melo



REGIONAL DEPARTMENT FOR THE COMUNITIES

News for this Six-Month Period

Recently unveiled to the public in Angra do Heroísmo, the work *Profiles and Pathways in Immigrants in the Azores*, is an in-depth study of immigration realities in the archipelago. The book describes the immigrant population residing in the Azores, broaches the question of employment, and deals with the labor picture, thereby providing an accurate view of the socio-professional pathways followed by those who have recently made the Azores their home. Authors Gilberta Pavão and Nunes Rocha (coordinator of the project), Octávio H. Ribeiro Medeiros and Eduardo Ferreira, all professors at the University of the Azores, examined the reasons behind the choice to emigrate and polled the immigrants on what their experience has been like in the Azores. The study can be found on the webpage of the Regional Department for the Communities at www.azores.gov.pt.

From March 6 to 14, the Regional Director for the Communities visited the Azorean communities in Massachusetts and Rhode Island, meeting members to form a better idea of the issues that concern these communities the most. Next she took part in the annual meeting of the Metropolis International Steering Committee, in Phoenix, where the central topic of the 16th International Metropolis Conference (“Migration Futures: Perspectives on Global Changes”) was selected. Slated for September 12 to 16 in Ponta Delgada, Azores, the event is being organized by the Azores Regional Government, and a number of partnering universities abroad, plus the Center for Social Studies at the Azores University.

The Colombo Internship Program targets young Azorean university students who have lived in the US over 15 years and Portuguese descendants up to the fourth generation who are currently BA degree seniors or attending Master’s or PhD programs. The aim of the initiative is to bring young Azorean immigrants and Portuguese descendants in the US into closer contact with their roots, through professional internships in companies on São Miguel Island that deal with ocean and land sciences, biotechnology, physics, chemistry, and communications technology and internships at the

University of the Azores. The program pays the students’ travel expenses between the US and the Azores, and gives them a monthly stipend and a study grant in the field of language and culture. The internships themselves are from two to six months in duration. The initiative belongs to the Regional Departments for the Communities and for Youth, with backing provided under the Cooperation and Defense Agreement between Portugal and the US. For further information on the program, see www.colombo.azores.gov.pt.

In an international conference that took place in March in Boston, academics, social workers, and community representatives discussed the problems of immigrants and citizens who have been deported back to Portugal from the United States. Dubbed “Deportation, Migration and Human Rights: Theoretical and Practical Interdisciplinarity,” the initiative was organized by the Boston College Center for Human Rights and International Justice and the Post-Deportation Human Rights Project, and sought to lay down guidelines for those who work with detainees awaiting deportation, deportees, and their families. The Government of the Azores, through the Regional Department for the Communities, participated in the gathering, having dealt with the issue of deportation namely by providing reception services for deportees when they arrive and working transnationally – before and after the citizen has reached the Azores – to ensure the deportee’s social integration.

March 21 was International Day for the Elimination of Racial Discrimination and the date was commemorated in Faial with a musical entitled “Gira-Mundos” (roughly, “All Around the World”) and the launching of a children’s book called *De Outra Cor (Another Color)*, by Susana Teles Margarido, sponsored jointly by the Regional Departments for the Communities and the Department for Equal Opportunities. The celebration was to make Azoreans aware of the need to end discrimination and promote human rights and the basic freedoms for all people, regardless of their race, creed, religion, language, or culture, so that all citizens can live with dignity in peace and equality. March 21 was proclaimed International Day

for the Elimination of Racial Discrimination in 1966 by the United Nations as a result of the Sharpsville Massacre that took place in racially-divided South Africa on March 21, 1960.

NARRATING THE PORTUGUESE DIASPORA: IDENTITY AND CULTURE ACROSS BORDERS

Music Room - Hart House University of Toronto March 30th, 2010 8:45-19:00

MIGRATION FORUM

Photo by K. Smith

NARRANDO A DIÁSPORA PORTUGUESA: IDENTIDADE E CULTURA ALÉM-FRONTEIRAS

Music Room - Hart House University of Toronto 30 de Março, 2010 8:45-19:00

Program/Program:
<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/>
 email: lcs@brocku.ca

University of British Columbia University of Toronto Governo dos Açores Brock

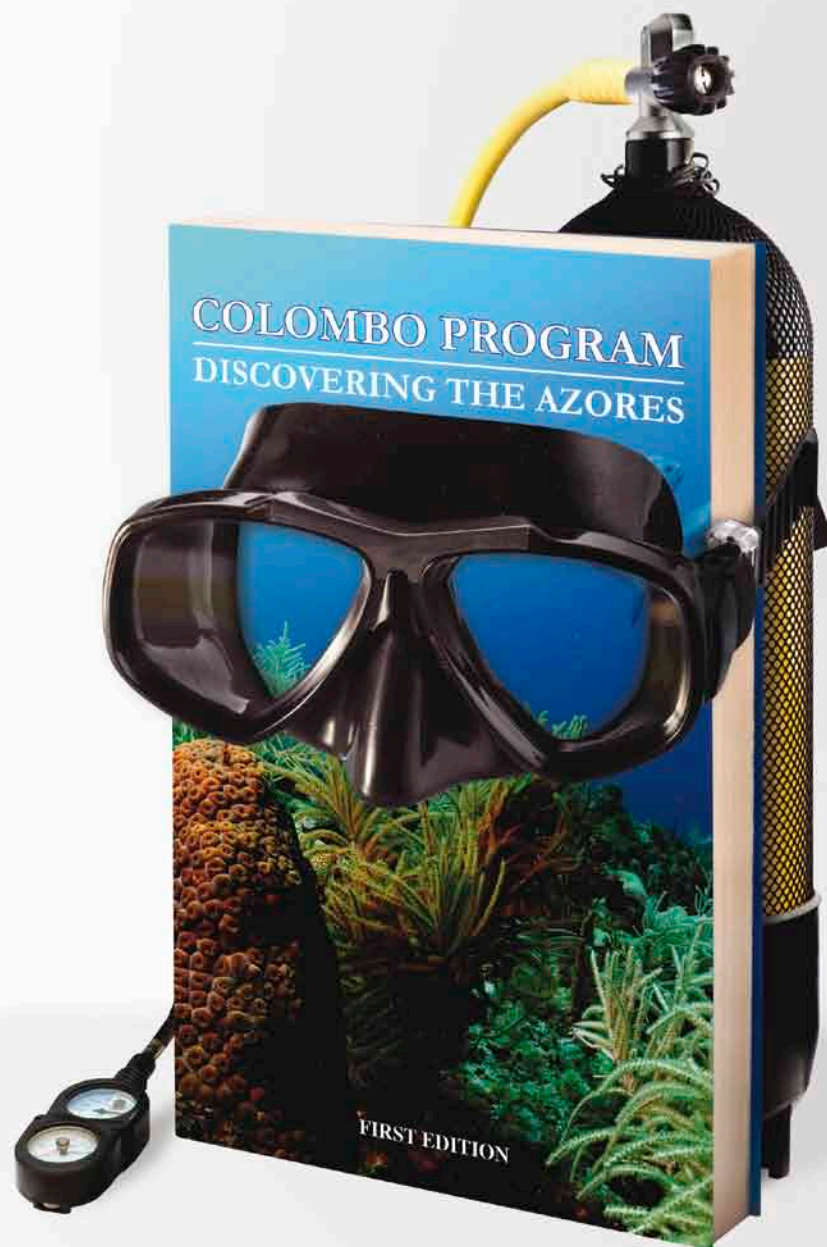
A joint effort involving the Regional Department for the Communities, Brock University, the University of British Columbia, the University of Toronto, and the University of the Azores, the colloquium entitled “Narrating the Portuguese Diaspora: Identity and Culture Beyond Borders,” was held in March at Hart House on the campus of the University of Toronto. The event included four panel discussions: “Worlds of Identity: Pluralities of the Portuguese Diaspora;” “The Portuguese Diaspora in Canada: Data for Future Research;” “Azorean Identity in a Multicultural

Ontario: Perspectives;” and “Testimonials: Reflecting on a Community in Transition – 5 Decades Later.” Taking part in the event were researchers and academics from the Azores, mainland Portugal, Canada, the United States, and Brazil as well as students of Portuguese descent from Toronto. The colloquium was adjunct to the meeting of the Scientific Council of the «ComunidadesAcorianas.org» website that was held in Ontario’s Casa dos Açores. Also participating in the colloquium was the regional director for the communities, who took the opportunity to visit a number of Portuguese and Canadian social-aid, cultural, and academic institutions located in Mississauga, Oakville, Hamilton, Brampton and London.

In May, free courses in Portuguese, Entrepreneurship, English, and Computer Science were inaugurated for immigrants living on Faial, Pico, S. Jorge, Terceira, and São Miguel. The courses are designed to give immigrants in the Region skills that will enable them and their families to integrate better socially and professionally.

Likewise in May, the 2nd edition of the course entitled “Citizenship and Cultural Diversity in Professional Practice,” was launched on São Miguel. Organized by the Regional Department for the Communities and the National Administration Institute, the course gives participants the knowledge and skills they need to live and work in increasingly open, complex environments, while awakening them to the need to become active European citizens in tune with the world, and respectful of cultural diversity and the values that underlie all cultures. It also broaches ways to include, within the activities participants carry out with culturally diverse communities, the concept of global citizenship and intercultural dealings, in accordance with applicable law. The ultimate aim is to find well-integrated solutions and a coherent course of action that will enhance the individual’s and the institution’s performance and lead to greater public participation, harmony, justice, and social balance. In short, it motivates both professionals and institutions to find the most suitable answers to the issues raised by a diverse public seeking their services.

IT'S TIME TO EXCHANGE THEORY FOR PRACTICE.



YOUR FUTURE IS IN THE AZORES

The Government of the Azores gives you the opportunity to have a different and enriching professional experience, learn a new language and live an adventure, contributing to the development of the land of your origins. If you are of Azorean descent up to the 4th generation and have just completed your degree, accept the challenge and come to the Azores under the Training Program **Colombo**.

For more information: www.colombo.azores.gov.pt, colombo@azores.gov.pt or contact your university.



supported by:



An initiative under the Agreement of Lajes Air Base



PEJAC – Plataforma de Entendimento Jovem Açores/Comunidades «uma ponte para o futuro»

No passado mês de Setembro de 2009, na cidade de Ponta Delgada, foi oficialmente criada a *PEJAC* – Plataforma de Entendimento Jovem Açores/Comunidades. Esta plataforma resultou da conjugação de esforços e intenções do Governo Regional dos Açores (através das Direcções Regionais das Comunidades e da Juventude) e dos representantes das associações presentes nos Encontros de Jovens de 2008 e 2009.

A *PEJAC* é, acima de tudo, o resultado palpável da vontade de proporcionar a reflexão e o debate aos jovens oriundos das Comunidades, aproximando-os do movimento associativo juvenil dos Açores, no sentido de despertar o interesse daqueles pela terra de origem dos seus antecessores, bem como estabelecer pontes para o futuro e para a consolidação da participação política e cívica nas Comunidades através dos jovens.

Como surgiu a PEJAC?

O Encontro de Jovens – Açores/Comunidades, subordinado ao tema *Uma Ponte para o Futuro*, decorreu de 2 a 5 de Agosto de 2008, na cidade de Ponta Delgada, e teve como resultado a *Declaração de Ponta Delgada* – uma declaração de intenções que previa a criação de um Grupo de Trabalho Informal, cujo objectivo era o de preconizar um maior relacionamento entre as Comunidades e os Açores.

O Grupo de Trabalho Informal foi constituído com a representação dos seguintes mandatários: Açores – Paulo Nascimento Cabral; Continente Português – Nuno Bettencourt; Canadá – Lucília Santos; E.U.A. – Nelson Ponta Garça; Brasil – Rogério Medeiros; e Rogério Sousa como mandatário-geral, responsável pela coordenação do grupo de mandatários.

Durante os meses que mediaram entre o Encontro de Jovens de 2008 e o de 2009, foi feito o levantamento das necessidades específicas e gerais das comunidades onde estavam inseridos os mandatários de cada região e chegou-se à conclusão de que seria necessário criar-se uma espécie de *ponto de encontro* que permitisse a congregação de todas as associações do Encontro de Jovens.

A PEJAC – Primeiros Passos

Partindo então do pressuposto de que todas as associações representadas pelo grupo de mandatários sentiam a necessidade de uma *plataforma* comum de partilha de informação, registos, projectos, experiências e ideias, o Grupo Informal de Trabalho realizou uma reunião. Esta reunião, que decorreu nas cidades de São José e São Leandro, Califórnia, definiu então a solução da criação de uma Plataforma de Entendimento entre associações.

Assim, o Grupo de Trabalho Informal trabalhou colaborativamente na redacção dos Estatutos provisórios daquela que, em Setembro de 2009, ficou conhecida como a *PEJAC* – Plataforma de Entendimento Jovem Açores Comunidades. A apresentação dos estatutos foi feita no Encontro de Jovens de 2009, subordinada ao tema *O Reforço do Papel da Juventude nos Açores e nas Comunidades*, que decorreu de 5 a 7 de Setembro, na cidade de Ponta Delgada.

Os estatutos da *PEJAC* foram ratificados por unanimidade, por todas as associações presentes no Encontro de Jovens de 2009. Posteriormente procedeu-se à votação dos órgãos sociais da *PEJAC*, tendo o seu Secretariado, Assembleia Geral e Conselho Fiscal sido votados por maioria de 40 votos a favor, num total de 41 associações presentes. Deste modo e a 7 de Setembro de 2009, a *PEJAC* viu finalmente a sua estrutura criada e reconhecida pelos restantes membros.

Portal Nova Geração (www.pejac.org)

A *PEJAC*, para além dos objectivos definidos na sua estrutura, criou o *Portal Nova Geração*, alojado no servidor

www.pejac.org. Este portal (ainda em fase de melhoramentos) pretende ser a *ferramenta* prática que permitirá, às associações-membro, a partilha de informação, calendários, contactos, gestão de sócios, gestão financeira, integração de conteúdos com redes sociais, intercomunicabilidade, entre outras possibilidades.

Presentemente, as associações-membro encontram-se na fase de habituação ao interface do portal, ao mesmo tempo que estabelecem parcerias com outras associações interessadas em fazer parte da PEJAC como plataforma de interacção. Contamos que até ao final de Setembro de 2010, precisamente um ano depois da ratificação da PEJAC como plataforma oficial, o portal Nova Geração se encontre em pleno funcionamento e seja utilizado pelo máximo de associações possível.

Como aderir à PEJAC

Para ser membro da PEJAC é necessário ser-se uma associação/entidade com sede nos Açores, em Portugal Continental ou em qualquer uma das Comunidades portuguesas no mundo, sendo que só serão admitidas entidades que, nos Açores, sejam Associações Juvenis, constantes do RRAJ; que nos restantes territórios sejam instituições que tenham/comprometam a criar o cargo de director jovem, ou que tenham pelo menos 1/3 dos membros dos seus órgãos eleitos com idade igual ou inferior a 35 anos.

Cumulativamente, é necessário contemplar, no seu Plano de Actividades, ratificado em Assembleia-geral, pelo menos um dos seguintes objectivos:

a) Proporcionar a reflexão e o debate dos jovens oriundos das comunidades, aproximando-os do movimento associativo juvenil dos Açores;

b) Divulgar a actualidade dos Açores nas suas múltiplas vertentes;

c) Promover o incremento dos intercâmbios de jovens;

d) Traçar linhas orientadoras a curto, médio e longo prazo de acção plena nas comunidades e nos Açores;

e) Manter e divulgar a cultura açoriana, nas suas diversas características e manifestações.

Cumprindo estes requisitos, bastará então fazer um pedido de admissão ao Secretariado da PEJAC, incluindo cópia ou fotocópia dos Estatutos da Associação candidata; o número de registo de pessoa colectiva; lista nominal dos órgãos sociais da Associação candidata e cópia do último Relatório de Actividades ou, na ausência deste, uma descrição das actividades desenvolvidas pela associação.

Informações PEJAC

Segundo os Estatutos aprovados no Encontro de Jovens, a PEJAC não possui sede física. A sua representação física coincide com a sede legal da associação da qual é responsável o Mandatário-Geral da Plataforma, Presidente do Secretariado da PEJAC. Assim, presentemente, o Mandatário-Geral da PEJAC é Rogério Paulo Nogueira e Sousa (Presidente da Associação Cultural Burra de Milho)

Contacto Pessoal: rogeriopnsousa@gmail.com

Contacto da Associação Cultural Burra de Milho: burra.de.milho@gmail.com

Website: <http://burrademilho.blogspot.com> / Tel: +351 916 423 836

Morada: Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo

Canada Nova – Santa Luzia / 9700-130 Angra do Heroísmo / Terceira–Açores

ou : Apartado 317 / 9700 - Angra do Heroísmo / Terceira-Açores

ROGÉRIO P. NOGUEIRA E SOUSA





YUPAC – Youth Understanding Platform Azores /Communities «a bridge for the future»

In September 2009, in the city of Ponta Delgada, the YUPAC – Youth Understanding Platform Azores/Communities was officially created. This platform was the result of a set of intentions and efforts made by the Regional Government of the Azores (through the Regional Directions for Youth and for Communities) and the delegates of the associations present in the Youth Conferences of 2008 and 2009.

YUPAC is, above all, the visible result of the will to endorse the reflection and debate for young people of the Portuguese communities, making them closer to the youth associative movement of the Azores and thus more interested in their ancestors islands of origin. On the other hand, YUPAC aims to establish bridges for the future and the effective political and social participation by young people in their communities.

The origins of YUPAC

The Youth Debate Azores/Communities, on the subject *A Bridge for the Future*, was held in Ponta Delgada, between 2 and 5 of August 2008. Its immediate result was the *Declaration of Ponta Delgada* – a set of intentions that created an Informal Work Group to increase the relations between the Communities and the Azores.

The Informal Work Group was created with the representations of the following delegates: Azores – Paulo Nascimento Cabral; Portuguese mainland – Nuno Bettencourt; Canada – Lucília Santos; USA – Nelson Ponta Garça; Brazil – Rogério Medeiros; and Rogério Sousa as a General Delegate, responsible for the coordination of the rest of Work Group.

During the months between the Youth Debates of 2008 and 2009, each delegate worked in the assessment of the general and specific needs of their home communities. The Work Group reached the conclusion that it would be necessary to create a sort of virtual *rendezvous* that would allow for the meeting of each and every association represented in the Youth Debates.

YUPAC – First Steps

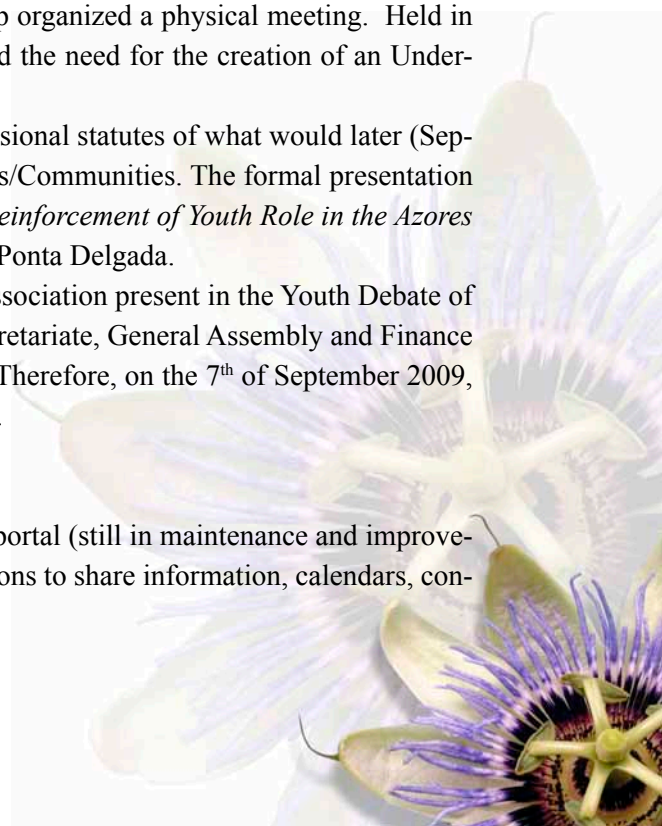
Since every association represented in the Youth Debates felt the need for a common *platform* where they could share information, records, projects, experiences and ideas, the Work Group organized a physical meeting. Held in the cities of San Jose and San Leandro, California, this meeting established the need for the creation of an Understanding Platform for the associations.

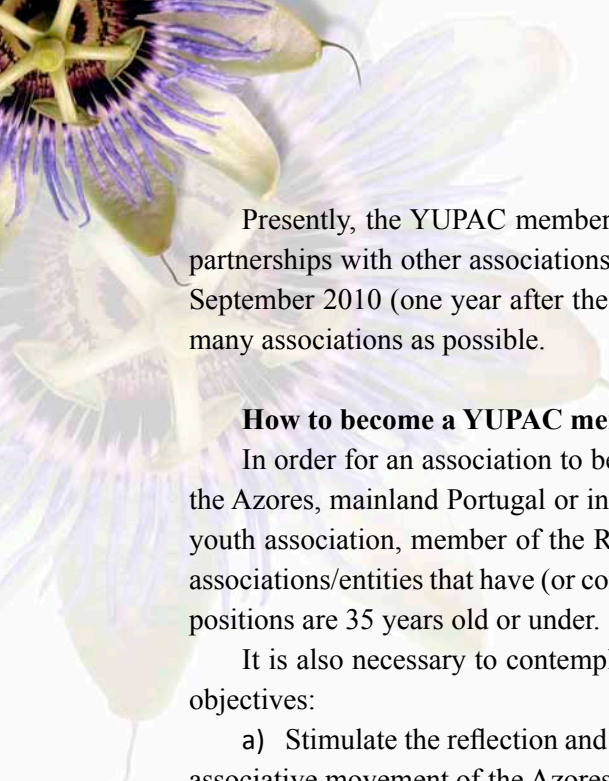
Therefore, the Work Group started working on the writing of the provisional statutes of what would later (September 2009) be known as YUPAC – Youth Understanding Platform Azores/Communities. The formal presentation of the statutes was done in the Youth Debate of 2009, on the theme of the *Reinforcement of Youth Role in the Azores and Communities*, between the 5th and 7th of September 2009, in the city of Ponta Delgada.

The YUPAC statutes were unanimously approved by each and every association present in the Youth Debate of 2009. Later on, the associations voted on the YUPAC composition – its Secretariate, General Assembly and Finance Counsel were voted by majority (40 out of 41) of the associations present. Therefore, on the 7th of September 2009, YUPAC saw its structure created and recognized by the rest of its members.

New Generation Portal (www.pejac.org)

YUPAC also created the *New Generation* portal: www.pejac.org. This portal (still in maintenance and improvements) aims to be the practical tool that will allow for the member-associations to share information, calendars, contacts, members, finances, social networks, amongst other possibilities.





Presently, the YUPAC members are now beginning to use the portal's interface, at the same time establishing partnerships with other associations also interested in becoming YUPAC members. We believe that until the end of September 2010 (one year after the official creation of YUPAC) the portal will be fully operational and used by as many associations as possible.

How to become a YUPAC member

In order for an association to be a member of YUPAC it has to be an association/entity with its headquarters in the Azores, mainland Portugal or in any other Portuguese Community around the world. In the Azores, it must be a youth association, member of the Regional Network of Youth Associations. In the rest of the territories, it must be associations/entities that have (or commit to create) the Young Director position, or that at least one third of its elected positions are 35 years old or under.

It is also necessary to contemplate, in the association's/entity's Annual Activities, at least one of the following objectives:

- a) Stimulate the reflection and debate among young people from the Communities, bringing them closer do the associative movement of the Azores;
- b) Divulge the contemporaneity of the Azores in its multiple aspects;
- c) Promote youth exchange programs;
- d) Outline guidelines for short, medium and long-term projects in the Communities and the Azores;
- e) Preserve and divulge the Azorean culture, in its multiple characteristics and manifestations.

Afterwards, the association/entity should address the YUPAC Secretary and ask to become a member, along with copy of the statutes of the candidate association; the collective registration number, the list of its elected organs, and a copy of the last Annual Activity Report (or a description of the association's/entity's activities of the previous year).

YUPAC Informations

According to the approved statutes, YUPAC does not have a physical headquarters. Therefore, its physical address is the same as of the association that the President of YUPAC represents. Presently, the YUPAC President is Rogério Paulo Nogueira e Sousa (President of the cultural association *Burra de Milho*)

Personal email: rogeriopnsousa@gmail.com

Cultural Association *Burra de Milho* email: burra.de.milho@gmail.com

Website: <http://burrademilho.blogspot.com>

Phone: +351 916 423 836

Address:

Centro Cultural e de Congresso de Angra do Heroísmo

Canada Nova – Santa Luzia / 9700-130 Angra do Heroísmo / Terceira-Açores

or: Apartado 317 / 9700 - Angra do Heroísmo / Terceira-Açores

ROGÉRIO P. NOGUEIRA E SOUSA

Tradução do autor





Migration Futures: Perspectives on global changes

Ponta Delgada – Azores islands, 12-16 September 2011

More information at:

www.metropolis2011.org

www.visitazores.travel

www.azores.gov.pt





16ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL METROPOLIS NOS AÇORES: um espaço de discussão futura

Actualmente, falar de migrações significa compreender o fenómeno da mobilidade humana de cerca de 3,1% da população mundial, segundo dados de 2008. A Organização Internacional das Migrações, no seu relatório anual de 2008, avança com números precisos sobre o peso que as migrações têm no planeta, nomeadamente, o trabalho originado pelos 214 milhões de migrantes no mundo, que correspondem a um volume de cerca de 444 mil milhões de dólares, sendo 338 mil milhões enviados para países subdesenvolvidos.

Sendo 49% do sexo feminino, são os Estados Unidos da América o país que mais recebe imigrantes (cerca de 42,8 milhões), sendo a China, a Índia e as Filipinas os locais de onde mais se emigra, com volumes de 35, 20 e 7 milhões, respectivamente. Todos estes valores correspondem a números oficiais, mas sempre que falamos de imigração ilegal, a Organização Internacional das Migrações avança para um intervalo entre 20 a 30 milhões de ilegais, referindo também os 26 milhões de migrantes deslocados devido a conflitos em 52 países mais os 16 milhões de refugiados.

Porém, o impacto das migrações vai mais longe do que os próprios números. As migrações ocupam grande parte da agenda pública e política do discurso mundial, pois um fenómeno social interdisciplinar provoca a criação e adaptação constantes de políticas sociais bem vincadas.

Qualquer sociedade que caminhe na modernidade e em direcção a ela não poderá desprezar tal situação, devendo criar condições, a todos os níveis, para uma boa aplicabilidade de normas (políticas, sociais, económicas, entre outras) que permitam um respeito pelo ser humano, independentemente da sua condição na sociedade (residente natural ou migrante).

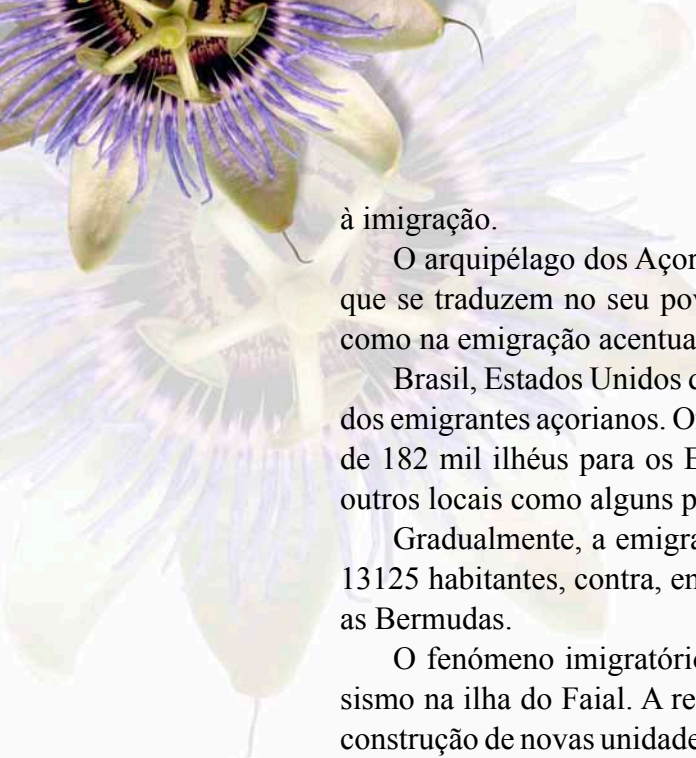
A criação de uma cultura de paz e justiça numa sociedade passa, numa primeira instância, pela forma como são administradas as políticas dirigidas, de forma igualitária, aos seus residentes. Aliás, são estes residentes, independentemente da sua raça, etnia, cultura ou género, que promovem o desenvolvimento e a inovação da sociedade em que estão inseridos.

Actualmente, deparamo-nos com uma crescente diversidade cultural, embebida em aculturações diversas.

Numa era em que a mobilidade humana toma contornos cada vez maiores, as sociedades ditas receptoras de populações estrangeiras deparam-se com uma dúbia realidade. Por um lado, vêem a imigração como um “reparo” ou “restauro” à falta de mão-de-obra, ou seja, imigração substituindo emigração; por outro, estão reticentes a uma integração precária que crie climas de tensão entre os habitantes, por diferenças raciais, étnicas, religiosas ou outras.

De igual modo, estamos perante uma construção de novas formas de estar, onde a competitividade assume um papel fulcral no desenvolvimento e progresso das sociedades. Estados, regiões, cidades, sociedades e Homens competem entre si, na tentativa de concretizarem os seus objectivos, esquecendo-se, por vezes, de quem vive ao seu lado, criando redes sociais especificamente profissionais e familiares.

Historicamente, Portugal foi, desde sempre, um país de repulsão, de onde saíram milhares de pessoas que se espalharam pelos quatro cantos do Mundo. As tendências migratórias alteraram-se. Não descurando os números emigratórios, o fenómeno da imigração destacou-se na última década. No entanto, estudos recentes apontam para um aumento da emigração portuguesa face



à imigração.

O arquipélago dos Açores, desde o seu descobrimento, tem assistido a variadas alterações, que se traduzem no seu povoamento singular, nas significativas oscilações económicas, bem como na emigração acentuada ao longo dos anos.

Brasil, Estados Unidos da América, Bermudas, Havai e Canadá foram os principais destinos dos emigrantes açorianos. Oficialmente, sabe-se que, entre 1960 e 2009, saíram dos Açores cerca de 182 mil ilhéus para os Estados Unidos da América, Canadá e Bermudas, não esquecendo outros locais como alguns países da Europa, América Latina e Austrália.

Gradualmente, a emigração açoriana decresceu. A título exemplificativo, em 1969 saíram 13125 habitantes, contra, em 2009 (último ano observado), 130 açorianos, na sua maioria para as Bermudas.

O fenómeno imigratório nos Açores destacou-se a partir de 1998, ano em que sucedeu o sismo na ilha do Faial. A reconstrução dos estragos feitos pelo sismo, o crescente aumento da construção de novas unidades hoteleiras e desenvolvimento de respectivas actividades turísticas, o aumento da qualidade de vida ou mesmo o espírito de “aventura”, foram causas para que os Açores passassem de uma Região de repulsão para uma de atracção.

Aqui, no meio do Atlântico, de onde partiram aos milhares em busca de uma nova oportunidade na vida, hoje vive-se uma convergência cultural, criando-se novas redes sociais, profissionais e culturais. Os Açores estão a ganhar uma pluralidade cultural sem precedentes. É um crescimento de todos e para todos. É um processo retroactivo.

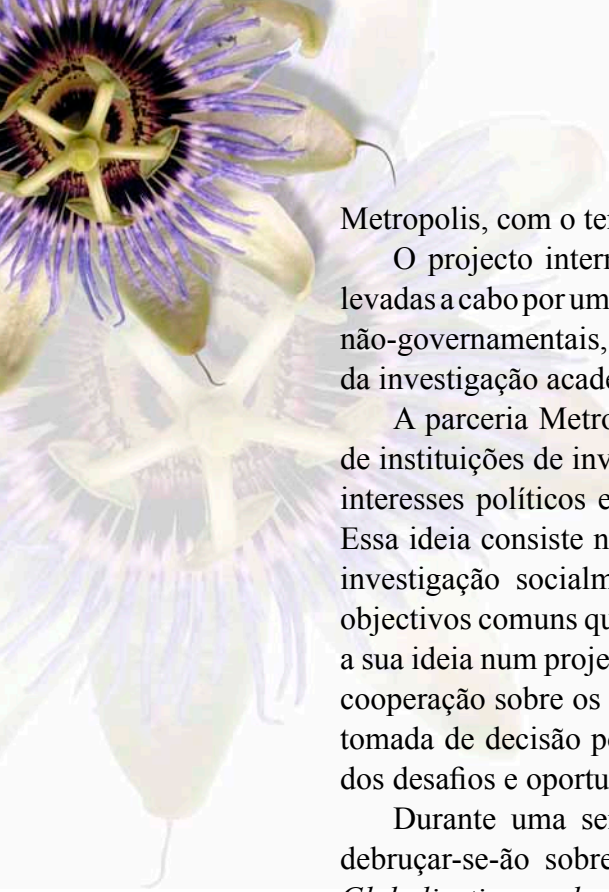
E é nesta dimensão de partidas e chegadas que as migrações dos Açores suscitam interesse no meio académico, político e social, sendo as suas especificidades transversais a outras tantas ilhas que, pela sua condição geográfica, comungam dos mesmos fenómenos e de semelhantes desafios.

No entanto, as migrações insulares determinam a configuração populacional de outros locais, nomeadamente espaços continentais. E os Açores são um exemplo bem visível das repercussões das migrações.

Foi neste sentido que a Região Autónoma dos Açores se apresentou ao mundo como um local da dualidade migratória, sendo um espaço propício a uma reflexão profunda dos maiores desafios migratórios da contemporaneidade.

De 12 a 16 de Setembro de 2011, a cidade de Ponta Delgada será o palco de uma das maiores conferências do mundo sobre o tema das migrações, a 16ª conferência internacional





Metropolis, com o tema “Migration Futures: perspectives on global changes”.

O projecto internacional Metropolis consiste num conjunto de actividades coordenadas, levadas a cabo por um grupo de instituições de investigação, organizações políticas e organizações não-governamentais, que partilham uma visão de fortalecimento da política migratória através da investigação académica aplicada.

A parceria Metropolis, que se estende actualmente a mais de 20 países, inclui uma série de instituições de investigação e organizações políticas que representam um leque alargado de interesses políticos e académicos, baseado no interesse e relevância da sua ideia fundadora. Essa ideia consiste na promessa de uma actuação política mais eficaz, assente em práticas de investigação socialmente relevantes, numa colaboração internacional entusiástica, visando objectivos comuns que congreguem as pessoas em torno do Metropolis, com vista a transformar a sua ideia num projecto concreto. A ideia subjacente é a de que os seus membros trabalhem em cooperação sobre os temas da imigração e da integração, com o objectivo último de reforçar a tomada de decisão política e assim possibilitar uma melhor gestão, por parte das sociedades, dos desafios e oportunidades colocados pela imigração, particularmente ao nível das cidades.

Durante uma semana, centenas de políticos, académicos, investigadores, entre outros, debruçar-se-ão sobre o fenómeno das migrações, em diversas perspectivas. Temas como: *Globalization and migration in the South; International Mobility in Integrated Economic Spaces; Migration in the context of islands; The effects of large-scale emigration on homelands; Maintaining relations within the Diasporas; The fostering of transnational identities through Internet and social networking website; Ageing and migration e Living in Multicultural Cities: interethnic relations and daily life* serão alvo de uma profunda discussão.

Numa organização internacional, liderada pelo Governo dos Açores, em parceria com as Universidades dos Açores e de Lisboa, com o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, com a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, bem como com instituições internacionais do Canadá e da Holanda, esta conferência servirá para a procura de respostas concretas que possam, de alguma forma, servir de auxílio aos líderes mundiais para compreenderem melhor os impactos do fenómeno migratório nas sociedades actuais.

As informações da 16ª Conferência Internacional Metropolis poderão ser consultadas em www.metropolis2011.org.

PAULO TEVES





16TH INTERNATIONAL METROPOLIS CONFERENCE IN THE AZORES: a place for future discussion

Talking about migration currently implies understanding the phenomenon of human mobility which, according to 2008 data, affects nearly 3.1% of the world's population. In its 2008 Annual Report, the International Organization for Migration published specific data regarding the effect migration has had throughout the globe. In reality, the work carried out by the 214 million migrants throughout the world amounts to nearly 444 billion dollars, 338 billion of which are sent to lesser developed countries.

Forty-nine percent of the world's emigrants are women. The United States is the largest host country (with 42.8 million immigrants), while China, India, and the Philippines are the largest countries of origin for émigrés with 35, 20, and 7 million emigrants, respectively. All these are official statistics, but then there is illegal immigration, which the International Organization for Migration sets at between 20 to 30 million individuals, plus 26 million who have migrated away from conflict zones, and 16 million refugees.

But the impact of migration involves much more than numbers. Migration occupies a prominent place on the public and political agenda worldwide, since it is an interdisciplinary social phenomenon that leads to the constant creation and adaptation of longstanding social policies.

Societies that are modern – or aim to be – should not overlook circumstances but create conditions, at every level, to enable political, social, economic (and other) norms that foster respect for the human being, regardless of his or her status in society (native citizen or migrant).

The establishment of a culture of peace and justice - from the outset - depends on how policies are carried out. This implies equal treatment for all residents, since a country's residents, regardless of their race, ethnic makeup, culture or gender, have a hand in fostering development and innovation in the host society. Moreover, we are currently being called on to deal with increasing diversity born of a wide spectrum of cultures.

In an era in which human mobility is constantly on the rise, societies that play host to foreign populations have wavered in their stance toward the reality of immigration. On the one hand they regard it as a means of “repairing” or “replenishing” the shortfall in manual laborers. In other words, immigration acts as a substitute for emigration. On the other hand, they are wary that social integration will be haphazard, thereby creating friction among the inhabitants owing to racial, ethnic, and religious differences, among others.

In addition, the influx of new immigrants also implies adopting a new approach toward life in which competitiveness assumes a crucial role in moving society forward. Countries, regions, cities, societies, and individuals are all competing with each other in order to achieve their goals, and they sometimes forget about their next door neighbors who are also there, setting up social networks to cater to their own professional and family needs.

Throughout history Portugal has been an “outflow” country from which thousands of people have emigrated and gone on to settle in the four corners of the world. But migratory trends change and though the number of Portuguese emigrants is still a factor to reckon with, it is immigration that has moved front and center in the last ten years. It is interesting to note though

that recent studies point to a rise in Portuguese emigration when compared to immigration trends.

Since it was discovered, the Azorean archipelago has undergone a host of changes that are reflected in its unusual settlement profile, the significant oscillations that have taken place in the islands' economy, and pronounced emigration that has characterized the Azores over the years.

Brazil, the United States, Bermuda, Hawaii, and Canada have been the destinations of choice for Azorean émigrés. Official records show that between 1960 and 2009, close to 182 thousand islanders left for the US, Canada, and Bermuda as well as a number of European countries, Latin America, and Australia.

Azorean emigration has gradually declined. For example, in 1969, 13,125 inhabitants left the islands as opposed to 130 in 2009 (the last year studied), most of whom went to Bermuda.

Immigration to the Azores first became noticeable in 1998 the year of the earthquake on Faial Island. The need for earthquake damage repair, the step up in construction of new hotels and corresponding upswing in tourism-oriented activities, the increase in the standard of living on the islands, and maybe even a certain spirit of adventure among immigrants meant that the Azores were to go from a place of outflow to a pole of attraction for newcomers.

Here in mid-Atlantic, the departure point for thousands seeking new opportunities, we are now experiencing a cultural convergence, with new social, professional, and cultural networks springing up. In effect, the Azores have begun to display a cultural diversity unlike anything in the past. It is a development that favors everyone and one that acts retroactively.

This scenario of arrivals and departures in the Azores has now sparked interest in academic, political, and social circles. The reason is that the Azores share characteristics with a number of other islands which have experienced like phenomena and similar challenges because of their geographic position.

Yet island-based migration also determines the populational profiles of other locations, primarily those on the mainland. And here the Azores serve as a telling example of the repercussions of migration.

Bearing this in mind, the Autonomous Region of the Azores recently introduced itself to the world as a locale of migratory duality and an ideal place to meet and examine the main challenges posed by migration today.

From September 12 to 16, 2011 the city of Ponta Delgada will be the stage for one of the world's foremost conferences on migration --- the 16th International Metropolis Conference, which will bear the title "Migration Futures: perspectives on global changes".

The International Metropolis Project involves a set of coordinated initiatives that are carried out by research institutions political organizations, and NGOs that share the common goal of strengthening migratory policy through applied academic research.

The Metropolis partnership currently takes in 20 countries and embraces research institutions and political organizations that represent a wide range of political and academic interests in line with the Metropolis' founding premise. This is to foster more efficient political action, based on socially relevant research practices, in a climate of enthusiastic international cooperation, in order to achieve common goals and rally people around the organization so that its ideals can be turned into concrete projects. The bottom line is for all members to work together in the area of immigration and integration to ultimately aid in the process of political decision-making, thereby improving society's management of the challenges and opportunities posed by immigration, especially where cities are concerned.



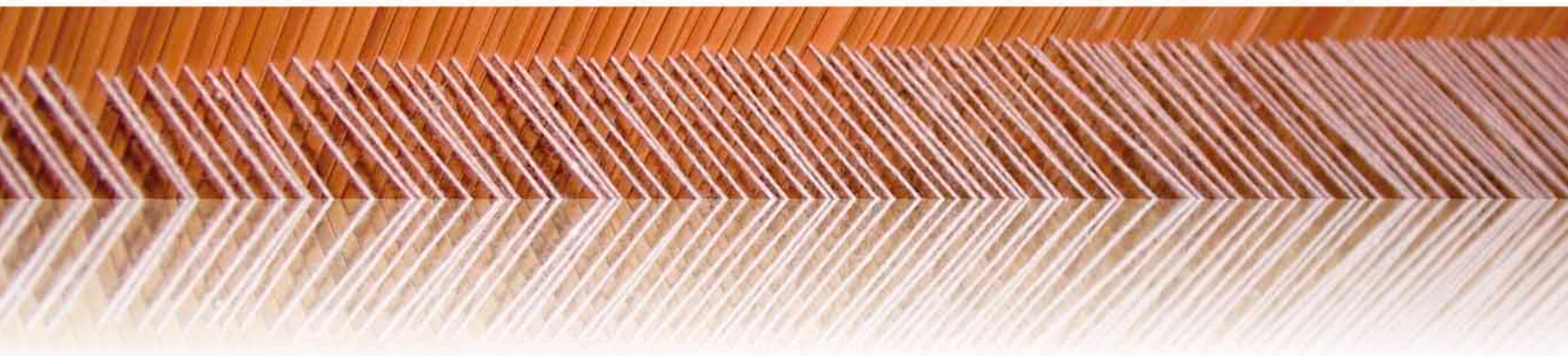
During the week of the conference, hundreds of politicians, academics, researchers, and other participants will discuss migration from a number of vantage points. A host of timely topics will be covered in depth such as: *Globalization and migration in the South; International Mobility in Integrated Economic Spaces; Migration in the context of islands; The effects of large-scale emigration on homelands; Maintaining relations within the Diasporas; The fostering of transnational identities through Internet and social networking websites; Ageing and migration and Living in Multicultural Cities: interethnic relations and daily life.*

The Regional Government of the Azores will be in charge of organizing the event in partnership with Azores University and Lisbon University, the Office of the High Commissioner for Immigration and Intercultural Dialogue, the Luso-American Development Foundation, and institutions from Canada and the Netherlands. During the week participants and speakers will be seeking concrete answers to help world leaders gain a greater understanding of how migration affects society today.

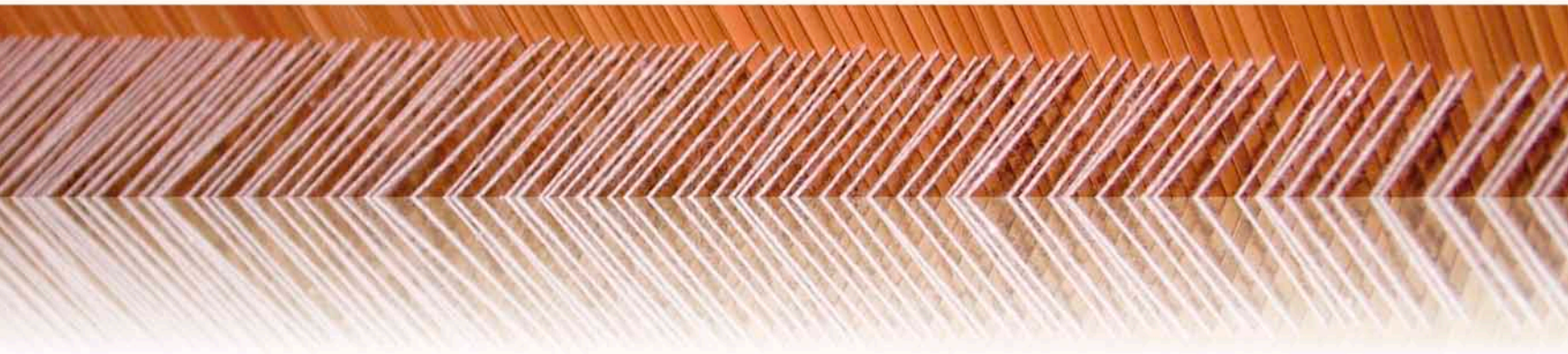
For more information on the 16th International Metropolis Conference, please go to www.metropolis2011.org.

PAULO TEVES





marés de todos os mares





O BINÓMIO SAZONALIDADE/ INTEGRAÇÃO: O CASO DA EMIGRAÇÃO AÇORIANA PARA AS BERMUDAS*

A Emigração açoriana para as Bermudas

Segundo Patrícia Mudd, as primeiras referências à emigração portuguesa para as ilhas Bermudas remontam ao ano de 1849: “*commencing from 1849 a small but steady stream of Portuguese immigrants continued to arrive from Madeira, Cape Verde Islands, and the Azores in response to Bermuda’s liberal agricultural policy*”. Motivados sobretudo pelas dificuldades económicas sentidas no arquipélago dos Açores e pelo desejo de fugir ao serviço militar, muitos jovens do sexo masculino rumaram àquele arquipélago para trabalharem na agricultura: “*It was the spirit of improvement and the desire to develop the agricultural resources of Bermuda, during the 1840’s, that led to the introduction of the Portuguese to Bermuda*”ⁱ.

Apesar dos emigrantes açorianos terem começado a trazer as suas famílias somente na década de 1880, já nos anos 60 aquela comunidade se encontrava estabelecida na ilha. Uma década mais tarde, continuavam a aportar nas Bermudas trabalhadores açorianos, vindos em pequenas embarcações provenientes dos Açores e da Nova Inglaterra. Na década de 1890, a chegada de portugueses manteve-se constante, sendo a maioria originária do arquipélago dos Açores. Actualmente, a emigração açoriana tem como destino principal – se não mesmo o único com carácter relevante – as Bermudas. Entre 1960 e 2007, terão saído dos Açores cerca de 7.863 indivíduos rumo a esta regiãoⁱⁱ. Em 1978, Medeiros afirmava que cerca de 15% da população das Bermudas seria de origem açoriana e que, desses, cerca de 95% provinha da ilha de São Miguelⁱⁱⁱ. Actualmente, estima-se que 18% da população bermudiana seja portuguesa, da qual cerca de 90% sejam micaelenses^{iv}.

Acordo Relativo às Condições Gerais de Emprego e Residência dos Trabalhadores Portugueses Contratados nas Bermudas

Fruto da corrente imigratória de Portugal, sobretudo dos Açores para as Bermudas e com o intuito de proteger os migrantes lusos dos abusos dos empregadores bermudianos motivados particularmente pela barreira linguística, os governos das duas regiões assinaram, em 1984, um acordo relativo às condições

* Artigo adaptado do trabalho de investigação desenvolvido no âmbito do curso de Mestrado em Ciências Sociais, especialização em Migrações e Sociedade, da Universidade dos Açores.

i As citações deste parágrafo pertencem a Patrícia Mudd. Sobre a sua origem, “*Azoreans, not only from the larger island of São Miguel, but from the smaller islands of San Jorge, Faial and Santa Maria, were already working the Bermuda soil in the early 1870’s*”. Patrícia Marirea Mudd *Portuguese Bermudians, an Early History and Reference Guide 1849 – 1949*, Historical Research Publishers, Louisville, Kentucky, 1991.

ii De acordo com dados da Direcção Regional das Comunidades.

iii Manuel Raposo de Medeiros, “O Problema de Transporte de e Para a Bermuda”, in *I Congresso das Comunidades Açorianas*, Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada, 1978.

iv De acordo com dados da Direcção Regional das Comunidades.

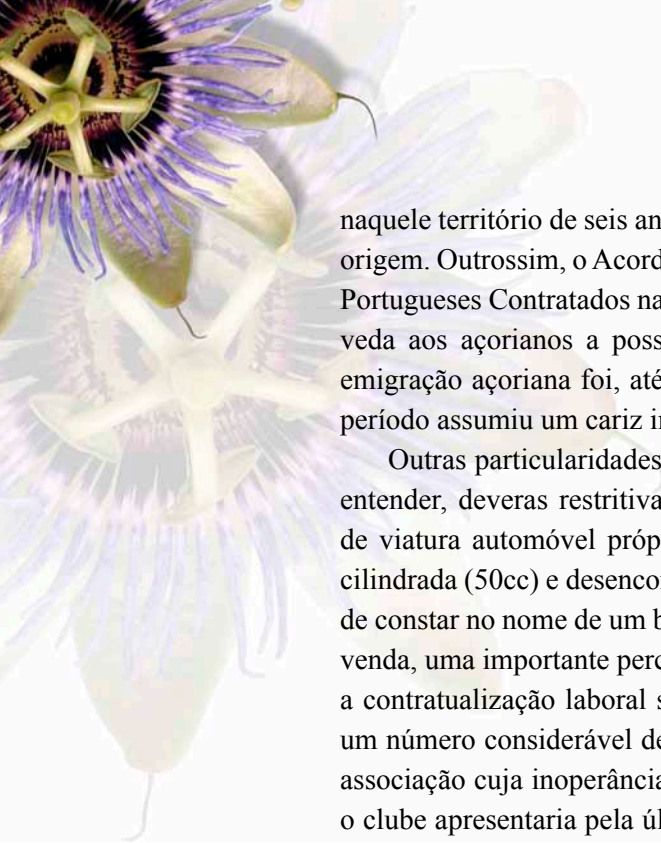
de trabalho e residência dos trabalhadores portugueses naquele arquipélago. Segundo o referido diploma, os trabalhadores são recrutados em território português de acordo com as necessidades de mão-de-obra apresentadas pelo *Department of Labour and Immigration* das Bermudas à Secretaria Regional do Trabalho e à Secretaria Regional dos Assuntos Sociais em Portugal. Os contratos têm a duração de dois anos, podendo ser renovados até ao período máximo de seis. Igualmente, os trabalhadores contratados gozam do direito de ter consigo a respectiva família – mulher e filhos até ao número de dois – desde que possuam alojamento adequado para o efeito. Estes têm acesso tanto ao mercado de trabalho, como ao sistema de ensino vigentes nas ilhas. Ainda segundo o diploma, o trabalhador, findo o primeiro contrato e em caso de desemprego, poderá mudar de entidade patronal ou de actividade profissional, de acordo com a política de imigração da região, estipulando ainda a obrigatoriedade de dispensa de 1/3 do vencimento auferido pelo trabalhador português aos dependentes directos em Portugal.

Cabe às autoridades competentes das Bermudas e ao cônsul português promover a integração social do cidadão português e da sua família, e de averiguar as condições de alojamento deste, quer quando da responsabilidade da entidade patronal, quer quando da responsabilidade do próprio. Finalmente, os trabalhadores portugueses e as suas famílias gozam de tratamento laboral e legal não menos favorável do que o disponibilizado aos operários da mesma actividade ou profissão.

O caso dos emigrantes açorianos nas Bermudas

Ao contrário da tipologia da emigração para os outros destinos, que permite a permanência a título definitivo, para esta região apresenta um carácter sazonal, sendo o tempo máximo de fixação





naquele território de seis anos, findos os quais o emigrante tem obrigatoriamente de regressar ao país de origem. Outrossim, o Acordo Relativo às Condições Gerais de Emprego e Residência dos Trabalhadores Portugueses Contratados nas Bermudas prevê o reagrupamento familiar. Contudo, na prática, o governo veda aos açorianos a possibilidade de se fazerem acompanhar pelas suas famílias. De facto, se a emigração açoriana foi, até cerca de finais da década de 1980, uma emigração familiar, a partir deste período assumiu um cariz individual.

Outras particularidades não constantes no acordo e postas em prática a nível informal e, em nosso entender, deveras restritivas, são o facto de o governo bermudiano proibir ao imigrante a aquisição de viatura automóvel própria, permitindo apenas como meio de transporte as motorizadas de baixa cilindrada (50cc) e desencorajar a aquisição de habitação própria, uma vez que a casa forçosamente terá de constar no nome de um bermudiano, e não no do estrangeiro, mesmo que legítimo dono e, no acto da venda, uma importante percentagem do negócio reverterá para o autóctone. Ainda, na prática, é exigida a contratualização laboral somente a uma entidade patronal. Também, e não obstante a existência de um número considerável de açorianos no arquipélago, o fenómeno associativo resume-se a uma única associação cuja inoperância tem acrescido consideravelmente, sobretudo a partir de 2006, ano em que o clube apresentaria pela última vez um plano organizado de actividades^v. Na prática, a sua actividade queda-se pela organização de um almoço mensal com pratos típicos açorianos. A este propósito será importante atentarmos à representação que é feita do emigrante açoriano nas Bermudas. Acomodado, trabalhador, que se fecha em si mesmo, não lhe será dada muita visibilidade e preponderância, o que de resto explicará também o desapego dos governos português e bermudiano no apoio à língua portuguesa.

Considerações finais

Os emigrantes açorianos nas Bermudas deparam-se, de facto, com uma sociedade de acolhimento pouco receptiva ao elemento estrangeiro, sentimento expresso no Acordo Relativo às Condições Gerais de Emprego e Residência dos Trabalhadores Portugueses Contratados nas Bermudas e, mais ainda, nas restrições impostas informalmente pelo *Department of Labour and Immigration*. Por outro lado, aqueles, detentores de um capital cultural pouco elevado, acham-se privados na sociedade de acolhimento do apoio familiar – “grupo primário” por excelência e basilar na formatação social do meio e dos ideais do indivíduo^{vi}. Todos estes factores, associados ao carácter sazonal da sua permanência, assumem-se preponderantes para uma atitude de participação social, cultural e política *anémica* destes indivíduos. Discorrendo sobre a sazonalidade como elemento limitador da plena integração dos imigrantes, aquela, quando forçada pelo Estado (em particular dos pequenos Estados, como o bermudiano), impõe-se pela crença do estrangeiro como elemento prejudicial à sociedade, principalmente no que concerne ao acesso ao emprego e à divisão dos recursos. Tal imagem repousa na ideia da imigração como “novo Estado”, segundo Stavros Lambrinidis. De acordo com o relator grego, na União Europeia a população imigrante de tão notória deveria ser pensada à semelhança da constituição do Estado: “*We might think of these 40 million immigrants as the EU’s 26th Member State (and its seventh largest)*”^{vii}.

v De acordo com dados da Direcção Regional das Comunidades.

vi Charles H.Cooley, *Social Organization*, Glencoe, The Free Press, 1956.

vii Stavros Lambrinidis, *Working document on a Common Agenda for Integration Framework for the Integration of Third-Country Nationals in the European Union Committee on Civil Liberties*, Comité para a Justiça e Assuntos Internos, p. 2.

O conceito-chave que distingue o *modus vivendi* e a própria integração dos emigrantes açorianos nas Bermudas prende-se com as múltiplas percepções do termo “comunidade”. Mais do que um mero contingente físico e do que o reconhecimento afectivo dos seus elementos, uma “comunidade” efectivamente apenas se considera como tal quando o grupo de indivíduos que lá se estabeleceu se mostrar “útil para a acção governativa, por privilegiar factores qualitativos, a propensão associativa e os interlocutores reais, a sua capacidade de mobilização para o esforço de actuação conjunta”, perpassando assim a mera esfera do reconhecimento. Continuando, assevera Manuela Aguiar: “Não há, pois, comunidades sem objectivos, sem obra feita, sem um associativismo forte, autónomo, resistente à absorção pela cultura à sua volta dominante, ainda quando, como é o ideal, integrado e receptivo a interinfluências”^{viii}. Deste modo se prova a ressalva em considerar *de facto* a comunidade açoriana nas Bermudas como tal, pese a *lividez* do seu associativismo e do cunho identitário naquelas ilhas, apesar de serem uma das etnias mais representadas no arquipélago. Assim, a comparação com o (ainda que discutível) dinamismo e vitalidade das comunidades dos Estados Unidos, Canadá e até mesmo do Brasil seria sempre um exercício que pecaria por incoerente.

SÓNIA DUQUE

Bibliografia

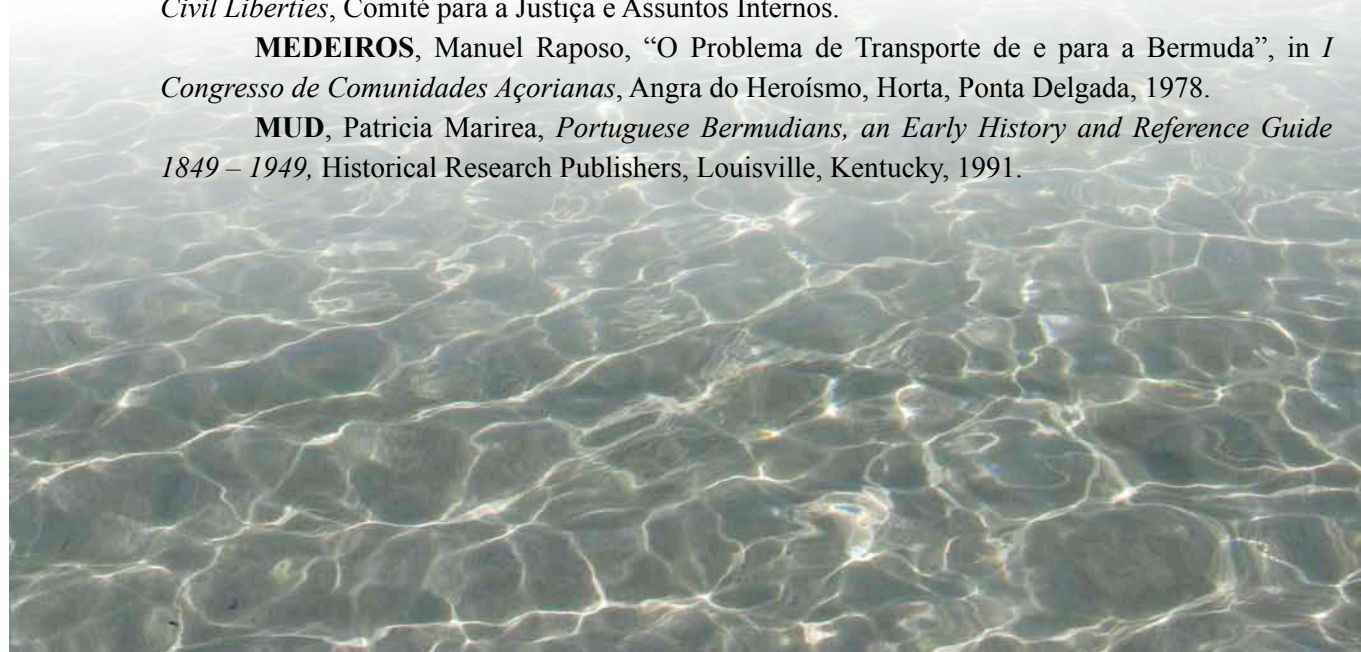
AGUIAR, Manuela, “Comunidades portuguesas cidadania e participação na vida nacional”, in *4.º Congresso de Comunidades Açorianas – Angra do Heroísmo*, Comissão Preparatória do IV Congresso de Comunidades Açorianas, 1995.

COOLEY, Charles H., *Social Organization*, Glencoe, The FreePress, 1956.

LAMBRINIDIS, Stavros, *Working document on a Common Agenda for Integration Framework for the Integration of Third-Country Nationals in the European Union Committee on Civil Liberties*, Comité para a Justiça e Assuntos Internos.

MEDEIROS, Manuel Raposo, “O Problema de Transporte de e para a Bermuda”, in *I Congresso de Comunidades Açorianas*, Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada, 1978.

MUD, Patricia Marirea, *Portuguese Bermudians, an Early History and Reference Guide 1849 – 1949*, Historical Research Publishers, Louisville, Kentucky, 1991.



viii Manuela Aguiar, “Comunidades portuguesas cidadania e participação na vida nacional”, in *4.º Congresso de Comunidades Açorianas – Angra do Heroísmo*, Comissão Preparatória do IV Congresso de Comunidades Açorianas, 1995, p. 105.



TEMPORARY STATUS VS. INTEGRATION: THE DICHOTOMY OF AZOREAN EMIGRATION TO BERMUDA*

Azorean Emigration to Bermuda

According to Patricia Mudd, the first mention of Portuguese emigration to the islands of Bermuda was in 1849. As Mudd states, “Commencing from 1849 a small but steady stream of Portuguese immigrants continued to arrive from Madeira, Cape Verde Islands, and the Azores in response to Bermuda’s liberal agricultural policy.” Motivated by the economic hardship assailing the archipelago at the time and the desire to avoid conscription, a large number of men set off for Bermuda to work in agriculture. As Mudd tells us, “It was the spirit of improvement and the desire to develop the agricultural resources of Bermuda, during the 1840s, that led to the introduction of the Portuguese to Bermuda.”¹

Even though their families would only follow in the 1880s, by the 1860s the Azorean community was already well-established on the island. A decade later, Azorean workers were still arriving on small vessels setting out from the Azores and New England. In the 90s the steady stream of Portuguese, mostly from the Azorean Archipelago, continued apace. Today the primary destination of emigration from the Azores – in fact the only destination of any note – is Bermuda. From 1960 to 2007, an estimated 7,863 individuals emigrated to this spot in the Atlantic.² In 1978, Medeiros claimed that close to 15% of Bermuda’s population hailed from the Azores and that 95% had come from São Miguel Island.³ It is estimated that currently 18% of the Bermudian population is of Portuguese descent, with 90% hailing from the island of São Miguel.⁴

Agreement Regarding General Conditions for Employment and Residence of Portuguese Hired to Work in Bermuda

As a result of Portuguese immigration in Bermuda, especially from the Azores, and with the intention of protecting Portuguese migrants from labor abuses practiced by Bermudian employers taking advantage of the language barrier, the governments of both regions signed an agreement in 1984 to assure fair treatment in the areas of labor practices and residence. The agreement states that workers are to be recruited in Portuguese territory in accordance with

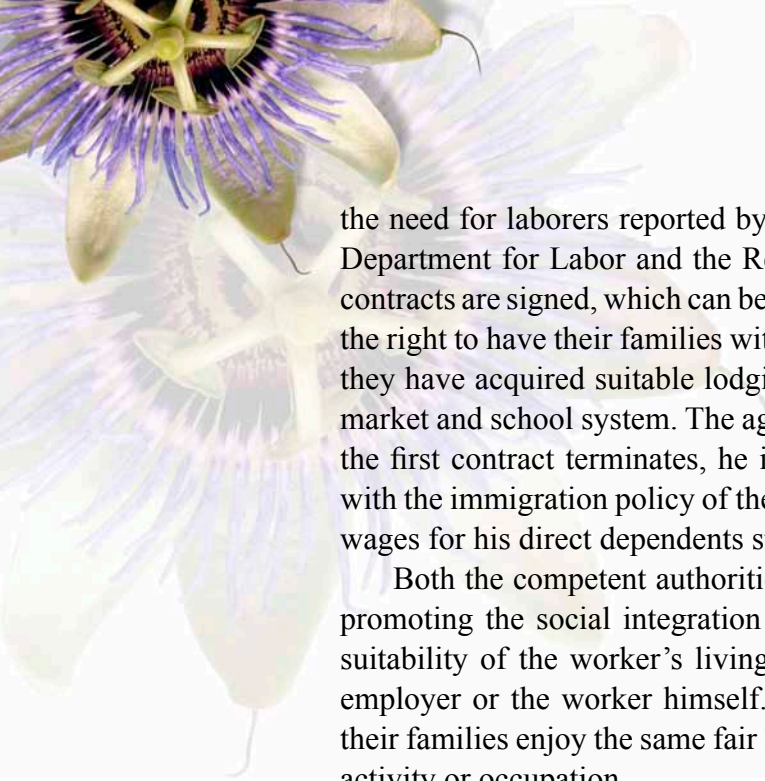
* This article has been adapted from a research project for the Master’s Program in Social Science, concentration in Migration and Society, at the University of the Azores.

¹ Quotes in this paragraph are by Patricia Mudd. On the origin of these immigrants she asserts, “Azoreans, not only from the larger island of São Miguel, but from the smaller islands of San Jorge, Faial and Santa Maria, were already working the Bermuda soil in the early 1870’s”. Patricia Marirea Mudd, *Portuguese Bermudians, an Early History and Reference Guide 1849 – 1949*, Historical Research Publishers, Louisville, Kentucky, 1991.

² According to data from the Regional Department for the Communities.

³ Manuel Raposo de Medeiros, “O Problema de Transporte de e Para a Bermuda”, in *I Congresso de Comunidades Açorianas*, Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada, 1978.

⁴ According to data from the Regional Department for the Communities.

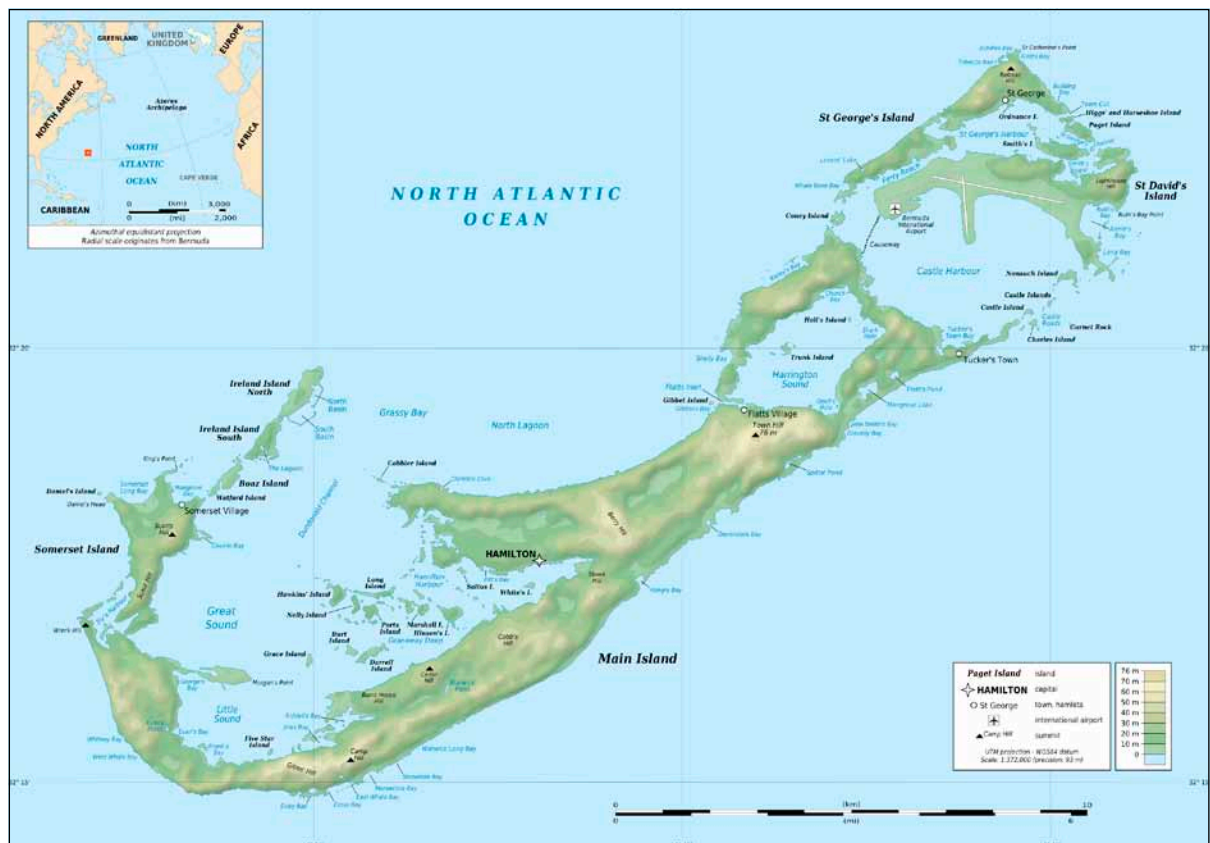


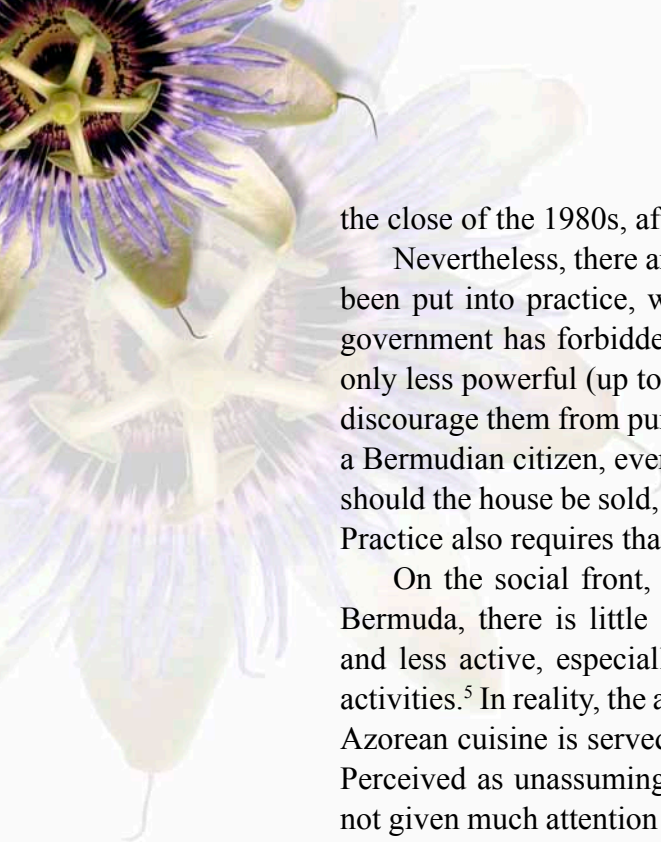
the need for laborers reported by the Department of Labour and Immigration to the Regional Department for Labor and the Regional Department for Social Affairs in Portugal. Two-year contracts are signed, which can be extended to a maximum of six years. Workers contracted have the right to have their families with them – their wife and no more than two children – provided they have acquired suitable lodging. The family members are given access to the island’s job market and school system. The agreement also stipulates that if the worker is unemployed after the first contract terminates, he is allowed to change employer or job activity in accordance with the immigration policy of the region; it also requires the worker to earmark one third of his wages for his direct dependents still residing in Portugal.

Both the competent authorities in Bermuda and the Portuguese consul are responsible for promoting the social integration of Portuguese workers and their families and verifying the suitability of the worker’s living conditions, whether their lodging has been secured by the employer or the worker himself. Lastly, the agreement assures that Portuguese workers and their families enjoy the same fair labor and legal treatment as other workers practicing the same activity or occupation.

The case of Azorean emigrants in Bermuda

Unlike other types of emigrant destinations, which allow for permanent residence, emigration to Bermuda is seasonal in nature and, as such, sets the maximum period of residence at six years, after which the emigrant must return to his country of origin. Nevertheless, the Agreement does allow for family reunification. However, the Bermuda government does not allow Azoreans to come over with their families. Therefore, whereas Azorean emigration was family-based until





the close of the 1980s, after this period it centered more on individual emigration.

Nevertheless, there are other rules of an informal nature – not in the Agreement – that have been put into practice, which we believe are unduly restrictive. For instance, the Bermuda government has forbidden immigrants from purchasing their own cars, allowing them to use only less powerful (up to 50 cc) motorcycles as a personal means of transportation. They also discourage them from purchasing their own homes by requiring that the deed be in the name of a Bermudian citizen, even though the foreigner may well be the legitimate owner. In addition, should the house be sold, a sizeable portion of the sale must be turned over to the native citizen. Practice also requires that the worker celebrate the work contract with only one employer.

On the social front, even though there are a considerable number of Azoreans living in Bermuda, there is little group organizing and only one association, which has grown less and less active, especially after 2006, the date it last came out with a planned schedule of activities.⁵ In reality, the association limits itself to organizing a lunch each month where typical Azorean cuisine is served. Yet also important is how Azorean emigrants are seen in Bermuda. Perceived as unassuming, hard-working people who keep to themselves, they are apparently not given much attention or importance, which is probably why the Portuguese and Bermudian governments have shown little commitment to sponsoring Portuguese language education on this Atlantic archipelago.

Final Remarks

The Azorean emigrant in Bermuda in reality must contend with a host society that is not particularly receptive to foreigners, and this sentiment is patent in the Agreement Regarding General Conditions for Employment and Residence of Portuguese Hired to Work in Bermuda. It is even more patent in the restrictions informally imposed on emigrants by the Department of Labour and Immigration. The emigrants themselves, with few cultural resources to fall back on, find themselves deprived of their family's support in the host society, the "primary group" par excellence, a key element in the social formation of a person's milieu and ideals.⁶ All of these factors plus the temporary nature of their stay, go a long way in explaining why these emigrants' social, cultural and political participation is so lackluster. Judged an element that keeps the immigrant from becoming fully integrated, the residency restriction, when forcibly put in place by the state (in particular small states like Bermuda) arise from the belief that the foreigner has a deleterious effect on society, mainly when it comes to access to jobs and the division of resources. This is what forms the backdrop behind the idea of immigration as a "new State" in the designation of Stavros Lambrinidis. In the opinion of this Greek rapporteur, the immigrant population in the EU is so significant that it should be regarded as constituting a state of its own. As Lambrinidis himself states, "We might think of these 40 million immigrants as the EU's 26th Member State (and its seventh largest)."⁷

The key concept that defines the modus vivendi and the integration of Azorean emigrants

⁵ According to data from the Regional Department for the Communities.

⁶ Charles H. Cooley, *Social Organization*, Glencoe, The Free Press, 1956.

⁷ Stavros Lambrinidis, *Working document on a Common Agenda for Integration Framework for the Integration of Third-Country Nationals in the European Union Committee on Civil Liberties*, Comité para a Justiça e Assuntos Internos, p. 2.

in Bermuda is linked to the multiplicity of ways we perceive the term “community.” More than a mere physical contingent and the affective recognition of its members, a “community” can rightly only bear the name when the individuals who have settled there are “useful in the act of governance, by favoring qualitative factors, a propensity toward associativism and real interlocutors, as well as a capacity to mobilize in an effort to act together.” It is thus that they go beyond the sphere of merely being recognized as a group. In this same vein, Manuela Aguiar asserts, “There are no communities without objectives, without accomplishments, without strong organizations that are autonomous and resistant to being absorbed by the dominant culture around them, even when – as is ideal – they are integrated and receptive to other influences.”⁸ This is why we are so loath to consider the Azorean *community* in Bermuda as such, given the flimsiness of its associativism and the slight mark identity-wise it has made in the archipelago, despite the fact that it is one of the most numerous ethnic groups in Bermuda. Therefore to compare it to other (arguably) dynamic, vital communities such as those in the US, Canada and even Brazil, in the same terms, would indeed be an exercise in inaccuracy.

SÓNIA DUQUE

Bibliografia

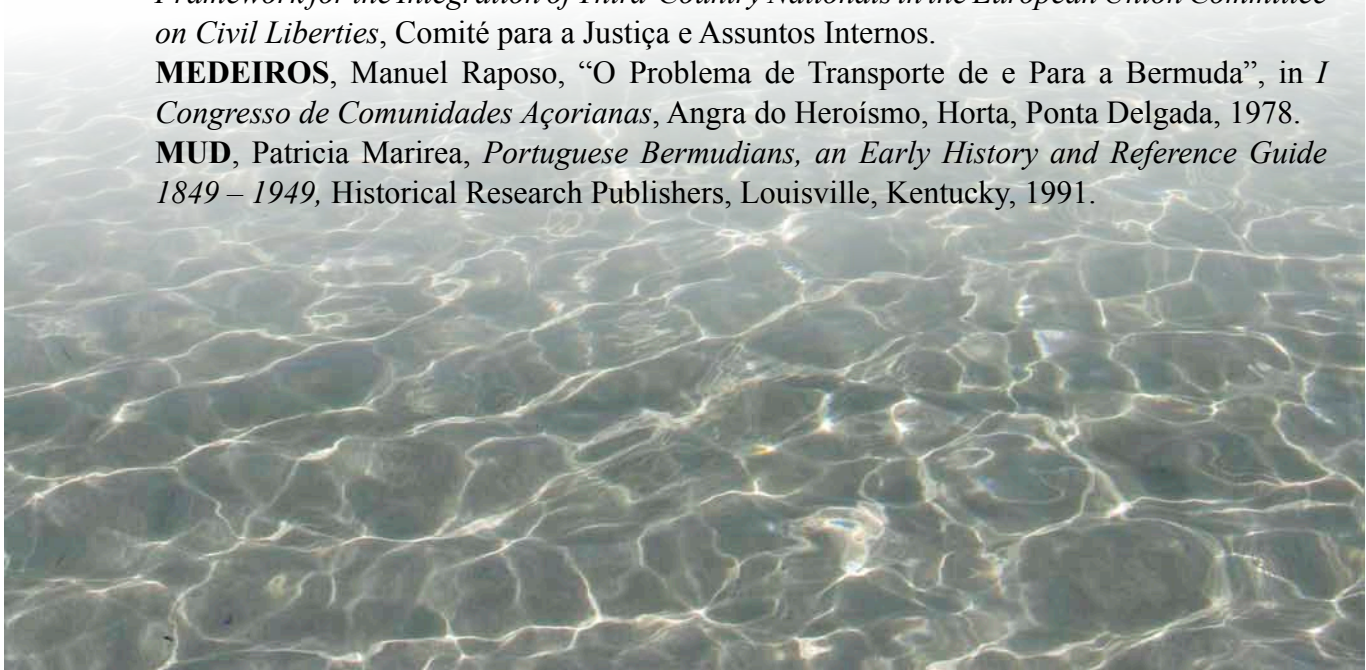
AGUIAR, Manuela, “Comunidades portuguesas cidadania e participação na vida nacional”, in *4.º Congresso de Comunidades Açorianas – Angra do Heroísmo*, Comissão Preparatória do IV Congresso de Comunidades Açorianas, 1995.

COOLEY, Charles H., *Social Organization*, Glencoe, The FreePress, 1956.

LAMBRINIDIS, Stavros, *Working document on a Common Agenda for Integration Framework for the Integration of Third-Country Nationals in the European Union Committee on Civil Liberties*, Comité para a Justiça e Assuntos Internos.

MEDEIROS, Manuel Raposo, “O Problema de Transporte de e Para a Bermuda”, in *I Congresso de Comunidades Açorianas*, Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada, 1978.

MUD, Patricia Marirea, *Portuguese Bermudians, an Early History and Reference Guide 1849 – 1949*, Historical Research Publishers, Louisville, Kentucky, 1991.



⁸ Manuela Aguiar, “Comunidades portuguesas cidadania e participação na vida nacional”, in *4.º Congresso de Comunidades Açorianas — Angra do Heroísmo*, Comissão Preparatória do IV Congresso de Comunidades Açorianas, 1995, p. 105.



ENSINO DO PORTUGUÊS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: “UMA AVENTURA NA QUINTA DAS LÁGRIMAS (*)

Da criação dos cursos de Língua e Cultura Portuguesa (CLP) ao Português como língua estrangeira

A promoção da língua e cultura portuguesas entre as várias comunidades lusas espalhadas pelo mundo por iniciativa de Portugal remonta aos fins dos anos 60 do século passado, nomeadamente com o Decreto-Lei n.º 48944, que assumia «ser de maior conveniência, dentro do espírito da comunidade cultural portuguesa, proporcionar aos portugueses e luso-descendentes [residentes no estrangeiro] meios de manterem e intensificarem os seus laços espirituais com a Pátria Portuguesa».

Com base neste Decreto, foram criados no Luxemburgo, em Agosto de 1972, os primeiros cursos de Ensino Básico de Português no estrangeiro, posteriormente alargados à Alemanha, França, Bélgica e Holanda. Já nos anos 70, mais precisamente em 1973, as Direcções-Gerais do Ensino Básico e Secundário receberam competências para, em colaboração com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, organizarem estes cursos especificamente orientados para o ensino do Português a filhos de emigrantes portugueses.

O 25 de Abril de 1974 foi ainda mais longe nesta área, pois o próprio programa do Movimento das Forças Armadas consignava, no seu capítulo “Política Educativa, Cultural e Científica”, a “difusão da Língua e Cultura Portuguesas nas Comunidades portuguesas dispersas pelos cinco continentes”.

A nova Constituição da República Portuguesa, aprovada a 2 de Abril de 1976, consagra o direito ao ensino do português no estrangeiro, incumbindo o Estado português de «assegurar aos filhos dos emigrantes o ensino da língua portuguesa e o acesso à cultura portuguesa», bem como «o apoio adequado para efectivação do direito ao ensino» (Art.º 74.º, alíneas i) e j), respectivamente).

É assim que surgem, em 1976, as primeiras Coordenações do Ensino em França e na Alemanha e é criada a figura do Coordenador-Geral a quem competia “a organização dos serviços do ensino do português no país respectivo, assim como as negociações no sentido de obter a integração do ensino da Língua Portuguesa no sistema escolar do respectivo país”.

No ano seguinte, são formalmente institucionalizados os primeiros cursos de Língua e Cultura Portuguesa (LCP) e estabelecida a sua organização jurídico-administrativa, que passa a ser executada pelos Serviços de Ensino Básico e Secundário Português no Estrangeiro (SEBSPE).

Já nos finais da década de 80, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) vem aprofundar e reafirmar estes desígnios, nomeadamente no seu Artigo 1º onde se estipula: «O sistema educativo tem por âmbito geográfico a totalidade do território português – continente e regiões autónomas – mas deve ter uma expressão suficientemente flexível e diversificada, de modo a abranger a generalidade dos países e dos locais em que vivam comunidades de portugueses ou em que se verifique acentuado interesse pelo desenvolvimento e divulgação da cultura portuguesa».

Mas o artigo 22º, sobre as modalidades do Ensino de Português no Estrangeiro, vai mais longe ao afirmar que cabe ao Estado não só “promover a divulgação e o estudo da língua e cultura portuguesas no estrangeiro mediante acções e meios diversificados, que visem nomeadamente a sua inclusão nos planos curriculares de outros países”, como “incentivar a criação de escolas portuguesas nos países de língua oficial portuguesa e junto das comunidades de emigrantes portugueses”.

* Este artigo diz apenas respeito ao ensino do Português nos EUA ao nível do ensino básico e secundário

E continua: “Serão apoiadas e incentivadas pelo Estado as iniciativas de associações de portugueses e as de entidades estrangeiras, públicas e privadas, que contribuam para a prossecução dos objectivos enunciados neste artigo”.

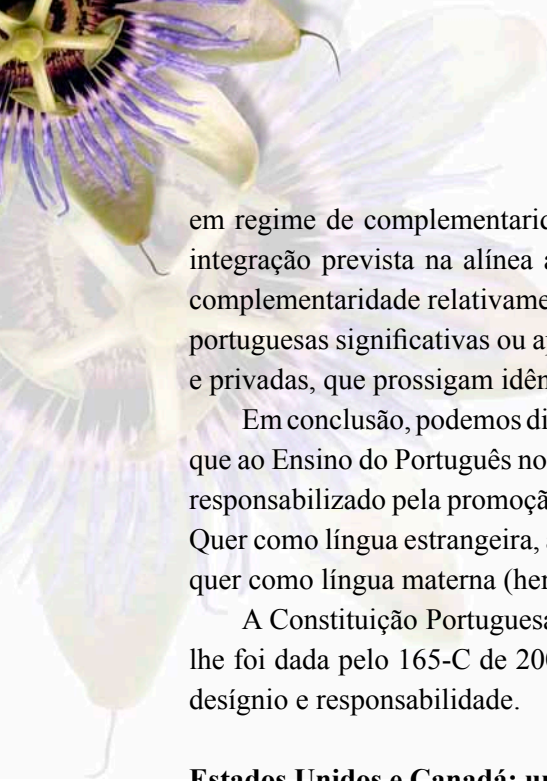
De 1987 até hoje, o enquadramento legal do Ensino do Português no Estrangeiro (EPE), e quem o tutela, tem sido alvo de muito mais alterações e confusões. Nesse ano, os SEBSPE foram integrados na então Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa (DGAEE), mais tarde denominada Direcção-Geral de Extensão Educativa (DGEE) e, em 1993, com a criação do Departamento de Educação Básica (DEB), surge o Núcleo de Ensino de Português no Estrangeiro (NEPE), com atribuições aos níveis dos ensinos básico e secundário consignadas na Portaria 570/93. Em 1995, o Decreto-Lei 52/95 de 20 de Março transferia as competências do Ensino de Português no Estrangeiro (EPE) para o Instituto Camões, criado em 1992, o que nunca viria a acontecer na prática, de tal modo que, em Julho de 1997, o Decreto-Lei 170/97 remete novamente as competências relativas ao EPE para o Ministério da Educação.

Mais recentemente, a tutela deste ensino volta a passar para o Instituto Camões que, com a publicação, em 2009, da sua lei orgânica, assume toda a responsabilidade da “promoção e divulgação e da aprendizagem da língua portuguesa como língua materna e não materna, como língua segunda e como língua estrangeira” (artigo 4º da Lei Orgânica do IC), desde o ensino pré-escolar ao superior.

Para cumprir esta responsabilidade, o Estado deve, segundo o decreto-lei nº 165 que regula o EPE, “estabelecer e desenvolver a colaboração com as organizações da sociedade civil, designadamente com instituições ou associações com vocação cultural e educativa”. Mais à frente, no artigo 5º, referem-se as várias modalidades em que esta acção se deve desenvolver, desde a integração do Português nos currículos escolares dos países até à promoção de cursos



Escola Elizabeth, New Jersey



em regime de complementaridade. O ponto 2 diz mesmo: “Supletivamente, quando não seja possível assegurar a integração prevista na alínea a) do número anterior, o Estado pode promover cursos e actividades em regime de complementaridade relativamente aos sistemas educativos dos países onde se encontrem estabelecidas comunidades portuguesas significativas ou apoiar as iniciativas de associações de portugueses e de entidades estrangeiras, públicas e privadas, que prossigam idêntico fim”.

Em conclusão, podemos dizer que, não obstante a proliferação de mudanças legislativas ao longo destas décadas no que ao Ensino do Português no Estrangeiro diz respeito, uma coisa tem-se mantido inalterada: o Estado continua a ser responsabilizado pela promoção e divulgação da nossa língua no estrangeiro e pelo seu ensino aos luso-descendentes. Quer como língua estrangeira, através da defesa da sua integração nos currículos escolares dos países de acolhimento, quer como língua materna (*heritage language*), em cursos de sua iniciativa ou das associações comunitárias.

A Constituição Portuguesa, a lei orgânica do Instituto Camões e o Decreto-Lei nº 165/2006, com a revisão que lhe foi dada pelo 165-C de 2009 – o regime do Ensino de Português no Estrangeiro – consignam e reafirmam esse desígnio e responsabilidade.

Estados Unidos e Canadá: um caso à parte no ensino do Português

Se no que diz respeito às comunidades portuguesas na Europa e, mais recentemente, em algumas da África e em Timor-Leste, o Estado português tem, em parte, cumprido esta obrigação, designadamente nomeando Coordenadores, colocando e pagando a professores, patrocinando cursos no sistema escolar desses países ou apoiando os privados, das associações comunitárias, e fornecido material escolar variado, nas Américas, e particularmente nos Estados Unidos e Canadá, isso nunca aconteceu, apesar dos permanentes e acérrimos protestos do movimento associativo e das comunidades portuguesas aqui residentes.

Nestes países, o ensino do Português ao nível do básico e secundário para os luso-descendentes sempre se fez apenas e graças à iniciativa das comunidades e das associações, clubes e igrejas. As escolas americanas que oferecem o Português como língua de opção sempre foram, e continuam a ser, excepções relativamente à expressão que aqui têm línguas como o espanhol, o italiano, o alemão, o francês e, mais recentemente, o chinês, localizando-se apenas em cidades de forte concentração lusa, como Fall River, em Massachusetts, ou Tulare, na Califórnia, e devem-se mais à vontade e perseverança de alguns professores portugueses do sistema público e directores americanos interessados na cultura portuguesa – que conseguem convencer os “boards of education” dos seus distritos escolares –, do que à iniciativa da comunidade ou interesse do Estado português.

É que, sem qualquer razão lógica que o justifique, e numa clara discriminação destas comunidades em relação às suas congéneres da Europa, Portugal tem-se recusado sistemática e insistentemente a cumprir as leis do EPE e as suas responsabilidades constitucionais nos Estados Unidos e Canadá.

Por isso, e apesar das comunidades portuguesas terem criado esporadicamente cursos de Língua Portuguesa praticamente desde o início do século XX – com regularidade sobretudo a partir da década de 60 –, e pese embora o facto de ter sido criada em 1983 em Providence, Rhode Island, uma Coordenação do Ensino pelo Estado português, a verdade é que o único apoio prestado a este tipo de ensino comunitário (e público ao nível do básico e secundário) tem sido apenas pedagógico. Na década de 80, a Coordenação começou por avaliar os cursos em funcionamento – alguns deles em condições precárias – e pedir o seu reconhecimento aos serviços do ensino de Português do Ministério da Educação, que as fornecia com alguns materiais, impressos de matrícula, livros de ponto, certificados de passagem e exames do 6º e 9º anos de escolaridade feitos em Portugal.

Envio e pagamento de professores, como fazia (e faz) na Europa, Oceânia e África, de livros, programas e acesso dos docentes aos seus direitos sócio-profissionais, são coisas que nestes países pura e simplesmente nunca existiram. Aqui, o Estado português sempre deixou essa tarefa nas mãos das comunidades que, sozinhas e como puderam – muitas vezes sem formação nem vocação para tal empresa, mas desejosas de responder à pressão das comunidades, sobretudo dos recentes emigrantes que nesse período chegavam aos milhares todos os meses aos estados de Nova

Jérsia, Nova Iorque, Massachusetts e Rhode Island –, lá iam mantendo abertas escolas, e criando outras, conforme podiam.

Como não havia qualquer concurso para colocação de professores, estes acabavam por “emigrar” por iniciativa própria, ou porque já ali tinham família, ou para fugir ao desemprego ou a colocações em escolas longe da sua área de residência, sujeitando-se a condições de trabalho incertas e, até por vezes, degradáveis. O processo de contratação era todo feito à margem dos serviços do Ministério da Educação de Portugal que sempre recusaram responder aos muitos pedidos para envio de professores que eram feitos, nessa altura áurea da emigração, pelas escolas comunitárias aos Consulados e à Coordenação. Assim, eram as escolas, ou os professores em Portugal, que, ambos por sua iniciativa, estabeleciam os contactos e combinavam ordenados, condições de trabalho, horários, etc.. Os que tinham vínculo a uma escola em Portugal eram “requisitados” (situação prevista na legislação) pela escola nos Estados Unidos, e o Ministério da Educação “deferia”, não antes de os obrigar a assinar uma declaração onde estes declaravam aceitar leccionar nos Estados Unidos “sem encargos financeiros para o governo português”. A sua relação laboral com as escolas em Portugal continuava desde que o pedido de requisição fosse autorizado anualmente, como o foi até 2007. A partir daí, a nova legislação do EPE obriga os professores a pedirem uma licença sem vencimento para leccionarem no estrangeiro, mantendo-se o vínculo às suas escolas em Portugal apesar de não serem pagos por elas.

Para quem não investia um dólar nem tinha qualquer estratégia que se visse para o ensino do Português nos Estados Unidos e Canadá, interessando-se apenas pelas estatísticas, que publicava e publicitava todos os anos para mostrar que neste país também havia cursos de Língua e Cultura Portuguesas (estes números podem ainda ser vistos na Internet em páginas antigas dos serviços do Ministério da Educação), exigir aos professores que trabalhassem “sem encargos financeiros” e às associações que suportassem uma tarefa que, constitucionalmente, é da sua responsabilidade, era, e continua a ser, difícil de engolir por professores e associações comunitárias, que não se cansam de reclamar os mesmos direitos das comunidades portuguesas residentes na Europa.

Nos finais dos anos 80 e princípios de 90, sob iniciativa da então Coordenadora do Ensino, Emília Mendonça e graças à vontade das associações, chegou a existir uma rede de cursos espalhados por 9 áreas consulares, a maioria deles com professores formados em Portugal, que funcionavam nos clubes e igrejas em horário extracurricular, como aliás acontece ainda hoje. Chegaram a ser mais de 60, frequentadas por mais de 4.000 alunos e com um corpo docente a rondar os 200 professores cujo contrato, quando existia, era precário, não-oficial e ao sabor das vontades de cada presidente ou director e dependente do número de alunos que se matriculavam no curso. A par de professores vindos de Portugal, as escolas iam contratando alguns localmente.

Apesar de todas estas dificuldades, a rede de cursos funcionou (e ainda funciona) durante anos quase à semelhança de uma escola privada em Portugal: as associações contratavam os professores e pagavam-lhes, arranjavam um director pedagógico (um professor com habilitação própria) e organizavam o ano lectivo sob a supervisão da Coordenadora, que controlava programas, registos de presença de alunos, livros de sumários e outros aspectos pedagógicos, como organização de exames e passagem de certificados de habilitações a Língua e Cultura Portuguesas, reconhecidas em Portugal. O país podia contar assim, praticamente de graça (limitava-se a pagar o ordenado da Coordenadora), com uma rede de ensino de Língua e Cultura também nos Estados Unidos e Canadá que ia satisfazendo, ainda que de forma incompleta, os anseios de uma comunidade que via na transmissão da língua portuguesa aos seus descendentes a melhor maneira de manter e garantir a ligação à pátria mãe e à sua cultura de origem.

Ao mesmo tempo, na Europa, o Ministério abria concursos e colocava professores no ensino de Português, pagando-lhes o ordenado completo como se estivessem a leccionar na suas escolas em Portugal, além de subsídios



de deslocação e outros benefícios sociais. Para os Estados Unidos, reservava apenas uma *ajuda moral*, deixando à Coordenadora e às escolas comunitárias (Heritage Schools) a tarefa de se virarem como podiam numa missão para a qual muitas não estavam vocacionadas. Muitos professores lembram ainda hoje o papel de grande activismo da então Coordenadora que, lutando com carências de toda a ordem, conseguia sempre desenrascar dinheiro para acções de formação e alguns livros recorrendo a quem encontrava à mão, caso do Governo Regional dos Açores – que sempre se interessou por este ensino, apesar dele não ser da sua responsabilidade nem poder intervir nesta área – e de empresas de emigrantes e luso-americanos nos Estados Unidos.

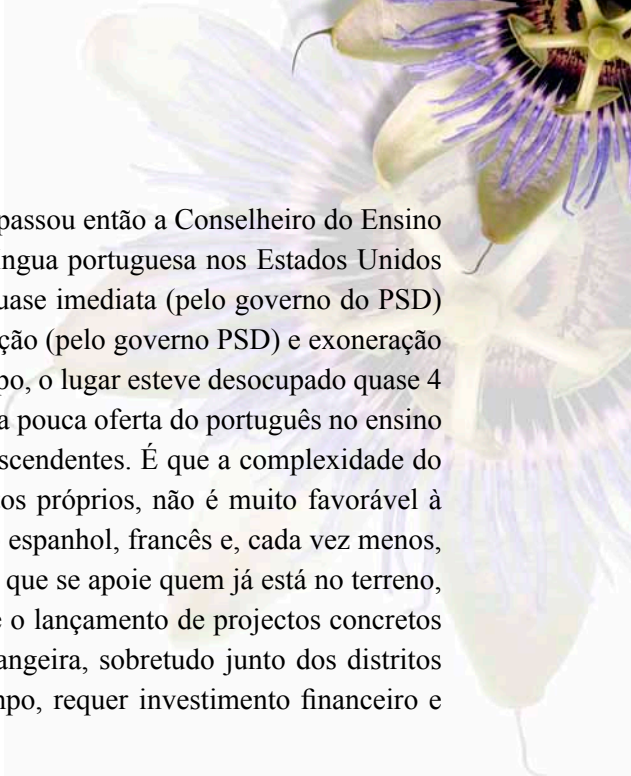
Modelo insustentável

Quem há muito vive esta realidade e conhece a situação por dentro, caso dos docentes e da Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá (APPEUC) ia alertando para a insustentabilidade do modelo, exigindo uma política concreta para a língua portuguesa nos Estados Unidos e criticando as medidas avulso anunciadas cada vez que tomava posse um novo ministro ou secretário de Estado ou a comunidade reclamava perante um membro do governo que as visitava e que não passavam de meras declarações de intenções e anúncios de circunstâncias que nunca se chegaram a materializar. Nem a visita do então Ministro da Educação Roberto Carneiro, nos anos 90, que tomou conhecimento *in loco* das carências deste tipo de ensino, nem da Comissão de Educação da Assembleia da República, já na primeira década deste século, tiveram algum efeito prático. As razões foram as mesmas: apesar das recomendações para se apoiar este ensino, Portugal não tinha nem uma estratégia para a língua Portuguesa na América do Norte, nem vontade política para a fazer. Depois, as constantes mudanças de ministros da Educação, secretários de Estado e directores-gerais nos serviços do Ministério da Educação, e a canalização, quase em exclusivo, das atenções em relação à língua portuguesa para as comunidades da Europa, sob pressão dos partidos políticos e dessas mesmas comunidades, numa altura em que Portugal se pretendia afirmar na Comunidade Europeia, acabaram por deixar as comunidades dos EUA e do Canadá entregues a si próprias nesta matéria.

Tanto a Coordenação como as associações, os professores e os pais sabiam que sem uma política definida neste campo e um investimento no terreno, o português teria pouco futuro nos EUA. Por incapacidades financeiras e também porque não podiam contratar directamente professores em Portugal por questões legais e de imigração, as associações e as escolas comunitárias foram assistindo à debandada de docentes e de alunos que, desde 2004, não param de diminuir praticamente em todas as escolas das zonas tradicionais de fixação portuguesa. Esta tendência não é contrabalançada por uma maior oferta de Português no ensino oficial americano, pois, em seis anos (desde 2004), o número de alunos apenas aumentou em cerca de 1.300 em todo o país. É que, conforme se viu, se Portugal nunca apoiou o ensino comunitário (privado) nos EUA, a verdade é que muito menos o fez junto do sistema público norte-americano, apesar das boas intenções que a partir, dos fins da década de 90, chegavam de Lisboa.

O único efeito prático delas terá sido, já nos últimos anos da Coordenadora Emília Mendonça, a assinatura de um protocolo com o Departamento de Educação do Estado de Massachusetts, mas os seus efeitos foram desde sempre limitados e o português como língua estrangeira nos currículos académicos do Estado restringe-se a meia dúzia de escolas, apesar de aqui residirem mais de 300 mil portugueses, segundo dados oficiais. Diz quem conheceu e conhece a situação que, neste como em outros casos, Portugal, que devia ser o mais interessado, foi o primeiro a não cumprir o protocolo ou a deixá-lo moribundo. A sua renovação terá apenas acontecido em 2007, um pouco à pressa, porque o presidente Cavaco Silva visitou as comunidades portuguesas de New Bedford. Mesmo assim, demorou cerca de dois anos para ser colocado um novo Consultor que, finalmente, parece estar a lançar as bases para um trabalho sustentável.

A experiência de Massachusetts nunca foi transposta para outros Estados americanos, e se houve e há escolas públicas a oferecerem português como língua estrangeira isso deve-se às razões citadas em cima. Só em raríssimas excepções à pressão da comunidade portuguesa, embora alguns Estados (poucos) exijam que os distritos escolares ofereçam uma língua estrangeira se uma certa percentagem de residentes na área falar essa língua.



A reforma da Coordenadora no início de 2000 e a extinção do cargo, que passou então a Conselheiro do Ensino com assento na Embaixada de Portugal em Washington, levou o ensino da língua portuguesa nos Estados Unidos ao caos completo. Primeiro, foi a nomeação (pelo governo PS) e demissão quase imediata (pelo governo do PSD) do primeiro conselheiro, que nem chegou a aquecer o lugar; a seguir, a nomeação (pelo governo PSD) e exoneração menos de dois anos depois (pelo governo do PS), do segundo. Neste meio tempo, o lugar esteve desocupado quase 4 anos, para desespero de professores e da comunidade que continua a não ver na pouca oferta do português no ensino americano a solução para proporcionar a aprendizagem da língua aos seus descendentes. É que a complexidade do sistema de ensino americano, com distritos escolares autónomos e orçamentos próprios, não é muito favorável à criação de cursos de línguas estrangeiras para além das tradicionais, ou seja, o espanhol, francês e, cada vez menos, o italiano. Associações portuguesas, professores e pais querem, antes de mais, que se apoie quem já está no terreno, que são as escolas comunitárias; depois reclamam a definição de estratégias e o lançamento de projectos concretos e comensuráveis que visem promover a língua portuguesa como língua estrangeira, sobretudo junto dos distritos escolares onde residem comunidades portuguesas – uma tarefa que leva tempo, requer investimento financeiro e exige muita vontade política.

Investir em dois modelos de ensino: integrado e paralelo (comunitário)

Para a Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá (APPEUC), que há anos não se cansa de enviar relatórios a Portugal, a situação é muito clara: “qualquer política da língua portuguesa para os Estados Unidos deve seguir nessas duas direcções – o ensino integrado e o apoio às escolas de herança”. Esta associação tem vindo a defender a implementação de um conjunto de apoios específicos direccionados para as comunidades através de protocolos entre Portugal e as instituições comunitárias que o desejem e provem ter vocação e disponibilidade para este tipo de missão, enviando o Estado português professores e fornecendo o apoio pedagógico adequado a esta realidade, de modo a revitalizar a rede de escolas e a sua qualidade de ensino. Para a APPEUC, a existência paralela destes dois sistemas de ensino é a melhor forma de servir todas as comunidades portuguesas espalhadas pelos Estados Unidos, pois para muitas o ensino integrado, pela dispersão dos luso-descendentes por várias escolas e cidades, e pela dificuldade de se implantar a curto, e mesmo até médio prazo na maioria das zonas onde residem portugueses, não é a solução.

Por outro lado, a APPEUC lembra que o ensino do Português aos luso-descendentes não pode ser “um mero exercício intelectual de memorização de um repertório de vocábulos ou de um conjunto de estruturas linguísticas como as que se ensinam nas línguas estrangeiras oferecidas nas escolas públicas, mas, sim, uma experiência cultural de vida que amplia as possibilidades de interacção discursiva e a sua integração na família e na comunidade lusófona que só se pode adquirir num contexto cultural de uma associação portuguesa”.

Numa altura em que o ensino de línguas estrangeiras nos Estados Unidos diminui, com excepção do espanhol e do chinês, línguas como o francês, o italiano ou o alemão, por exemplo, só sobrevivem com a ajuda dos seus países. E mesmo o espanhol ou o chinês também recebem ajuda de Madrid ou de Pequim. Veja-se o que diz este artigo do jornal *New York Times* de Janeiro deste ano:

“Milhares de escolas públicas deixaram de ensinar línguas estrangeiras na década passada, de acordo com um estudo governamental – péssimas notícias para uma nação que necessita de mais linguistas para conduzir as suas relações económicas e diplomáticas globais. No entanto, uma tendência inversa traz os educadores e os políticos muito excitados: a corrida de escolas de todas as zonas do país para oferecerem chinês como língua estrangeira.

Algumas escolas pagam do seu bolso as aulas de chinês, mas centenas delas estão a receber alguma ajuda. O governo de Pequim está a enviar professores da China para escolas de todo o mundo, e a pagar parte dos seus salários.

Numa altura de orçamentos de contenção, muitas escolas americanas olham para esta oferta como algo bom

demais para recusar” (1)

“Thousands of public schools stopped teaching foreign languages in the last decade, according to a government-financed survey — dismal news for a nation that needs more linguists to conduct its global business and diplomacy. But another contrary trend has educators and policy makers abuzz: a rush by schools in all parts of America to offer instruction in Chinese.

Some schools are paying for Chinese classes on their own, but hundreds are getting some help. The Chinese government is sending teachers from China to schools all over the world — and paying part of their salaries.

At a time of tight budgets, many American schools are finding that offer too good to refuse.” (1)

Num cenário destes, e embora o Português possa vir a ser estudado nos Estados Unidos pelas mesmas razões do chinês, isto é, por interesses económicos – graças ao peso da economia brasileira –, para arrancar é preciso que Portugal (e os restantes países lusófonos) faça o mesmo que a China, a Itália, a Espanha e a França: decidir se quer ou não promover a língua nos Estados Unidos e se existe vontade política e dinheiro para o fazer, sem esperar resultados no imediato, apostando nos dois sistemas e aproveitando a experiência de quem já está no terreno. É que, muitas vezes, nem com grandes investimentos financeiros se consegue.

Veja-se ainda este outro artigo do mesmo jornal, *New York Times*:

“Em Edgmont, um distrito escolar de topo no condado de Westchester (NY) as crianças sabem dizer as cores e os dias da semana em Espanhol desde os seus sete anos, mas poucas, ou nenhuma, aprenderam a conversar, ler ou escrever realmente em Espanhol. Por isso, este Outono o distrito escolar cancelou as aulas de espanhol, que eram dadas duas vezes por semana em duas escolas básicas desde 2003, decidindo que esse tempo e recursos – cerca de 175 mil dólares por ano – poderia ser melhor empregue em outras disciplinas.

Um ajustamento de turmas em Yonkers (NY) resultou na perda de quatro lugares de professores de línguas estrangeiras e cortes orçamentais acabaram com o ensino de alemão ao nível do 7º ano em Arlington (NY), e de francês e espanhol em escolas de Danbury (CT). Em New Jersey, o distrito escolar de Ridgewood substituiu os seus três professores de espanhol pelo Rosetta Stone, um programa de computador de ensino de línguas que custou 70 mil dólares, menos de metade dos salários combinados dos professores” (2)

“In Edgmont, a high-performing Westchester school district children as young as 7 could recite colors and days of the week in Spanish, but few if any learned to really converse, read or write. So this fall, the district canceled the Spanish lessons offered twice weekly at its two elementary schools since 2003, deciding the time and resources — an estimated \$175,000 a year — could be better spent on other subjects.

Class consolidation in Yonkers resulted in the loss of four foreign-language teaching positions, and budget cuts have cost Arlington, N.Y., its seventh-grade German program, and Danbury, Conn., several sections of middle school French and Spanish. And in New Jersey, the Ridgewood district is replacing its three elementary school Spanish teachers with Rosetta Stone, an interactive computer program that cost \$70,000, less than half their combined salaries.” (2)

Para os fundamentalistas do modelo “ensino integrado”, esta pode ser uma boa lição e uma clara chamada de atenção para o facto de que um único modelo não é suficiente nem sustentável, sendo necessário investir nas “Heritage Schools” (escolas comunitárias).

Com a nomeação das novas Coordenadoras do Ensino do Português (em 2007 para a costa leste e em 2008 para a costa este), as comunidades aguardaram com grande expectativa o anúncio de uma estratégia bem definida para o ensino da nossa língua nos Estados Unidos. No entanto, o processo de transferência da tutela do EPE para o

(1) “Foreign Languages Fade in Class — Except Chinese”, Sam Dillon, The New York Times, NY, January 2010

(2) “Foreign Languages Fall as Schools Look for Cuts”, Winne Hu, The New York Times, NY, September 2009

Instituto Camões (finalmente concluído) adiou, até ver, as grandes medidas que se impõem, apesar das declarações do secretário de Estado das Comunidades, António Braga, de que a rede do EPE seria alargada aos Estados Unidos e Canadá.

Continentais e açorianos: duas visões do ensino do Português

Nos Estados Unidos a utilidade do ensino do Português aos luso-descendentes sempre foi encarada de forma diversa nas comunidades de origem açoriana e continental. As primeiras escolas de iniciativa comunitária nasceram em associações frequentadas sobretudo por continentais, nos Estados de New Jersey, New York e Connecticut. Pese embora a existência de experiências esporádicas e isoladas anteriores, foi só nos anos 70 e 80 que as escolas comunitárias apareceram nos Estados de Massachusetts, Rhode Island e Califórnia, tradicionalmente zonas de emigração oriunda das ilhas. Mas, mesmo aqui (com excepção, talvez, da Califórnia), a maioria dos alunos eram filhos de continentais. Ao longo dos anos, esta tendência pouco se alterou.

A explicação reside na perspectiva diferente como estas duas comunidades – continental e açoriana – olham para o fenómeno da sua própria emigração. Para os continentais, sobretudo as vagas de emigração dos anos 60, 70 e 80, o objectivo primário era amealhar uns dólares e regressar um dia a Portugal; para os açorianos (pelo menos para a maioria) o regresso não era nem nunca foi um projecto muito bem definido nem balizado no seu horizonte, pois, e apesar da saudade da ilha que todos carregavam (e carregam) ser permanente, as lembranças das carências económicas, e até de alguma miséria, fizeram-nos encarar a instalação no Novo Mundo como algo mais ou menos definitivo, ou, pelo menos, equacionar o regresso a muito, muito longo prazo. O objectivo passou, assim, a ser trabalhar e deixar que os filhos o fizessem da mesma forma, integrando-se na sociedade americana para vencerem e esquecerem as privações por que tinham passado nas ilhas. A questão deles falarem ou não a sua língua materna era secundária desde que os miúdos entendessem o português suficiente para servirem de intérpretes aos pais no departamento do Social Security, no correio, na escola, na polícia, no hospital, etc., e falassem o inglês correcto para se desenrascarem no mundo do trabalho.

Nesses tempos, falar outra língua para além do inglês não era propriamente encarado como uma mais valia, pelo contrário, podia até ser objecto de alguma discriminação na escola e junto da sociedade americana. Daí o desejo dos jovens aprenderem o inglês e depressa, relegando o português para o estatuto de língua de afectos, falada apenas em casa pelos pais.

Os continentais, pelas razões citadas, tinham outros interesses e viam na transmissão do legado linguístico-cultural aos filhos um “handicap” para os levarem consigo quando decidissem regressar a Portugal. Por razões várias, esta sempre foi uma comunidade muito mais ligada a Portugal que a açoriana. Ainda hoje são os emigrantes de origem continental que mais assiduamente visitam a terra natal (alguns todos os anos), e daí um maior interesse e ligação à língua. A situação periférica das ilhas, que durante décadas se mantiveram fora das rotas aéreas intercontinentais, e a dificuldade e o enorme custo do transporte aéreo para chegar a todas elas, bem como a própria idade da emigração açoriana (que, em muitos casos, já vai na quinta ou sexta gerações), e o afastamento de comunidades como as da Califórnia, algumas a mais de 14 horas dos Açores, ajudarão a explicar, em parte mas não totalmente, este apartamento linguístico, já que o afectivo parece nunca se ter perdido.

Apesar disso, tem-se notado um renovado interesse na língua portuguesa nos últimos anos por parte das comunidades açorianas, quer junto das escolas comunitárias, quer no ensino público americano. As duas escolas secundárias com maior número de alunos a aprenderem português – Fall River, em Massachusetts, e Tulare, na Califórnia – situam-se em cidades de forte implantação de ilhéus, e em Rhode Island e Califórnia, apesar do decréscimo de frequência na generalidade das escolas comunitárias dos anos 80 e 90, outras têm surgido em áreas onde hoje vivem sobretudo açor-americanos de segunda e terceira gerações. Este interesse, se devidamente aproveitado, pode potenciar uma renovação das escolas de herança se, para isso, elas forem dotadas de professores especializados em Língua Portuguesa como Língua Não Materna, dos materiais pedagógico-didáticos adequados e da logística própria

ao funcionamento de um curso de línguas. A esse propósito, a APPEUC lembra que em Portugal, e apesar de se ensinar inglês e francês no ensino público, sempre existiram, paralelamente e em horário complementar, institutos de línguas.

Por seu lado, a actual Coordenadora do Ensino de Português na Califórnia diz que “há um novo interesse pela manutenção e transmissão da língua (portuguesa) a par da cultura, principalmente porque os pais mais jovens começam a reflectir sobre a situação de perda dessa componente dentro das suas próprias famílias”. Mas reconhece que há muito por fazer nesta área: “Este é um trabalho de vulto que necessita de recursos financeiros e humanos mais importantes do que aqueles que até aqui se têm disponibilizado. Não estamos só a falar em criar mais cursos de Português, estamos também a falar numa alteração de mentalidades e perspectivas culturais, agora e para o futuro”, acrescenta, elencando os objectivos da Coordenação:

- Parar e inverter a perda acelerada da língua portuguesa no seio das famílias e comunidades;
- Reestabelecer uma função social para a língua e recuperar o seu estatuto como língua de comunicação, cultura e desenvolvimento;
- Desenvolver um maior sentido de pertença das comunidades locais à comunidade global da lusofonia, proporcionando situações reais de intercâmbio e comunicação, nomeadamente entre os jovens;
- Empoderar as comunidades e envolvê-las no seu próprio desenvolvimento, tornando-as parceiras responsáveis pelos projectos em curso;
- Escolarizar as gerações mais novas em Português, desenvolvendo currículos sequenciais de Português segunda língua, língua de herança ou língua estrangeira, desde o pré-escolar até à universidade;
- Preparar professores bilingues e biculturais (ou plurilingues e multiculturais);
- Utilizar, desenvolver, criar e divulgar recursos e materiais partilháveis e/ou facilmente acessíveis através da tecnologia.


Uma tarefa ambiciosa mas que se justifica para uma língua que, segundo o Censo americano de 2000, era falada nos Estados Unidos por mais de meio milhão de pessoas (564.000) sendo o 12º idioma mais utilizado nos lares do país.

ANTÓNIO OLIVEIRA

Professor de Português e Vice-Presidente da APPEUC



Escola Mount Vernon



PORTUGUESE LANGUAGE EDUCATION IN THE UNITED STATES: EXPERIENCES IN THE VALE OF TEARS (*) From Courses in Portuguese Language and Culture (PLC) to Portuguese as a Second Language

Portugal's drive to promote its language and culture among the various Portuguese communities throughout the world started in the late 1960s with Decree-Law 48944 that asserted it was "of the utmost usefulness, within the spirit of the Portuguese cultural community, to provide the Portuguese and their descendants (residing abroad) with the means to maintain and strengthen their spiritual ties with the Fatherland."

With the Decree as a springboard, the first courses of Portuguese at the primary school level were established in Luxemburg in August of 1972 and later extended to Germany, France, Belgium, and the Netherlands. Then, in 1973, the General Directorates for Basic and Secondary Education were granted the competencies – in conjunction with the Ministry of Foreign Affairs - to set up courses specifically geared toward the teaching of the Portuguese language to the children of Portuguese emigrants.

After the 25th of April Revolution in 1974, the initiative was taken one step further. In the chapter on "Educational, Cultural and Scientific Policy" of its program, the Armed Forces Movement provided for the "spread of Portuguese language and culture throughout Portuguese communities on the five continents."

The new Constitution of the Portuguese Republic, ratified in April 2, 1976, enshrined the right of Portuguese descendants to have Portuguese language education abroad. Furthermore, the State was charged with "assuring that the children of emigrants have access to Portuguese language education and Portuguese culture" in addition to "adequate support for exercising the right to this education" (Article 74, sub-headings i) and j, respectively).

As a result, the first educational coordinating departments were to appear in France and Germany in 1976 and the post of general coordinator was established "to organize Portuguese language teaching services in the respective countries and negotiate with the aim of making Portuguese language education part of the respective country's school curriculum." In the following year, the first courses of Portuguese Language and Culture (PLC) were formally set up under a judicial and administrative framework headed by the Department for Basic and Secondary Portuguese Education Abroad (DBSPEA).

At the end of the 80s, article 1 of the Basic Law for the Educational System (BLES) strengthened and reaffirmed existing objectives by stating that "the educational system covers Portuguese territory in its entirety – the mainland and autonomous regions – but should be flexible and diverse enough to take in most of the countries and locations where Portuguese communities reside or where there is pronounced interest in bolstering and disseminating Portuguese culture."

Article 22, which broaches the types of Portuguese education abroad, goes even further in affirming that it is incumbent upon the State not only to "promote and disseminate the study of Portuguese language and culture abroad by a diverse number of actions and means aimed at making them part of the curricula of other countries," but also "to promote the creation of Portuguese schools in those countries where Portuguese is used as an official language and where there are communities of Portuguese emigrants." The same article goes on to say that "initiatives carried out by Portuguese associations and public and private foreign entities contributing to the realization of the goals set forth in this article will be supported and encouraged by the State."

* This article only deals with primary and secondary school-level Portuguese language education in the US.

Since 1987, the legal framework for Portuguese Education Abroad (PEA) and those charged with its oversight have been the object of myriad modifications and considerable muddle. That year the DBSPEA was made part of what was then the General Directorate for Support and Educational Extension (GDSEE), later dubbed the General Directorate for Educational Extension (GDSEE); and in 1993, when the Department of Basic Education (DBE) was established, the Department for Portuguese Education Abroad (DPEA) was created to deal with basic and secondary education as laid down in Ministerial Order 570/93. In 1995, Decree-Law 52/95 of March 20 transferred the responsibilities of the PEA to the Camões Institute, which was created in 1992. In real terms however, this was never to happen. Therefore, in July of 1997, Decree-Law 170/97 switched the PEA's competencies once again to the Ministry of Education.

Recently the responsibility for Portuguese teaching abroad was yet again passed to the Camões Institute whose 2009 organic law charges it with the entire task of “promoting and disseminating the Portuguese language as a non-native and native tongue, as a second and foreign language” (Article 4 of the Organic Law of the Camões Institute), from the pre-primary to the college level.”

To achieve this aim, according to Decree-Law 165 regulating the teaching of Portuguese abroad, the State must “establish and develop cooperative ties with civil society organizations, namely institutions and associations devoted to culture and education.” Further on, Article 5 enumerates the various types of initiatives to be undertaken: from those aimed at including Portuguese in school curricula abroad to ancillary courses. Point 2 states, “Additionally, when it is not possible to guarantee the curricular integration referred to in sub-section a) of the previous sub-heading, the State may promote courses and activities to supplement the official curricula in those countries where large Portuguese communities reside, or lend support to initiatives of Portuguese associations and public and private entities abroad that share the same aims.”

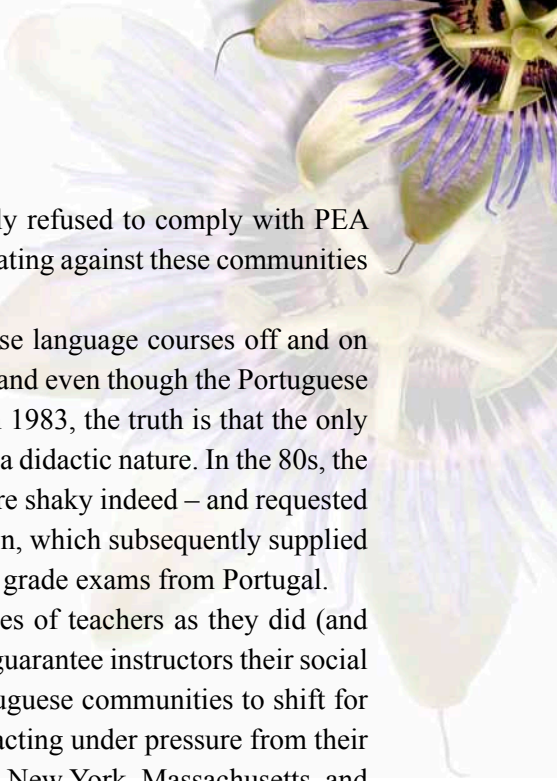
In short, despite the proliferation of legislative alterations regarding Portuguese education abroad that were enacted over the decades, one thing has remained unchanged: the State still bears the responsibility for promoting and disseminating Portuguese abroad and seeing that it is taught to Portuguese descendants, either as a foreign language – by working to have it included in the host countries' school curriculum – or as a heritage language in programs the State itself, or community organizations sponsor.

The Portuguese Constitution, the Organic Law of the Camões Institute, and Decree-Law 165/2006, as amended by Decree 165-C of 2009 – the regime for Portuguese education abroad – all enshrine and reassert these goals and responsibilities.

The United States and Canada: A Separate Case in Portuguese Education

The State has to some degree fulfilled its obligations in Portuguese communities in Europe and, more recently, among some communities in Africa and East Timor by appointing coordinators, placing and paying for teachers, and sponsoring courses within the school systems of those countries. It has also supported private initiatives, community associations, and supplied educational materials. This is, however, not the case in the Americas – specifically the US and Canada – notwithstanding the constant and vociferous protests of the Portuguese associations and communities residing there.

In these two countries, Portuguese education at the primary and secondary school level for subsequent generations of immigrants was always the initiative of the communities and associations themselves, as well as clubs and churches. American schools offering Portuguese as an elective have always been rare, given the clout of other languages such as Spanish, Italian, German, French and, most recently, Chinese. Moreover, these schools are located only in cities with a heavy concentration of Portuguese immigrants such as Fall River, Massachusetts and Tulare, California and the availability of Portuguese classes – rather than being the result of initiatives carried out by the Portuguese community or the commitment of the Portuguese government- is due mostly to the will and perseverance of a handful of Portuguese teachers and American principals within the public school system, who are interested in Portuguese culture and have managed to convince the boards of education in their school districts to hold classes.



Defying all logic, the Portuguese government has systematically and stubbornly refused to comply with PEA laws and its constitutional responsibilities in the US and Canada, by clearly discriminating against these communities in relation to their counterparts in Europe.

As a result, despite the fact that Portuguese communities have set up Portuguese language courses off and on practically since the start of the 20th century and with greater frequency after the 60s, and even though the Portuguese government set up educational coordinating services in Providence, Rhode Island in 1983, the truth is that the only support given to community and primary and secondary public education has been of a didactic nature. In the 80s, the coordinating services started off by assessing ongoing programs – some of which were shaky indeed – and requested that they be recognized by the educational services of Portugal’s ministry of education, which subsequently supplied some materials, registration forms, roll books, completion certificates, and 6th and 9th grade exams from Portugal.

What the government didn’t do in North America was send and pay the salaries of teachers as they did (and continue to do) in Europe, Oceania and Africa, provide textbooks and programs, and guarantee instructors their social and professional rights. In this respect, the Portuguese government always left Portuguese communities to shift for themselves - though they often did not have the training or calling for the task. But acting under pressure from their members, especially recent immigrants who at the time were arriving in New Jersey, New York, Massachusetts, and Rhode Island by the thousands, the communities struggled to keep schools open, while creating new learning centers whenever possible.

As there was no formal hiring process for teachers, academic hopefuls “emigrated” on their own hook either because they already had family in America, or wanted to escape unemployment or being placed in schools far from their home towns. By doing so, they often encountered unpredictable – and sometimes unpleasant – job conditions. Hiring was done outside the aegis of the Portuguese ministry of Education, who turned a blind eye to the myriad requests for teachers that community schools were making to the consulates and coordinating services during that golden age of Portuguese emigration. It was the schools themselves and/or the teachers in Portugal who, taking the initiative, made contact, agreed on wages, working conditions, teaching schedules, etc. Tenured teachers from Portuguese schools were “requisitioned” (a condition provided for by the law) by the school in the US and the Portuguese ministry of education would issue a “release,” but not before the instructor was made to sign a statement where he or she agreed to teach in the United States “without any expense to the Portuguese government.” The contractual bond with the school in the US was maintained as long as the requisition was approved each subsequent year, as was the case until 2007. Thereafter the new PEA legislation forced teachers to request unpaid leave to teach abroad. The contractual bond with the school in Portugal remained, although the teachers received no income from the institution.

Though they didn’t invest a penny or have any kind of real strategy for teaching Portuguese in the US and Canada, they had statistics – which they published and paraded about each year – to show that in America too there were programs in Portuguese language and culture (the figures are still on old Ministry of Education pages on the Net). Under these circumstances, asking teachers to work “without any expense to the Portuguese government” and associations to shoulder a task that constitutionally is not their bailiwick, has been hard for teachers and community associations to swallow; and has led them to tirelessly demand the same rights as Portuguese communities in Europe’

At the end of the 80s and beginning of the 90s, owing to the initiatives of the educational coordinator at the time, Emília Mendonça, and the drive of community associations, there was a network of programs spread throughout nine consular areas, functioning in clubs and churches, most with teachers trained in Portugal, and administered during after-school hours, which is still the case today. In their heyday, there were over 60 courses with more than 4,000 students, taught by close to 200 instructors, whose contracts – when there was one – was tenuous, unofficial, drafted according to the whim of each chairman or director, and dependent upon the number of students signed up in the course. In addition to the teachers from Portugal, schools also hired locally.

Despite all the setbacks, for years the network actually functioned (and still does) almost like private schools

in Portugal: the associations would hire teachers and pay them, hire a pedagogical director (with his own teaching credentials), and organize the school year under the supervision of the coordinator who monitored the programs, attendance records, class records, and saw to other educational details such as organizing exams and the issuing of certificates in Portuguese Language and Culture that were recognized in Portugal. Practically without opening its purse strings (it did pay the coordinator's salary), the country could boast of an educational network of Portuguese language and culture classes in the US and Canada too --- a network that - albeit somewhat lacking – catered to the concerns of the Portuguese community who viewed passing on the Portuguese language to their descendants as the best way to safeguard and secure the connection they felt with their homeland and culture.

Meanwhile, in Europe, the ministry was reviewing applications and placing Portuguese teachers, paying them full salaries as if they were teaching in schools back home, while providing travel expenses and other social benefits. What they reserved for the United States was *moral support*, leaving the coordinator and the heritage schools to fend for themselves on a mission many had no penchant for. Many teachers can still recall the tremendous commitment of the coordinator at the time, who – despite the shortfalls and setbacks – always managed to drum up money for training initiatives and books by appealing to whomever was around, like the Regional Government of the Azores, which always showed an interest in Portuguese language education (even though it was not their bailiwick) and companies owned by immigrants and Portuguese descendants in the US.

An Unsustainable Model

Those who have experienced this reality and know the situation from the inside – like the teachers in the Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá (Association of Portuguese Teachers in the United States and Canada- APPEUC, in the Portuguese acronym) have warned that this model is not sustainable and have demanded a concrete policy governing Portuguese language education in the United States. They have criticized the piecemeal measures the government has announced every time a new minister or state secretary was sworn in, or every time the community demanded that some visiting official take action. Suffice it to say that the actions never amounted to more than declarations of intent and announcements of changes that never took shape. And though former education minister Roberto Carneiro got a chance to see the shortcomings of Portuguese language teaching in the flesh in the 90s, as did the Parliamentary Educational Commission now in the 21st century, there has been no practical outcome. The reasons were always the same: despite the recommendations that support be lent to Portuguese language education, the country had neither the strategy nor the political will to carry it out in North America. Furthermore, the constant change of ministers, state secretaries, and general directors in the education ministry and the almost exclusive focus placed on Portuguese communities within Europe as a result of political pressure and the demands of the communities themselves at a time when Portugal was seeking to make its mark in the EU, meant that the communities in the US and Canada were left to shift for themselves insofar as language education was concerned.

The coordinating services, associations, teachers and parents all knew that without a clearly defined policy and investment on the ground, the Portuguese language would get nowhere in the US. Financially powerless and unable to hire teachers from Portugal because of legal and immigration constraints, the associations and heritage schools alike looked on as teachers picked up stakes and left and the number of students since 2004 drastically dwindled in nearly all the schools located in areas known traditionally to have a large Portuguese population. And the figures have not been offset by a greater number of Portuguese classes in the US public school system. In fact, since 2004, the number of students studying Portuguese has only grown by about 1,300 throughout the whole country. Clearly, if the Portuguese government has never backed (private) community language programs in the US, it certainly has done even less to further the language within the American public school system, despite the good intentions expressed by visitors from Lisbon in the late 90s.

The only real practical outcome of these intentions was – during the last few years of Coordinator Emília

Mendonça's mandate – a protocol co-signed by the Massachusetts Board of Education. However, the effects of the protocol have never been very far-reaching, since Portuguese as a foreign language is only on the curriculum in a handful of schools in Massachusetts, where, according to official figures, 300 thousand Portuguese reside. Those in the know say that the Portuguese government, who had the most to benefit, was the first to stop honoring the protocol, which eventually rendered the document useless. Apparently, it was only renewed in 2007, and somewhat hastily, because President Cavaco Silva was going to visit the Portuguese communities in New Bedford. Even so, it took two years for a new advisor to be appointed who seems to be laying the groundwork for a more sustainable approach.

The Massachusetts experience was never tried in other states; and if there have been public schools offering Portuguese as a foreign language it is for the reasons discussed above, and almost always owing to the pressure brought to bear by the Portuguese community, although some states (few) demand that certain school districts offer a given foreign language if a certain percentage of speakers in the area use it. When the coordinator retired in 2000 and the post was eliminated and subsequently turned into a position dubbed “educational advisor” to be headquartered at the Portuguese embassy in Washington, Portuguese language education in the US. descended into complete turmoil. First the Socialist government appointed an educational advisor who hardly got a chance to warm up his seat, because he was almost immediately let go by the Social Democrats. Next the Social Democrats appointed a second advisor who was let go by the Socialists less than two years later. The hiatus period lasted almost four years to the great despair of the teachers and the community, who still don't believe that the Portuguese offered by the school system is enough for their descendants to learn the language. The truth is that the American school system is highly complex, with independent school districts that have their own budgets. In all, this does not foster the creation of foreign language programs other than the traditional courses in Spanish, French, and (an increasingly less popular) Italian. What the Portuguese associations, teachers, and parents want, above all, is support for what is already in place i.e., the heritage schools. In second place, they demand more well-defined strategies and concrete, feasible projects aimed at promoting Portuguese as a foreign language, especially in school districts that include Portuguese communities. It's an undertaking that requires time, financial investment, and considerable political will.

Investing in the Integrated and Parallel (Heritage School) Teaching Models

The Association of Portuguese Teachers in the United States and Canada- APPEUC, which has been tirelessly sending off reports to Portugal for years, feels that the situation is eminently clear: “Any Portuguese language policy aimed at the United States must follow two directions - integrated education and support for heritage schools.” The Association has defended specific types of backing for communities by means of protocols between Portugal and community institutions that wish to join and can prove they are willing and able to tackle the task. The Portuguese government would send teachers and provide suitable pedagogical support, thus breathing life into the network of schools and upgrading the quality of teaching. The APPEUC sees these two systems - that work in tandem - as the best way to serve all the Portuguese communities throughout the United States. In the opinion of many communities, the integrated approach would not solve the problem, since Portuguese descendants are spread over a number of schools and cities and because the system would be difficult to implant in the short – and even medium term – in most of the areas where the Portuguese live.

APPEUC also cautions that teaching Portuguese to the descendants of immigrants can't be reduced to the “sheer mental exercise of having to memorize vocabulary lists or a bunch of grammar structures, like the ones taught in public school language courses; instead the program must be a real-life cultural experience that increases the student's chances to interact linguistically and integrate into the Lusophone family and community, which can only take place within the cultural context of a Portuguese association.”

At a time when foreign language education in the US is on the wane – with the exception of Spanish and Chinese – languages such as French, Italian, and German have only managed to survive with the aid of their respective countries. And even Spanish and Chinese language teaching are backed by Madrid and Beijing. An eye-opening

article from the January, 2010 issue of the *New York Times* reports that:

“Thousands of public schools stopped teaching foreign languages in the last decade, according to a government-financed survey — dismal news for a nation that needs more linguists to conduct its global business and diplomacy. But another contrary trend has educators and policy makers abuzz: a rush by schools in all parts of America to offer instruction in Chinese.

Some schools are paying for Chinese classes on their own, but hundreds are getting some help. The Chinese government is sending teachers from China to schools all over the world — and paying part of their salaries.

At a time of tight budgets, many American schools are finding that offer too good to refuse.” (1)

In this context, even though Portuguese may at some point garner the same academic interest as Chinese for similar reasons i.e., economic interests — because of the clout of Brazil’s burgeoning economy — Portugal and its Lusophone counterparts will have to follow in the footsteps of China, Italy, Spain, and France and decide whether or not it is willing to promote Portuguese in the United States. And if there is a political will and the money to do so, it must not expect short-term results, but earnestly wager on the dual-system approach, making the most of the experience of the people on the ground. And sometimes even appreciable financial investment doesn’t pan out. Another article in the *New York Times* reveals that:

“In Edgemont, a high-performing Westchester school district, children as young as 7 could recite colors and days of the week in Spanish, but few if any learned to really converse, read or write. So this fall, the district canceled the Spanish lessons offered twice weekly at its two elementary schools since 2003, deciding the time and resources — an estimated \$175,000 a year — could be better spent on other subjects.

Class consolidation in Yonkers resulted in the loss of four foreign-language teaching positions, and budget cuts have cost Arlington, N.Y., its seventh-grade German program, and Danbury, Conn., several sections of middle school French and Spanish. And in New Jersey, the Ridgewood district is replacing its three elementary school Spanish teachers with Rosetta Stone, an interactive computer program that cost \$70,000, less than half their combined salaries.” (2)

For integrated approach die-hards, there is a lesson to be learned here: the single-model approach is insufficient and unsustainable; an investment must be made in the heritage schools.

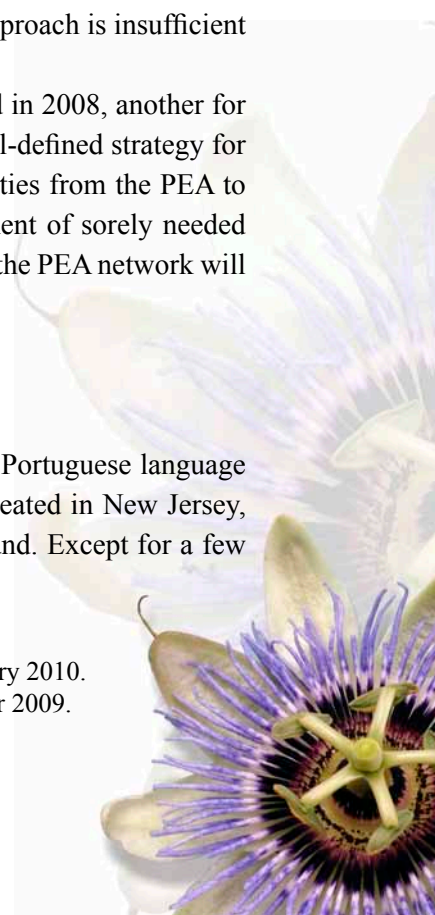
In 2007, a new coordinator for Portuguese education was appointed for the east coast and in 2008, another for the west coast; and the communities are on tenterhooks waiting for the announcement of a well-defined strategy for teaching Portuguese in the United States. However, the processes of transferring responsibilities from the PEA to the Camões Institute (which has finally been completed) has seriously postponed the enactment of sorely needed measures, even though the State Secretary for the Communities, António Braga, has stated that the PEA network will be extended to the US and Canada.

Mainlanders and Azoreans: Two Ways of Viewing Portuguese Language Education

In the US, the mainland and Azorean communities have always viewed the usefulness of Portuguese language education for Portuguese descendants in different ways. The first community schools were created in New Jersey, New York, and Connecticut by organizations whose members were primarily from the mainland. Except for a few

(1) “Foreign Languages Fade in Class — Except Chinese”, Sam Dillon, *The New York Times*, NY, January 2010.

(2) “Foreign Languages Fall as Schools Look for Cuts”, Winne Hu, *The New York Times*, NY, September 2009.



random exceptions from the past, the heritage schools only started springing up in Massachusetts, Rhode Island, and California - traditionally areas of Azorean immigrants - in the 70s and 80s. But even so, perhaps with the exception of California, most of the students were the children of mainlanders; and the trend has changed very little over the years.

The reason lies in the way the two communities (mainland and Azorean) view their own emigration experience. For mainlanders, especially the waves of emigrants who departed in the 60s, 70s, and 80s, the main objective was to put aside a few dollars and eventually return to Portugal. For most Azoreans however, going back was never a clear goal or one that loomed largely on their horizon. For even though they always sorely missed the islands, they also harbored memories of economic hardship – and sometimes dire poverty – which made them view settling in the New World as a more or less definitive choice, although returning to the islands may have been an option for the very distant future. The plan was to work hard, make sure that their children worked hard, and became part of American society in order to overcome and vanquish all recollection of the privations they experienced on the islands. Whether or not the children could speak their heritage language was a lesser concern, as long as they understood enough Portuguese to act as interpreters when their parents visited the Social Security Department, the post office, the school, police station or the hospital --- and as long as their English was good enough to make it on the job.

In those days, knowing a language besides English was not exactly viewed as a plus. Quite the contrary, it could mean that the child became the target of discrimination in school and in American society. Therefore, young people wanted to learn English – and fast – subsequently relegating Portuguese to the status of an affective language that is only spoken at home by the parents.

For the reasons mentioned above, mainlanders had another agenda, and viewed the transmission of their linguistic and cultural heritage as a resource to be tapped when they decided one day to return to Portugal. Moreover, for a number of reasons, the mainland community always enjoyed a stronger bond with Portugal than the islanders. Even today it is the mainlanders who continue to visit their home towns regularly (some go every year), which nurtures a greater interest in and connection to the mother tongue. The Azorean islands lie on the periphery, and for decades were not on the routes of intercontinental flights; the hardship and enormous expense of gaining access by air to all the islands in the archipelago, the length of time Azoreans have been settling in the US (which, in some cases is going on the 5th or 6th generation), and the distance that members of some communities would have to travel – in the case of California, over 14 hours- at least partially explain the loosening of the linguistic bond, though the ties of affection have never been lost.

Even so, in the last few years, Azorean communities have shown renewed interest in the Portuguese language classes both in heritage schools and in the public school system. The two high schools with most students studying Portuguese – in Fall River, Massachusetts and Tulare, California – are located in places densely populated with island immigrants; and in Rhode Island and California, other schools have sprung up in areas principally populated by third and fourth generation Azorean-Americans, despite the drop in enrolment in most of the heritage schools during the 80s and 90s. If efficiently tapped, this boost in interest could spark a rebirth of the heritage schools, provided they are given instructors specialized in teaching Portuguese as a non-native language, adequate educational materials, and a physical environment suitable for holding language classes. With regard to this point, the APPEUC points out that even though English and French are given in public schools, language instruction has always been available during after-school hours in language institutes.

The current coordinator of Portuguese education in California has stated that “there is renewed interest in maintaining and transmitting the Portuguese language, along with its culture, essentially because younger parents have begun to think seriously about what losing them would mean to their families.” But she also admits that there is a lot to be done: “It’s a huge job that demands a lot more financial and human resources than have been made available up to this point. We’re not only talking about setting up more Portuguese courses, we’re also talking about changing mentalities and cultural perspectives now and for the future,” she adds, while enumerating the coordinating department’s priorities:

- To staunch and reverse the rapid loss of the Portuguese language within the family and the community;
- To reestablish the language's social function and revive its status as a language of communication, culture, and development;
- To promote a greater sense of belonging to a global Portuguese-speaking community among local communities by giving young people in particular the opportunity to interact and communicate with each other;
- To empower communities and involve them in their own development by making them responsible partners in ongoing projects;
- To instruct the new generations in the Portuguese language, developing staged curriculum content for Portuguese as a second, heritage and foreign language, from the pre-school to the university level;
- To train bilingual and bicultural (or multilingual and multicultural) teachers;
- To utilize, develop, create, and disseminate resources and materials that can be easily shared or accessed by technological means.

It's a challenging task but one that is well worth it since, according to the 2000 Census, Portuguese is spoken by more than half a million people in the US (564,000) and ranks as the 12th most spoken language in homes throughout the country.

ANTÓNIO OLIVEIRA
Professor de Português e Vice-Presidente da APPEUC



ENTREVISTA AO MAESTRO JOSÉ CARLOS RODRIGUES

... a inexistência de rótulos sociais faz parte da magna carta da vida em sociedade...

Nascido na freguesia das Feteiras (S. Miguel), em Julho de 1945, o Maestro José Carlos Rodrigues iniciou os seus estudos secundários no Seminário Episcopal de Angra. Ali completou estudos musicais, superiormente ministrados pelo conceituado Maestro Edmundo Machado de Oliveira. Em 1973, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, exercendo, de seguida, no Continente Português.

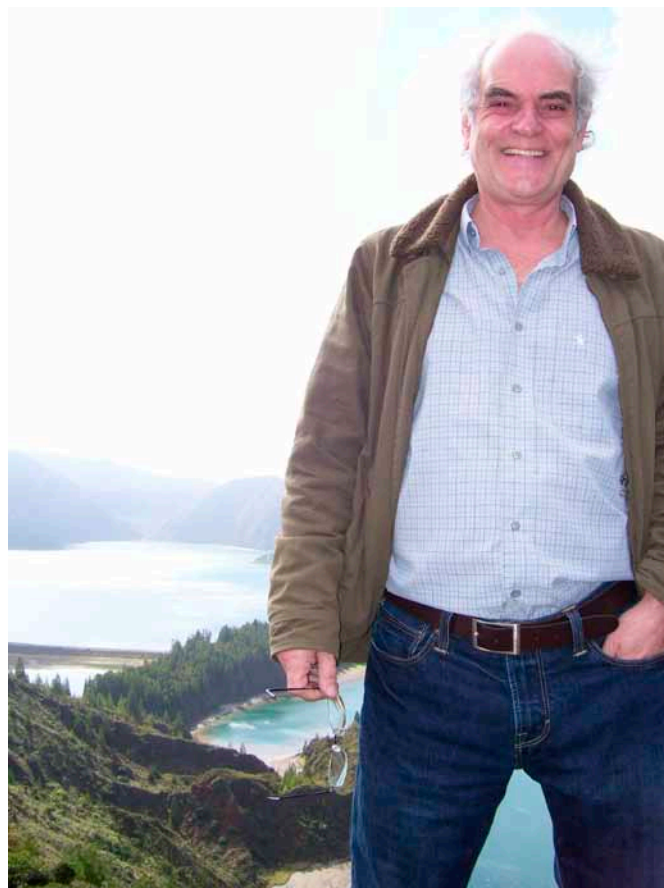
Regressado aos Açores, enveredou pela advocacia – profissão que abraçou durante 30 anos. Paralelamente, a sua paixão pela música tornou-o co-fundador do Orfeão Edmundo Machado de Oliveira, que contava com mais de 80 vozes, sendo seu maestro durante 18 anos. Nessa qualidade, fez várias digressões aos Estados Unidos, Canadá, França, Brasil e Continente Português. Foi convidado para dirigir o concerto inaugural das cerimónias dos 500 anos da Descoberta do Brasil. Gravou dois CDs: *UNICEF* (premiado com Disco de Prata); *E da Lava se Fez Música* – com canções regionais açorianas. Dirigiu orquestras para vários artistas de renome, como Luís Represas, Vitorino, Filipa Pais, Theresa Mayuco, Pedro Malagueta, Pedro Caldeira Cabral, e Madredeus. Um destes espectáculos foi realizado na inauguração do Centro Cultural de Belém.

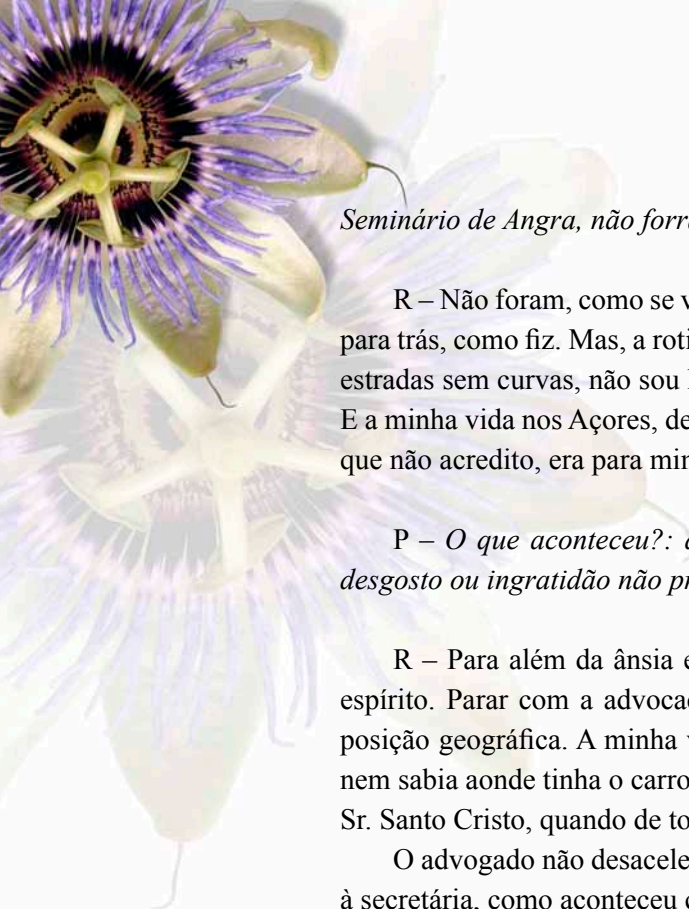
Por gostar do Canadá, suspendeu a profissão de advogado e fixou residência em Toronto, onde, há cinco anos fundou e dirige o Orfeão «Stella Maris», que conta, presentemente, com cerca de 50 vozes.

P – Após a afirmação de um nome, de uma obra e de talentos, quem lhe deu esse soco no estômago da estabilidade que o guindou para o Canadá?

R – A resposta a tal pergunta, é simples para mim e complicada para aqueles que dum maneira ou de outra foram atingidos pela minha decisão. O soco no estômago da minha estabilidade foi eu que o dei em mim próprio. Se fiz mal, pois “mea culpa”.

P – A ilha, a família e os afectos daí decorrentes, bem como o exercício brilhante em advocacia e a criação do mais consistente e apurado orfeão dos Açores, após o termo do período orfeónico do





Seminário de Angra, não foram amarras suficientes para permanecer?

R – Não foram, como se vê da decisão tomada. Eu sei e senti que o mais difícil era sair e deixar tudo para trás, como fiz. Mas, a rotina mata e mais ainda quando não se é obrigado a suportá-la. Não gosto de estradas sem curvas, não sou homem de planícies, gosto de descer o vale e, a seguir, subir a montanha. E a minha vida nos Açores, de roda de processos, de tribunais de leis e de partidocracias esmagantes em que não acredito, era para mim gastar cera com ruim defunto.

P – *O que aconteceu?: dar asas a um espírito de aventura tardio; inconsciência momentânea; desgosto ou ingratidão não previstos; ou algo mais subtil?*

R – Para além da ânsia em querer sair da rotina, havia um ponto absolutamente assente no meu espírito. Parar com a advocacia. Era tal a pressão e o “stress” diário que nem dava conta da minha posição geográfica. A minha vida girava à volta do triângulo casa, escritório, tribunal. Dias havia que nem sabia aonde tinha o carro estacionado e os cantos das ruas, só me dava conta deles na procissão do Sr. Santo Cristo, quando de toga vestida percorria as ruas da cidade em passo de música.

O advogado não desacelera. O seu movimento é uniformemente acelerado. Ou se pára, ou se morre à secretária, como aconteceu com outros. E se havia lugar aonde eu não gostaria de morrer era aí.

Mas não me via a passar as tardes da reforma, de jornal debaixo do braço, a ver passar os dias no café.

Pensei em dois filhos que iriam entrar para o ensino secundário e para a Universidade. Sabia que Portugal é pequeno e não apenas nem sobretudo geograficamente. Infelizmente, é um País sem futuro que privilegia a marcha atrás. Estava e estou absolutamente desesperançado com a Justiça, o Ensino e a política geral do País.

Conhecia e gostava do Canadá e pensava que aí podia não só abrir outros caminhos para os meus dois filhos, ao mesmo tempo que me permitiria conhecer e viver realidades diferentes, experimentar e vencer novos desafios em que a obrigação cedesse o passo à devoção.

Portanto, foi de tudo um pouco: espírito de aventura, se calhar tardio, desgosto da situação e vontade de sobreviver, na pressuposição de que iria emprestar mais cor à minha vida.

P – *Porquê Toronto como destino?*

R – Toronto porque era e é uma cidade grande, aberta, com grandes espaços físicos, culturais, científicos e aonde se achava uma comunidade portuguesa que julgava, erroneamente, tão desenvolvida intelectualmente como a que deixei atrás. Toronto é o mundo dentro da cidade, é uma eco-cidade, cheia de espaços verdes em que o respeito pelo meio ambiente é incentivado, promovido e admirado. Tudo é pensado (às vezes, demais) e sempre a pensar na pessoa.

Apesar disso, acabei por ficar num “little Portugal” ainda mais pequenino. As barreiras linguísticas são enormes e não é possível aos sessentas chorar e gargalhar e sentir senão em Português.

P – *O dia seguinte, no Canadá, tem sido como pensou?*

R – Não é, seguramente, aqui o Paraíso Terreal. Penso até que Adão e Eva não teriam gostado muito deste frio de Inverno. Porém, consegui o que pensei, planeei e desejei: Parei com a advocacia, os meus dois filhos frequentam as faculdades de Engenharia e Direito, num País aonde as possibilidades se abrem sem barreiras e onde aos “padrinhos” é reservado apenas o seu lugar na pia de baptismo.

Para além disso, tive a possibilidade de contactar e interagir com meios menos paroquiais e mais abertos, aonde o respeito mútuo pela opinião alheia é palavra de ordem e, sobretudo, a inexistência de rótulos sociais faz parte da magna carta da vida em sociedade.

P – *Já começou a criar raízes, ou o vento da inconstância ainda o sacode no campo da adaptação?*

R – Já comecei a criar raízes, sim. Mas mesmo essas, obtidas por razões de sobrevivência, não são raízes fundeiras, andam à superfície, não marcam nem deixam marcas. As verdadeiras raízes são as pessoas e assentam na infância e na juventude do ser humano. O resto é adjacência e circunstância de tempo, lugar e modo.

P – *Dizem que o emigrante serôdio tem sempre, algures, um «muro das lamentações». Tem algum? Usa-o?*

R – Tenho. E esse muro sou eu próprio. Não são os outros... Às vezes, dava jeito ter um muro de lamentações um pouco mais ao lado, que tornasse a desculpabilização por alguns insucessos mais anestesiante. Mas quando esse muro é construído com as nossas decisões de cimento, a boa fé impõe e a ética aconselha pôr de lado o “venire contra factum proprium”. Por isso, não o posso usar.

P – *«Stella Maris» é um nome lindo para um orfeão que já brilha em muitos momentos da vida dos luso-canadianos de Toronto. Diga quanto se lhe oferece dizer sobre mais esta iniciativa que veio auto-estimar, de forma indelével, o quotidiano dos seus elementos e de toda a comunidade.*

R – “Stella Maris” foi uma iniciativa mais egoísta que altruísta. Teve a ver com a minha necessidade de comunicar, de dar algo de mim, do pouco ou do muito que podia dar.

Neste mundo ou se dá ou se morre. A minha mulher, que tem sido uma grande barra na minha vida, ao ver-se por mim arrastada para esta aventura decidiu com o fervor de que só ela é capaz, entusiasmar-me numa coisa que sabia ir fazer-me sentir bem. Integrou-se também ela de corpo e alma num projecto que é tanto dela quanto meu. Não fosse ela e não teria havido “Stella Maris”. Os orfeonistas sentem-no e vêm em mim o motor e nela o lastro da embarcação.

Para além de me ajudar a enraizar com o “Stella Maris”, fez ela o seu próprio caminho com o seu mestrado em Ciências de Educação, mas sempre arrastando o “Stella Maris” para outros voos que não a música. Assim, os meus cantores vêem-se a recitar a nossa Natália Correia, Fernando Pessoa, a organizar e a promover lançamentos de livros, a discutir textos literários, a representar e a navegar em águas que nem por sonhos alguma vez pensavam que existiam.

A música e estas incursões literárias fizeram mudar-lhes os hábitos, as maneiras de estar, de pensar e de ver a própria vida. E tudo com uma tal humildade que me assombra. E quando podiam olhar com mágoa para o Portugal que lhes sonogou todas as oportunidades de recriarem o espírito e os exportou e cuspiu para o estrangeiro, sentem-se ufanos e ainda mais agarrados ao País que amam. E é ver com que apromo, dignidade e amor cantam o hino de Portugal e as canções em língua portuguesa.

Para mim foi um acontecimento bem marcante que muito me impressionou e impressiona. O “Stella Maris” não é um simples grupo de pessoas que se junta. É uma verdadeira família que se quer ver, desabafar e entre-ajudar. É um grupo de pessoas que está lá, na hora certa. E isso é visto e sentido, inclusive por pessoas de outras culturas e nacionalidades que, ao conviverem com o “Stella Maris”, a ele se colam com pasmo e admiração. E pegam nas suas músicas e dão-nas a ouvir a terceiros, nos seus

trabalhos, nos carros, nas suas festas.

E vai ele crescendo a olhos vistos.

Os meus cantores deixam de festejar os seus aniversários no seio dos seus e vêm celebrá-los para os ensaios. Tenho dificuldade em perceber isto. É quase uma religião.

P – A música é o seu sangue? Corre o risco de se esvair?

R – Sim: a música é o meu sangue. E a barra de aço que sou, os sons vergam-na como arame. Vem dos tempos de criança. Os meus avós cantavam, os meus pais e tios também. Depois, tive a felicidade de conhecer o nosso antigo professor Dr. Edmundo Machado de Oliveira que me ensinou a perceber a magia dos sons e, sobretudo, a perceber que com a música podíamos, no Seminário, ladear a falta de autenticidade de alguns daqueles que tinham a obrigação de orientar e fazer crescer as crianças que pais crentes e de boa fé entregavam à instituição aos 10 anos de idade.

P – E amanhã?

R – E amanhã?! Já me fizeram várias entrevistas na vida. Esta foi a mais séria, profunda e certa. Não havia cortinas, biombos ou partes sombrias aonde me pudesse esconder.

Amanhã? Só sei que, de acordo com o corte de relações que tenho com a rotina, não é de excluir que venha a mudar de poiso se essa for também a vontade de minha mulher. "Ubi benne, ubi Patria". Não tenho qualquer compromisso de natureza real com o território. Antes, sim, com as pessoas e comigo próprio.

Penso é que tenho de me reconciliar comigo, com os meus, com aqueles a quem prejudiquei na vida, consciente ou inconscientemente e com Deus que, às vezes, parece estar tão longe.





INTERVIEW WITH JOSÉ CARLOS RODRIGUES

... the non-existence of social labels is part of the Magna Carta of life in society...

Born in the parish of Feteiras in São Miguel, in July of 1945, Maestro José Carlos Rodrigues attended secondary school at the Seminário Episcopal de Angra do Heroísmo (a theological seminary), where he went on to complete the program in Music, masterfully taught by the distinguished conductor Edmundo Machado de Oliveira. In 1973, he obtained a degree in Law from the University of Lisbon, later practicing law on the mainland.

Returning to the Azores, he continued in the legal profession for 30 years. But his passion for music led him to co-found the Edmundo Machado de Oliveira Choir, an ensemble with over 80 singers, which he conducted for 18 years. As head of the chorus, he toured the United States, Canada, France, Brazil, and the Portuguese mainland several times and was invited to be the guest conductor for the concert inaugurating the commemorations of the 500th anniversary Brazil's discovery. He has recorded two CDs: *UNICEF* (awarded the Silver Disc) and *E da Lava se Fez Música* – a record of regional music from the Azores. He has also been the orchestra conductor for several famous recording artists such as Luís Represas, Vitorino, Filipa Pais, Theresa Mayuco, Pedro Malagueta, Pedro Caldeira Cabral, and Madredeus, having led the orchestra at the inauguration of the Belém Cultural Center.

His attraction to Canada led him to give up his legal practice and settle in Toronto where five years ago he founded and now directs the Stella Maris Choir, an ensemble with close to 50 singers.

P – *You made a name for yourself and your work and talent were widely recognized; so what was the shot in the arm that made you take off for Canada?*

R – For me the answer is simple but complicated for the people who were directly or indirectly affected by my decision. The shot in the arm that sent a jolt through my stable lifestyle was the shot I gave myself. If I was wrong, well then, *mea culpa*.

P – *There was the island, your family and the ties you had there, your brilliant career as a lawyer, your having set up the most consistent and well-trained choir in the Azores after the end of the Angra Seminar Choir. Wasn't all of this enough to keep you there?*

R – As you can see from my decision, no. I both knew and felt that the toughest part was pulling up stakes and leaving everything behind. But routine is deadly, and even more so when you're not forced to stand it. I don't like traveling where there are no bends in the road, I wasn't cut out for the plains, I like descents into the valley followed by ascents up the mountain. My life in the Azores was spent dealing with law suits, courts, suffocating party politicking that I care nothing about; I was constantly trying to make silk purses out of sows' ears.

P – *What happened then? Were you giving in to a belated spirit of adventure, temporary insanity, unforeseen anguish, ingratitude, or something more subtle?*

R – Aside from my anxiousness to end the drudgery, there was one thing that was absolutely firm in my mind: giving up law. The daily demands and stress I felt every day were such that I didn't even know where I was – geographically speaking. My life revolved around the triangle formed by home-office-court. There were days when I didn't even know where I'd parked my car; and I was only able to focus in on what street corner I was on during the Holy Christ Procession, walking through the city streets in my processional robes to the beat of the music.

Lawyers don't slow down. They are in a constant, steady state of acceleration. They either stop or die at their desks – which has happened to a lot of other guys. And if there was one place I didn't want to die, it was there. But I also didn't see myself spending my retirement afternoons in some outdoor café, watching life go by with a newspaper under my arm.

I thought about my two kids who were starting high school and college, and I knew that Portugal was small – not only and not primarily – geographically speaking. Unfortunately it's a country without a future that focuses on moving backwards. I had lost absolutely all hope in the justice system, the educational system, and the country's overall policies.

I knew Canada and liked it. I felt I could not only offer new directions for my two kids, but learn about and experience different realities myself, while overcoming new challenges I decided to tackle out of dedication rather than obligation.

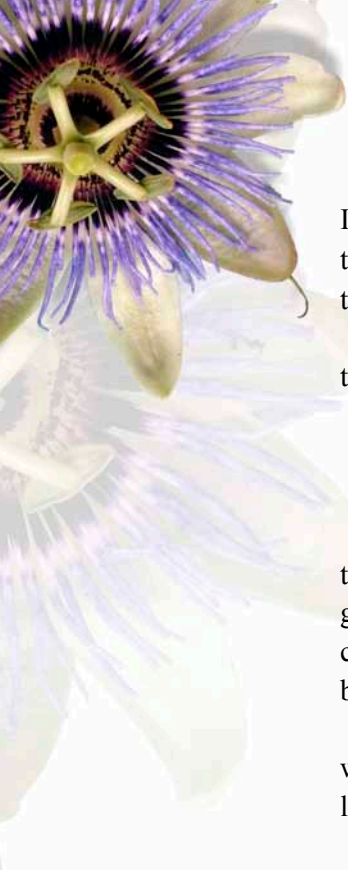
So, it was a little bit of everything: a spirit of adventure – probably somewhat belated – distaste for the situation I was living through, and a will to survive, all tempered by the feeling I would be adding more color to my life.

P – *Why did you pick Toronto?*

R – Because it was a large, open city with large physical, cultural, scientific spaces where I would find a Portuguese community that I erroneously thought would be as intellectually advanced as the one



Orfeão “Edmundo de Oliveira” (senior e juvenil) na Lagoa



I left behind. Toronto is a world within a city, an eco-city, full of parks and gardens, where respect for the environment is encouraged, promoted, and admired. Everything is carefully thought out (sometimes too much) with people in mind.

Despite it all, I ended up living in a “little Portugal” that was even smaller. The language barrier is tremendous, and at 60, you can only cry, guffaws, and feel things in Portuguese.

P – *Did Canada end up being like you imagined?*

R – Canada’s no paradise on earth. I am sure that even Adam and Eve wouldn’t have cared for the freezing winters. However, I did manage to carry out what I thought, planned, and hoped for: I gave up my legal practice; one of my kids is getting a degree in law and the other in engineering in a country where the opportunities are limitless and where “godfathers” only get to pull their weight at the baptismal font.

I’ve also had a chance to meet and interact in less parochial, more open-minded circles of people, where mutual respect for the other person’s opinion is sacrosanct, and where the non-existence of social labels is part of the Magna Carta of life in society.

P – Have you put down roots yet or are you still being buffeted by the fickle winds of adjustment?

R – I have settled in, but the roots have become grounded for survival reasons; they’re not deep, but very much on the surface; they’re the kind that leave no mark. Your real roots consist of people and are grounded in your childhood and youth. Everything else is a contingency based on time, place, and means.

P – *They say that the late-departing emigrant always has a Wailing Wall somewhere. Do you?*

R – Yes, I myself am the Wall, not other people. Sometimes I think it would be good to have a Wailing Wall a little closer at hand to relieve the pain caused by trying to erase the blame for some of my failures. But when the wall has been built with the hardened concrete of our own decisions, good conscience and ethics dictate that you put aside the “venire contra factum proprium”. That’s why I don’t wail at the Wall.

P – *Stella Maris is a lovely name for the choir that has enlivened so many events of Toronto’s Luso-Canadian community. What can you tell us about this endeavor, which has so profoundly enriched the lives of the choir members and the whole community?*

R – Stella Maris was more of a selfish initiative than an altruistic one. It grew out of my need to communicate and give what little of myself I had to give.

In this life, you either give of yourself or die. My wife – the great rock of my life – whom I dragged along on this adventure with me, decided to motivate me to do something that she knew would make me feel good, and she did it with a zeal that only she is capable of. She then threw herself heart and soul into the project, which is as much hers as mine. If it weren’t for her, there would be no Stella Maris. The singers feel it too, and see me as the engine and her as the ballast of the ship.

Besides helping me put down roots with the Stella Maris, she also forged a new path for herself by getting a Master’s in Education, while taking the Stella Maris to new heights that didn’t even involve music. Because of her, the singers have been called on to recite Natália Correia and Fernando Pessoa, organize and promote book launchings, discuss literary texts, act, and generally wade into waters they

never even dreamt existed.

Both the music and these literary sorties changed their routines, the way they thought, and the way they dealt with life ... and all with a humility that is amazing to me. They could very easily have viewed Portugal painfully, as the place that stripped them of every opportunity to revive their spirits, then exported them – spat them out – toward some foreign country. Instead they feel pride and even stronger ties with their beloved Portugal than they did before. You should see the pride, dignity, and love that shine through when they sing the Portuguese national anthem and songs in the Portuguese language.

It was an experience that marked me and still does. The Stella Maris is not just a group of people that occasionally meet. It's a real family that wants to be together, share feelings, and help each other. It's a group of people that is there when you need them. And even people of other nationalities, from other cultures, have felt it too. After socializing with the Stella Maris choristers, they're usually struck with amazement and admiration and often stick around. Then they take the group's music, play it for other people, and listen to it in their cars, at work, and at their own parties. So the group keeps growing by leaps and bounds.

My singers don't celebrate their birthdays at home any more, they party at rehearsals. I have a hard time understanding it. It's become sort of a religion.

P – Music is your life's blood. Any danger of a bloodletting?

R – Music is my life's blood. It's the rod that keeps me straight; yet the sounds can bend it like a wire. It comes from when I was a child. My grandparents sang; so did my parents, uncles, and aunts. Then I was fortunate enough to meet Prof. Edmundo Machado de Oliveira, who taught me to understand the magic of sound, but most of all to realize that through music we were able – in the Seminary – to sidestep the insincerity of those who were charged with guiding and enabling the growth of children who devout parents - in good faith - left in the seminary's care when they were 10 years old.

P – And what does tomorrow hold?

R – Tomorrow? I've been interviewed several times in my life but this interview was the most serious, profound, and to the point. There were no dark corners, curtains, or screens for me to hide behind. Tomorrow? All I know is that, given my penchant for severing relations with drudgery, a change of scenery wouldn't be out of the question, especially if my wife felt the same way. "Ubi benne, ubi Patria". I have no real commitment to any territory, only to people and to myself.

What I have to do is come to terms with myself, my family, the people whose lives I may have harmed - wittingly or not – and God, who sometimes seems so very far away.



ONDE A EUROPA CHEGA MAIS LONGE.

Em 2010, Açores e Europa unem-se como nunca na comemoração do que temos de melhor: a solidez da nossa cultura, o avanço das nossas ciências, a humanidade dos nossos valores, e o sonho de um futuro cada vez melhor. Juntos, vamos dar e receber, ensinar e aprender, inspirar e festejar. E vamos fazê-lo aqui, onde a Europa chega mais longe.



AÇORES

REGIÃO EUROPEIA '10



Governo dos Açores

PATROCINADORES OFICIAIS

sata The Atlantic and You™

BENSAUDE TURISMO

MEDIA PARTNERS

35 ANOS RTP AÇORES

RDP RECORDS

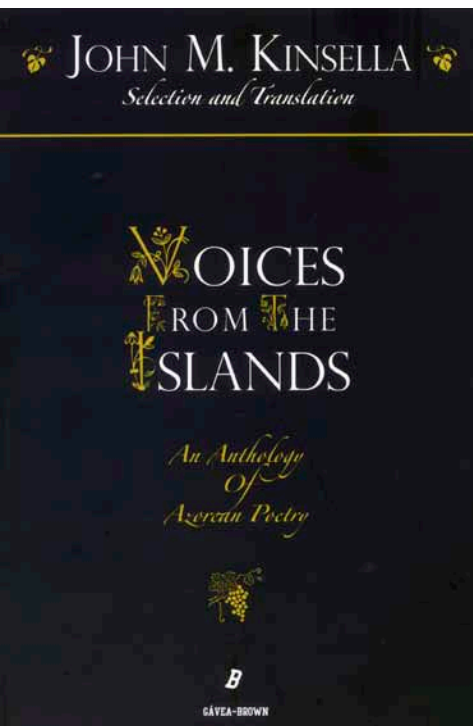


algas sonhos transparências





POEMAS DO OCEANO: A ANTOLOGIA AÇORIANA



Vistos do estrangeiro, normalmente em imagens de panfletos de viagens ou ocasionalmente nos meios de comunicação social, os Açores parecem distantes, marginais, ou de uma beleza exótica. No entanto, uma outra imagem dos Açores – o reverso da medalha mais turística ou comercial – surge da paisagem cultural e literária dos escritores açorianos. É um panorama variado e rico, de uma abundância e diversidade extraordinárias, que contempla um número significativo de nomes importantes que incluem o poeta do século XIX Antero de Quental, Roberto de Mesquita e Armando Córtes-Rodrigues (que colaborou com Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros no jornal modernista *Orpheu*. Uma outra figura de relevo é Vitorino Nemésio, cuja obra *Mau Tempo no Canal* é considerada como sendo essencialmente açoriana na sua descrição da vida e carácter da ilha. É interessante notar que houve um florescimento especial da actividade cultural em algumas ilhas em particular, devido a algumas razões socioeconómicas determinantes. Assim, o Faial tornou-se notável no início do século XIX, quando a sua capital, Horta, se tornou num porto importante para navios que faziam a travessia do Atlântico, entre a Europa e a América. Em finais dos anos 50, a cidade de Angra, na ilha Terceira, tornou-se mais importante em resultado de um grupo embrionário de professores do seminário, que tinham estudado em universidades europeias e tinham regressado com ideias novas que tiveram um efeito revigorante, tanto nas instituições eclesiásticas como nas instituições culturais. Disto resultou a criação do Instituto Açoriano de Cultura, bem como a impressionante publicação trimestral *Atlântida*, que ainda hoje se publica. A revista *Gávea* também surgiu nesta altura e contou com contribuições de escritores como José Enes, Emanuel Félix e Almeida Firmino e do artista Rogério Silva, que, mais tarde, abriria uma galeria de arte que é especialmente importante na história da arte açoriana. Tanta actividade deveria ser considerada como bastante extraordinária numa cidade com uma população de 15.000 almas.

Os escritores em início de carreira foram seriamente afectados e intimidados pela censura da ditadura de Salazar e muita da literatura viu-se forçada a reutilizar os clichês de temas regionalistas – as ilhas como um paraíso, a superioridade de uma esfera tradicional, quase intemporal. No entanto, nos anos sessenta a ligação entre a busca de mudança e o receio de expressão conduziu a um sério questionar do *status quo*. Citando Onésimo Almeida, “Apareciam poemas sobre a América Latina, ou sobre a Índia, mas o leitor devia ler ‘Açores’. Um texto ou um poema sobre o Vietnã devia ser decodificado como sendo sobre a África Portuguesa. A falta de liberdade de expressão encontrou na poesia ou na prosa metafísica uma forma de intervenção social e política; na crítica literária, encontrou uma forma indirecta de criticar a ideologia oficial.”ⁱ

Esta forma secreta de abordar determinados assuntos tinha certamente uma longa história e já se tinha recorrido em Espanha durante o período Franquista paralelo. A página literária do jornal *A União* tornou-se um ponto de sublevação geográfica neste contexto e preconizou um cada vez maior sentido de revolução em relação à literatura e às artes. Os escritores tinham lutado para compreender os seus próprios modos de representação, lendo e reflectindo sobre autores como Karl Marx, Herbert Marcuse

i Onésimo Almeida, ‘The New Outlook in Azorean Literature,’ *Roads to Today’s Portugal*, ed. Nelson Vieira, Providence, Gávea-Brown, 1983, p.110.

e Mao Tse Tung, bem como sobre Pablo Neruda, Albert Camus, Jean-Paul Sartre. A obra de Teilhard de Chardin também se tornou muito popular nessa altura. Era justamente por causa da vida nas ilhas que tais autores se tornavam necessários para ajudar a estabelecer uma relação mais abrangente com o mundo exterior. A poesia, em especial, representou um importante veículo de auto-expressão nas ilhas e as seguintes afirmações de Nadezhda Mandelshtam, viúva do poeta Osip Mandelshtam, tornaram-se relevantes neste contexto: “A poesia tem de facto uma posição muito especial neste país. Dinamiza as pessoas e molda as suas mentes. Não é pois de admirar que a nossa nova *intelligentsia* sinta uma ânsia de poesia nunca antes vista... Traz as pessoas de volta à vida.”ⁱⁱ Embora estas palavras se refiram à União Soviética, poderiam referir-se aos poetas que escreviam nas ilhas enquanto percorriam o caminho que conduzia das derradeiras fases da ditadura à revolução de Abril de 1974. O movimento do pêndulo continuou a conduzir os poetas nessa direcção positiva durante as primeiras décadas do século XX.

Devido à importância da poesia nas ilhas e ao grande número de poetas envolvidos, decidi construir uma antologia de poesia açoriana que representasse tantos autores diferentes quanto possível, dentro dos limites óbvios de um projecto desta natureza. A selecção iniciou-se com alguns dos mais conhecidos escritores do século XIX, como Antero de Quental, Roberto de Mesquita, Armando Córtes-Rodrigues e Bernardo Maciel, bem como outros escritores nascidos nos primeiros anos do século XX, como Vitorino Nemésio, Maduro Dias, Duarte de Viveiros e João Teixeira de Medeiros. No entanto, o destaque principal vai obviamente para as vozes mais modernas e contemporâneas, com exemplos significativos da primeira parte do século passado, tais como Pedro da Silveira, Carlos Wallenstein e José Enes, indo até Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt, Marcolino Candeias e Paulo Freitas.

As mulheres estão fortemente representadas através da obra de óptimas escritoras como Natália Correia, Madalena Féris, Adelaide Batista, Maria Luisa Soares e Judite Jorge. No que diz respeito à questão da geografia, podemos dizer que quase todos os poetas foram incluídos nesta antologia dos Açores – embora alguns tenham partido para estudar e trabalhar fora das ilhas – principalmente em Portugal continental. No entanto, João Teixeira de Medeiros nasceu em Fall River, Massachusetts, onde uma magnífica estátua foi erguida para lhe prestar homenagem, bem como para reconhecer um representante da enorme diáspora açoriana presente nesta parte dos Estados Unidos. Avelina da Silveira nasceu no Huambo, em Angola, de pais açorianos que foram para África e depois para o Canadá. O seu breve poema “Pátria Mãria” oferece um olhar interessante sobre o duplo sentido de identidade, tanto do próprio migrante como do impacto sentido pelos que ficaram para trás, numa situação difícil descrita da seguinte forma: “se esgota a mátria/ em parir tanto porvir”. Eduardo Bettencourt Pinto, um óptimo poeta que também organizou a excelente antologia “Os Nove Rumores do Mar: Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea”, também nasceu em Angola, na cidade de Gabela. No seu posfácio à antologia, que inclui exemplos da sua própria poesia, ele oferece um interessante relato da sua relação com as ilhas: “Pode-se nascer numa ilha de duas maneiras: do corpo duma mulher ou pelo fulgor da sensibilidade. No meu caso, a descoberta dum profundo e inequívoco senso de presença, cimentado no correr dos anos por uma paixão inalterável, viva como uma tocha ardente, ligou-me para sempre aos Açores.”ⁱⁱⁱ

ii Veja Nadine Gordimer ‘Writers in South Africa: the new Black Poets’, *Exile and Tradition: Studies in African and Caribbean Literature*, ed. Rowland Smith, New York, Dalhousie University Press, 1976.p.132.

iii Eduardo Bettencourt Pinto, *Nove Rumores do Mar: Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, Lisboa, Instituto Camões, 2002.p.159.

The sea within

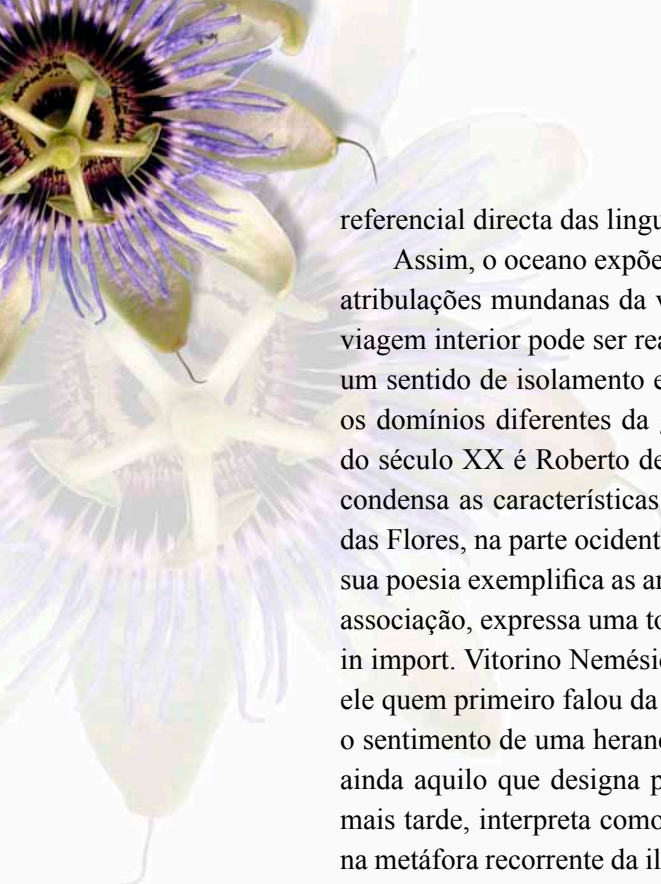
Gávea-Brown

Toda esta questão do local de nascimento e da identidade conduz inevitavelmente a que se façam considerações acerca do que significa a identidade açoriana, especialmente no que diz respeito às suas sensibilidades culturais e, mais especificamente, poéticas. Este assunto é abordado com alguma profundidade na *Antologia da Poesia Açoriana (Do Século XVIII a 1975)*, de Pedro da Silveira, em que o autor traça um mapa bastante substancial da poesia açoriana, ao mesmo tempo que defende a existência de uma quantidade de obras autónomas que poderiam ser consideradas açorianas, em oposição à literatura puramente portuguesa. O estudo da literatura açoriana deu origem ao lugar comum que afirma que esta designação de açoriana é problemática devido a uma pouco clara série de enquadramentos políticos, culturais e institucionais. A designação abarca não unicamente uma área geográfica ou uma situação política em especial, torna-se também numa forma de assumir uma certa posição intelectual ou cultural. O debate foi também causado pelas tensões inerentes em relação à metrópole e às suas margens e postulados, um domínio onde surge um conflito entre as diferenças das margens e a unidade cultural, uma modificação radical em oposição a uma convergência de vozes. Este debate foi convincentemente retomado numa série de livros escritos pelo académico açoriano Onésimo Almeida, que conseguiu atingir um sentido lúcido de coerência e reconciliação, apagando algumas diferenças e fornecendo uma ponte de ligação entre a distinção, entre o próprio sentido de regional e do geograficamente distante, e a relação com a literatura portuguesa da primeira linha. No seu livro intitulado *Açores, Açorianos, Açorianidade* ele consegue que a esfera autónoma das ilhas seja reconhecida, ao mesmo tempo que reconhece que elas estão enquadradas pelo alcance da cultura portuguesa – uma

cultura que produziu e produz, que estruturou e estrutura no sentido que as ilhas se manifestam nos seus pontos de contacto com Portugal, independentemente das suas divergências e dos fossos causados pelas grandes distâncias que os separam. Nesta perspectiva, as afirmações que se seguem são especialmente pertinentes: “Como em qualquer literatura, não se trata de um movimento único nem de uma plataforma artística, literária ou política comum. É um corpo que, consciente ou inconscientemente, se integra numa tradição cultural. Se ela é ou não parte de um outro corpo mais vasto – neste caso, a literatura portuguesa – é uma questão que, em termos práticos, nem sequer se deveria pôr, por ser demasiado óbvia a resposta.”^{iv} Este sentido de ruptura ou desunião, oposto à união e à colectividade, de separação oposta à integração, também pode ser considerado de modo útil e positivo numa avaliação e reconhecimento da regional como compatível com a universal.

O que é certo é que a poesia das ilhas está repleta de pormenores locais ou regionais que incluem o tema do mar ou do oceano e o da emigração das próprias ilhas. Relacionado com estes aspectos está um sentido de isolamento e o próprio carácter remoto da localização geográfica em si. Um dos principais poetas que abordou a imagem do mar foi Antero de Quental, em cuja obra as águas que rodeiam as ilhas aparecem como imprevisíveis, tempestuosas e violentas. No entanto, ele sente-se atraído por estas características incontroláveis e tumultuosas, já que, de modo aparentemente contraditório, ele é capaz de mais facilmente perscrutar as profundezas da sua própria psique numa fuga quase utópica do “árido chão” das massas de terra. Desta forma, a distância intensificou a identidade insular e oferece um modo diferente de interpretar as vidas individuais do sujeito isolado, relegando para um certo nível a função

iv Onésimo Almeida, *Açores, Açorianos, Açorianidade*, Lisboa, Signo, 1989. p.159.



referencial directa das linguagens usadas e abrindo um novo sentido de espaço.

Assim, o oceano expõe ao olhar um espaço espiritual ou emocional que o transporta para longe das atribulações mundanas da vida nas ilhas; torna-se o local dos seus mais profundos anseios, onde uma viagem interior pode ser realizada. Desta forma a imaginação move-se entre a terra e o mar, invocando um sentido de isolamento e o desconforto de uma psique em conflito, ao mesmo tempo que aproxima os domínios diferentes da geografia externa à dos sentimentos internos. Um outro poeta interessante do século XX é Roberto de Mesquita, cuja importância é vista como incontestável, já que é ele quem condensa as características de “açorianidade” da sua obra. Embora tenha passado toda a vida na ilha das Flores, na parte ocidental do arquipélago, encontrou inspiração na obra de Verlaine e Baudelaire e a sua poesia exemplifica as armadilhas do isolamento e clausura que ameaçam o habitante das ilhas e, por associação, expressa uma tomada de consciência das circunstâncias que são claramente mais universais in import. Vitorino Nemésio é também uma figura que se destaca na história da literatura açoriana. Foi ele quem primeiro falou da literatura açoriana. Foi ele quem falou do “apego à terra `açoriana’... e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.”^v Ele realça ainda aquilo que designa por “uma espécie de embriaguez do isolamento”, que Urbano Bettencourt, mais tarde, interpreta como sendo “inseparável da forte consciência de um espaço limitado (traduzido na metáfora recorrente da ilha como ‘mundo abreviado’), e ainda a experiência de fronteira que as ilhas, sobretudo as do Grupo Central, proporcionam.”^{vi}

A imagem persistente do oceano como uma idealização durante o longo período da ditadura, com a sua censura concomitante, mostra as ilhas como que estruturadas de um modo constritivo através de uma vigilância contínua, ao invés de uma metáfora mais compatível com a forma de escape em direcção a um horizonte novo e mais utópico. Mais tarde, como a antologia *The Sea Within* revela, o mar regressa como uma idealização interna, uma síntese simbólica de tudo o que é fixo, familiar e conhecido, conjuntamente com o corolário de movimento, deslocação, emigração e exílio. As próprias ilhas podem vir a representar um território mais estável face aos limites perigosamente invasores do oceano. Esta noção de idealização interna é muito clara no poema de Álamo Oliveira, “Mar com Poeta dentro”. Em “Duas Quadras de Mar”, o mar é usado mais uma vez como uma analogia para escrever poesia, em que o papel azul serve como tela para a sua “caligrafia”. O poema “Painel” oferece uma magnífica imagem do mundo físico enquanto que “O barco está virado” apresenta uma imagem agradável e serena, apesar do título pouco promissor. Em “Descida à Fajã (S. Jorge)”, de Luísa Maria Soares, há uma invocação de possibilidades líricas e animadoras da paisagem marítima à medida que as formas monótonas do mundano são descritas em toda a sua estagnação. No entanto, mesmo a própria letargia do tempo é poeticamente libertada através de um sentido firme de encantamento. Isto porque, detrás do mundo rotineiro dos lugares comuns, existe um domínio mais íntimo e quase de outro mundo, onde o poeta consegue captar a “recôndita voz dos búzios”. O que surge aqui é uma voz à beira da descoberta, um compromisso com as origens, uma consciência de uma certa ocupação prévia do espaço quotidiano. O poema contém imagens de som através da pintura e das vozes das conchas e ainda de contenção ou sufoco, visto que a pintura é invisível e a voz é recôndita e está escondida. Há até uma analogia entre a violência potencial da própria natureza e a domesticação humana da natureza, uma divisão entre energias mais elementares e perturbadoras e as experiências aborrecidas da “fofa poltrona” num ambiente urbanizado.

v Urbano Bettencourt, *Ilhas Conforme as Circunstâncias*, Lisboa, Edições Salamandra, 2003.p.17.

vi Ibid. Urbano Bettencourt,pp.18-19.

Um outro item significativo na poesia açoriana é o da emigração e, de facto, Diniz Borges publicou recentemente uma antologia subordinada a este tema, intitulada *Nem Sempre a Saudade Chora – Antologia da Poesia Açoriana sobre a Emigração*, em que enfatiza o facto de que “a emigração, presente desde que os primeiros colonos chegaram aos Açores, tem contribuído imenso para a nossa literatura.”^{vii} O complexo padrão da emigração das ilhas também encorajou a exploração de outras culturas, fomentou novas alianças na diáspora e enriqueceu as tradições existentes em contextos mais alargados de experiência e expressão. No âmbito do panorama mais alargado das letras açorianas, escritores da estatura de Onésimo Almeida, João de Melo, Emanuel Félix e Eduardo Bettencourt Pinto, por exemplo, forneceram a frescura de diferentes perspectivas, na medida em que se adquiriu o conhecimento de terras estrangeiras.

No caso de Almeida, a particularidade do pequeno espaço açoriano adquire um sentido de proporção em relação à distância cultural e geográfica. Emanuel Félix é um poeta que primeiro partiu e mais tarde regressou às ilhas com uma forte consciência das diferentes tradições poéticas, bem como da pura realidade das partidas, dos destinos largamente sonhados e do que está do outro lado. É também um tradutor de poesia, através do que ele alterna entre diferentes níveis de expressão poética e a exposição e diferentes meios, o que é especialmente bem conseguido nas suas admiráveis traduções de poesia chinesa e japonesa.

Existe também um impressionante exemplo do que a emigração significa em termos pessoais no poema de Heitor Agha-Silva, “Não me recordo”, em que o poeta se debruça sobre as suas memórias de infância na ilha sob a perspectiva de um presente dissonante, sem ter contudo a necessidade de recorrer à auto-comiseração da idealização. O puro alcance da verdadeira perda ocorre com o reconhecimento de que as suas emoções mais fortes são ainda sentidas na sua língua materna: “Só sei chorar em português.” Esta percepção relaciona-se não só com a sua língua materna mas com a sua mãe, quando ele regista o sentido de harmonia que, em tempos, embelezou a sua vida na ilha e que contrasta com uma consciência aguda de sentir “saudades de mim”. Isto resume verdadeiramente o sentido de perda do emigrante que lhe foi tão doloroso, bem como uma consciência da ternura que sente em relação àquele mundo anterior que ainda o acompanha. Estas sugestões por parte do passado são ainda acarinhadas e provocam um reconhecimento, ou pelo menos uma consciência das suas dificuldades e os sofrimentos actuais, que são descritas em reconhecimento do que poderia ter sido se ele tivesse ficado para trás ou se a vida o tivesse tratado de modo diferente: “Que saudades eu sinto de não ter sido um outro.”

Estes poemas que evocam e invocam o oceano com todas as suas ramificações de isolamento, um sentimento de local habitado ou deixado para trás, revisitado ou simplesmente recordado, são o que liberta o melhor da poesia açoriana em direcção à possibilidade de identificação e identidade através das relações quebradas que se formam por meio da intensidade de variadas partidas. Por vezes, reconhece-se um doloroso sentido de distância e com isto o poeta é transportado para uma outra nova forma de diversidade, um outro local em relação ao qual o local inicial já não é uma opção. No entanto, também deve ser dito que este sentido de movimento e da correspondente nova consciência proporcionou à poesia uma certa amplitude, já que os poetas se ocupam de questões de natureza mais universal, que incluem assuntos sociais e políticos (Marcolino Candeias), os aspectos mais formais da própria língua e também da tradução (Emanuel Félix), as imagens metapoéticas (Álamo Oliveira) e até mesmo o questionar das

vii Diniz Borges, *Nem Sempre a Saudade Chora: Antologia de Poesia Açoriana sobre a Emigração*, Açores, s, Direcção Regional das Comunidades, 2004. p.11.



antinomias e contradições inerentes à própria poesia (João de Melo). Tal é o poder do idioma que os poemas escritos nas costas atlânticas transmitem a energia do seu relacionamento com a cultura ao redor, provendo o frescor e o vigor que complementa uma forma de lidar com o carácter das ilhas, com um senso de abertura de horizontes ainda para ser experimentada ou de confinamento e isolamento. Nasce uma tensão que dá a luz à dialética entre as duas perspectivas da ilha e o que caracteriza o insular, uma paisagem de visões alternativas, interpretações, e conexões. Os poetas mais novos também compartilham uma condição em comum, um vínculo com os precursores do século XIX (e antes) e desta maneira reconhecem as tradições culturais de seus nascimentos e as mudanças dum novo ambiente nas cidades agora mais culturais das periferias sulistas do mundo europeu e atlântico.

JOHN M. KINSELLA

Professor na National University of Ireland, Maynooth

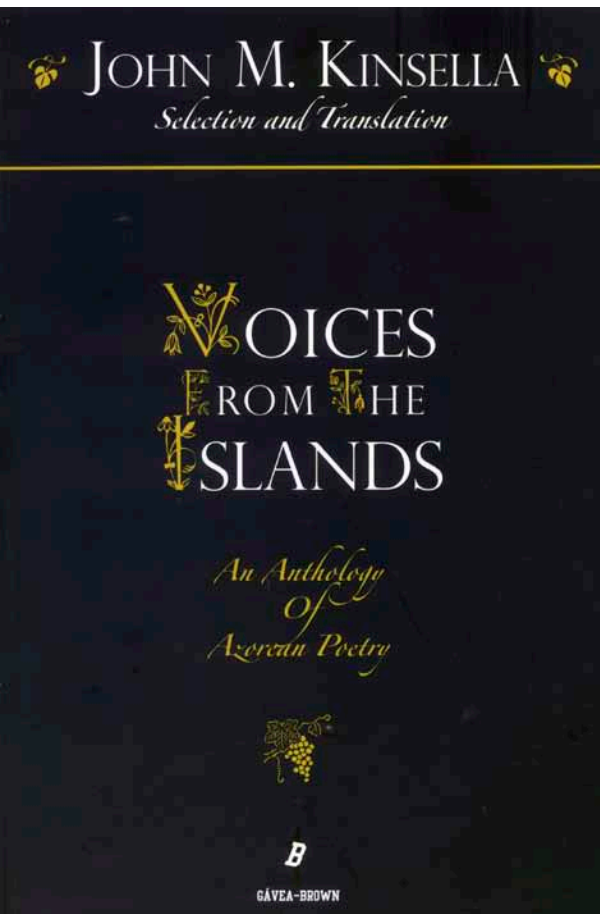
Bibliografia

1. Onésimo Almeida, "The New Outlook in Azorean Literature," in *Roads to Today's Portugal*, editado por Nelson Vieira (Providence: Gávea-Brown, 1983, p.110)
2. Citado em Nadine Gordimer, "Writers in South Africa: the New Black Poets," in *Exile and Tradition: Studies in African and Caribbean Literature*, editado por Rowland Smith (Nova Iorque: Dalhousie University Press, 1976, p.132)
3. Eduardo Bettencourt Pinto, *Nove Rumores do Mar: Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, (Lisboa: Instituto Camões, 2002, p.159)
4. Pedro da Silveira, *Antologia de Poesia (Do Século XVIII-1975)* (Lisboa: Sá da Costa Editora, 1977, p.22)
5. Onésimo Almeida, *Açores, Açorians, Açorianidade*, (Lisboa: Signo, 1989, p.165)
6. Dana Gioia, *Can Poetry Matter?: essays on Poetry and American Culture*, (Saint Paul Minnesota: Graywolf Press, 2002, p.89)
7. Citado em Urbano Bettencourt, *Ilhas Conforme as Circunstâncias*, (Lisboa: Edições Salamandra, 2003, p.17)
8. Ibid. Urbano Bettencourt, pp 18-19
9. Diniz Borges, *Nem Sempre a Saudade Chora: Antologia de Poesia Açoriana sobre a Emigração* (Açores: Direção Regional, 2004, p.11)

Sinto-me também em dívida para com antologias anteriores, especialmente *The Sea Within*, que contém as brilhantes traduções de Jorge Monteiro, e *Nove rumores do Mar: Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, da autoria de Eduardo/Bettencourt Pinto, que primeiro serviu de inspiração a este trabalho, e finalmente *Nem Sempre a Saudade Chora Antologia de Poesia sobre a Emigração*, de Diniz Borges.



POEMS OF THE OCEAN: AN AZOREAN ANTHOLOGY



Seen from abroad, usually in tourist brochures or occasionally in the media, the Azores look like a faraway, remote, or exotically beautiful group of islands. Yet the flip side of the coin – what the tourist and commercial hype doesn't show – is the cultural landscape created by the archipelago's writers. It is a lavishly rich and diverse panorama that encompasses a vast range of important authors such as the 19th century poet Antero de Quental, Roberto de Mesquita, and Armando Córtes-Rodrigues (who collaborated with Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, and Almada Negreiros on the modernist literary journal *Orpheu*). Another paramount figure was Vitorino Nemésio, whose novel *Mau Tempo no Canal* is considered Azorean to the core in its telling description of the life and nature of the islands. It is interesting to note that some of the islands in particular – owing to socioeconomic circumstances – flourished more than others culturally. Faial came to the forefront in the early 19th century, while the harbor on Horta, the island's capital, became an important port of call for vessels crossing the Atlantic between Europe and America. At the close of the 50s (20th century) the city of Angra, on Terceira Island, was to gain the limelight because of a small group of seminary teachers who had studied in European universities, returning with novel ideas that breathed new life into cultural and church-related institutions. As a result, the Azorean Cultural Institute (Instituto Açoriano de Cultura) was born, as was the remarkable quarterly *Atlântida*, which is still published today. The newspaper *Gávea* was released at the same time, and could boast of literary contributions from writers such as José Enes, Emanuel Félix, and Almeida

Firmino and the artist Rogério Silva, who would later inaugurate an art gallery that made a significant mark on the art history of the Azores. This bustle of activity can indeed be considered extraordinary in a town with a population of only 15,000.

Writers just starting out were greatly hampered and intimidated by Salazar-era censorship and much literature of the time parrots cliché-ridden regionalist themes, with portrayals of the islands as a paradise, where traditional, timeless values reign supreme. In the 1960s however, the struggle between the desire for change and the fear of speaking out resulted in serious questioning of the status quo. As Onésimo Almeida has said, “There were poems about Latin America or India where the reader was supposed to mentally substitute the word ‘Azores.’ A text or poem about Vietnam was meant to be decoded as being about Portuguese Africa. The absence of freedom of speech found – in poetry and metaphysical prose – a way of intervening socially and politically; in literary criticism it found an indirect way of criticizing official ideology.”ⁱ

This covert way of broaching certain topics had a long history and had been used in Spain during the concurrent epoch of Franco's dictatorship. The literary section of the newspaper *A União* turned into a focal point of geographic contentiousness by advocating an increasingly rebellious attitude in literature

i Onésimo Almeida, ‘The New Outlook in Azorean Literature,’ *Roads to Today's Portugal*, ed. Nelson Vieira, Providence, Gávea-Brown, 1983, p.110.

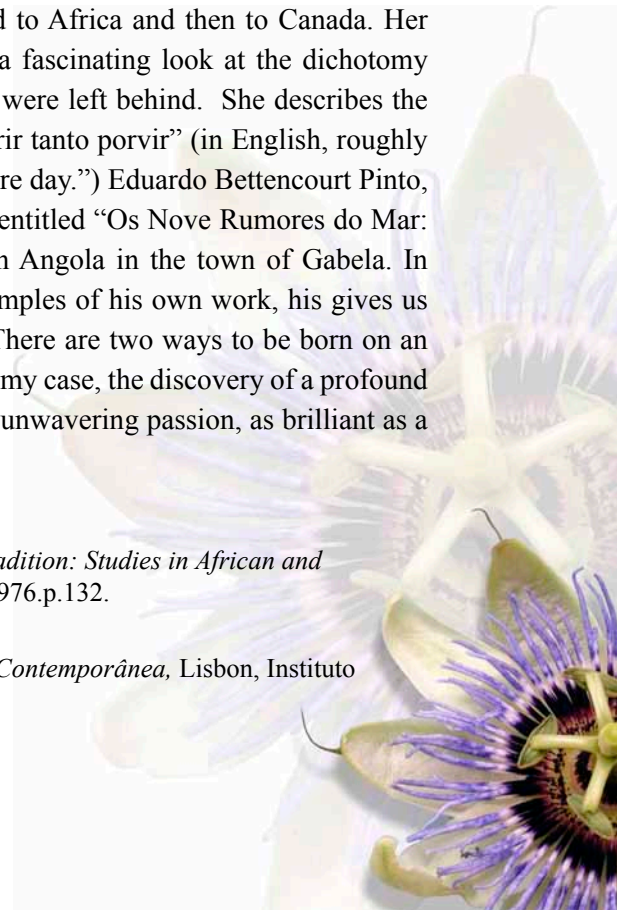
and the arts. Writers struggled to fathom their own ways of depicting issues, reading and reflecting on the works of Karl Marx, Herbert Marcuse, and Mao Tse Tung, not to mention Pablo Neruda, Albert Camus, and Jean-Paul Sartre. The work of Teilhard de Chardin also became exceedingly popular at the time. It was precisely because of island life that these budding authors gained relevance, since they aided in forging a stronger and more inclusive relationship with the outside world. Poetry in particular came to be an important vehicle of self-expression in the islands and the words of Nadezhda Mandelshtam, the widow of poet Osip Mandelshtam, have gained special relevance to this context: “Poetry unquestionably has a very special place in this country. It motivates people and shapes their minds. Therefore, it is not surprising that our new *intelligentsia* has an unprecedented hunger for poetry... It brings people back to life.”ⁱⁱ Though the quote is about the Soviet Union, it could easily have been penned about the poets in the Azores, as they trod the pathways that led them from the dying days of the dictatorship to the April 25th Revolution in 1974. And with every swing of the pendulum, Azorean poets continued to move forward during the first few decades of the 20th century.

Because of the importance of poetry to the archipelago and the number of poets it has given birth to, I decided to organize an anthology encompassing as many Azorean poets as possible, notwithstanding the constraints posed by an undertaking of this nature. I began by selecting some of the most renowned writers of the 19th century such as Antero de Quental, Roberto de Mesquita, Armando Córtes-Rodrigues, and Bernardo Maciel, as well as others born in the beginning of the 20th century, to wit, Vitorino Nemésio, Maduro Dias, Duarte de Viveiros, and João Teixeira de Medeiros. Obviously though, I have focused mainly on modern and contemporary voices, with a wide range of selections from the first half of the last century penned by writers such as Pedro da Silveira, Carlos Wallenstein, and José Enes, all the way up to Eduardo Bettencourt, Pinto Urbano Bettencourt, Marcolino Candeias, and Paulo Freitas.

The volume’s strong showing of women writer includes outstanding names such as Natália Correia, Madalena Férin, Adelaide Batista, Maria Luisa Soares, and Judite Jorge. Geographically speaking, almost all of the poets included in the anthology were born in the Azores, though some left to study away from the islands, mainly on the Portuguese mainland. One exception is João Teixeira de Medeiros who was born in Fall River, Massachusetts, where a magnificent statue has been erected in his honor and to acknowledge his role in representing the Azorean Diaspora in the United States. Avelina da Silveira was born in Huambo, Angola, of Azorean parents who emigrated to Africa and then to Canada. Her short poem “Pátria Mãria” (“Fatherland Motherland”) provides a fascinating look at the dichotomy of identity for both the immigrant and in the minds of those who were left behind. She describes the painful situation in the following way: “se esgota a mãria/ em parir tanto porvir” (in English, roughly “the motherland wastes away/ in birthing so many hopes for a future day.”) Eduardo Bettencourt Pinto, a wonderful poet who also put together an outstanding anthology entitled “Os Nove Rumores do Mar: Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea”, was also born in Angola in the town of Gabela. In the concluding remarks to his anthology, which also includes examples of his own work, he gives us an interesting account of his own relationship with the islands: “There are two ways to be born on an island: from a woman’s body, or through the ardor of sensitivity. In my case, the discovery of a profound and unquestionable sense of presence, bolstered over the years by unwavering passion, as brilliant as a burning torch, has connected me forever to the Azores.”ⁱⁱⁱ

ii See Nadine Gordimer ‘Writers in South Africa: the new Black Poets’, *Exile and Tradition: Studies in African and Caribbean Literature*, ed. Rowland Smith, New York, Dalhousie University Press, 1976.p.132.

iii Eduardo Bettencourt Pinto, *Nove Rumores do Mar: Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, Lisbon, Instituto Camões, 2002.p.159.



OS NOVE *R*MORES do MAR

ANTOLOGIA DA POESIA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA

ORGANIZADA por

EDUARDO BETTENCOURT PINTO



Gráfica
Publishers

This whole issue of birthplace and identity inevitably leads to issues dealing with on Azorean identity, especially when it comes to cultural - and more pointedly, poetic – sensitivity. The question is dealt with in some depth in *Antologia da Poesia Açoriana: Do Século XVIII a 1975 (An Anthology of Azorean Poetry: from the 18th century to 1975)*, by Pedro da Silveira, in which the author thoroughly maps out Azorean poetry while asserting that there are a number of other autonomous works that can be classified as Azorean, rather than literature that is purely Portuguese. Research into Azorean literature has led to a cliché maintaining that the label “Azorean” is problematic, since there are a number of unclarified political, cultural, and institutional considerations to be taken into consideration. The term not only implies a geographical location and political reality, but has become a way of assuming a certain intellectual and cultural stance. Differing opinions have also been fed by inherent tensions in the Azores’ relationship with the mainland, its limits and presuppositions, an area that has given rise to disputes regarding boundaries and cultural unity, radical change as opposed to voices in unison. This discussion was convincingly dealt with again in a series of books written by the Azorean academic Onésimo Almeida, who lent more than a modicum of lucidity, coherence, and a sense of reconciliation to the issue, dispelling a number of differences and bridging the gap between the meaning of regional and that of geographically distant and the relationship between Azorean writing and the works at the forefront of Portuguese literature. In his book *Açores, Açorianos, Açorianidade* he manages to clearly define the sphere of Azorean autonomy, while recognizing that the islands are embraced by the scope of

Portuguese culture – a culture it produced and still produces, has structured and still structures and whereby the islands manifest themselves at the points of contact with Portugal, regardless of differences and breaches caused by the distance that separates them. This is why the following observations by Onésimo Almeida are so relevant: “As with any literature, this is not a case of a single movement or a literary or artistic platform or common policy. It is a body that, consciously or unconsciously, is part of a cultural tradition. Whether it is – or not – part of another body that is more vast – in this case, Portuguese literature – is a question that in practical terms should not even be asked, since the answer is so obvious.”^{iv} This idea of rupture or disunion, the contrary to union and collectiveness; of separation instead of integration, can also be considered in a more useful and positive light when assessing and identifying the regional as being compatible with the universal.

One thing is for certain: island poetry is replete with local and regional details that include descriptions of the sea and emigration. And related to this is the sense of being isolated, and the remote character of the islands’ geographic location. One of the main poets to deal with the sea was Antero de Quental, whose works portray the islands as being surrounded by an ocean that is unpredictable, tempestuous and violent. Yet the writer is drawn to the indomitable, tumultuous waters which, somewhat contradictorily, enable him to plumb the depths of his own psyche in a vain attempt to flee from “the arid ground.” Here the distance intensifies island identity and opens up another window onto the individual’s life, conferring a new dimension on the direct function of the language used, while paving the way for a new concept of space.

iv Onésimo Almeida, *Açores, Açorianos, Açorianidade*, Lisbon, Signo, 1989. p.159.

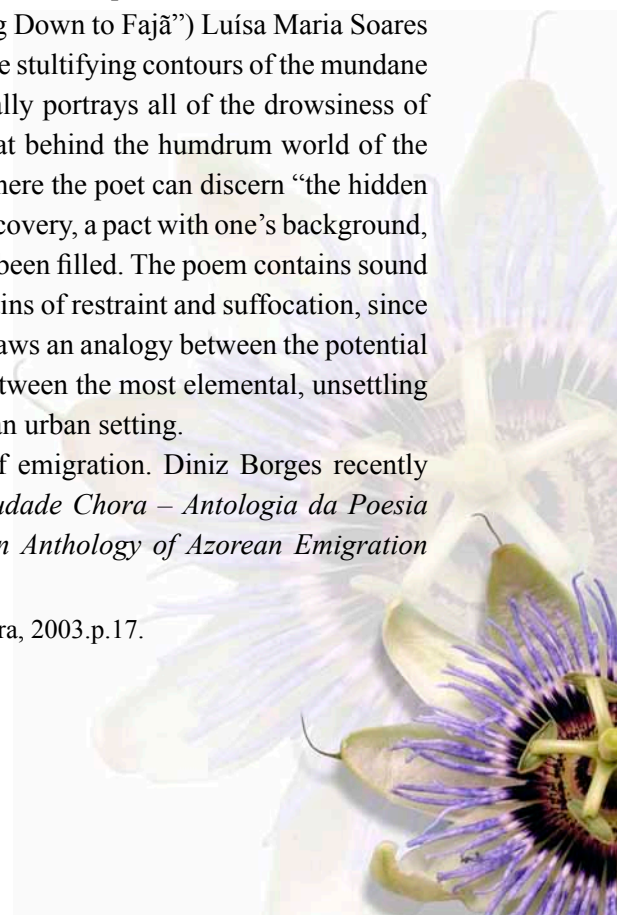
Thus, the sea can be viewed as a spiritual or emotional space that carries us far away from the mundane tribulations of life on the islands, and becomes the wellspring of one's deepest desires and a place to journey within oneself. The imagination drifts between the land and the sea, invoking a sense of isolation and unease in a mind in turmoil, while at the same time drawing the different realms of external geography and internal feelings closer together. Another noteworthy 20th century poet was Roberto de Mesquita, a writer of unquestionable importance, who fuses all the different characteristics of "Azoreanity" within his work. Although he lived his whole life on Flores Island in the western part of the archipelago, he found inspiration in the works of Verlaine and Baudelaire, and his poetry exhibits telling examples of how islanders can become ensnared by isolation and solitude; yet it shows a clear awareness of situations that are obviously more universal in nature. Vitorino Nemésio is another figure of note in Azorean literature. He was the first to speak of an Azorean literature per se, of the "Azorean connection to the land," and the sense of an ethnic heritage that is "intricately intertwined with the majesty of the sea."^v He also points out a characteristic he dubs "a kind of inebriation from isolation", which Urbano Bettencourt later interpreted as being "inseparable from the clear awareness of limited space (translated into the recurring metaphor of the island as an "abbreviated world") and a sense of boundaries, that primarily the central group of islands conveys."^{vi}

The persistent, idealized image of the ocean that was rife throughout the dictatorship period and respective period of censorship portray the islands as being hemmed in by a constant watchfulness, as opposed to a metaphor conveying the escape toward a new, more utopian horizon. Later, in the anthology entitled *The Sea Within*, the ocean is again dealt with as an internal idealization, a symbolic synthesis of all that is fixed, familiar, and understood, in conjunction with movement, displacement, emigration, and exile. The islands can even represent a bulwark against the dangerously encroaching boundaries of the sea. This type of internal idealization is patent in the poem "Mar com Poeta Dentro" (Sea with a Poet Inside) by Álamo Oliveira. In "Duas Quadras de Mar" ("Two Ocean Verses"), the sea is once again used as an anthology to write poetry, in which the blue of the paper serves as a canvass for the writer's "calligraphy." The poem "Painel" ("Panel") portrays a striking picture of the physical world, while "O Barco Está Virado" ("The Boat Has Capsized") strikes a pleasant and serene chord, despite its unpromising title. In "Descida à Fajã (S. Jorge)" ("Going Down to Fajã") Luísa Maria Soares invokes the liveliness and lyricism of the island's seascape, while the stultifying contours of the mundane world are described in all their monotony. Still the writer poetically portrays all of the drowsiness of time by conveying a strong sense of enchantment. The truth is that behind the humdrum world of the commonplace, there is a private realm – almost another world – where the poet can discern "the hidden voice of the conch shell." What we hear is a voice on the edge of discovery, a pact with one's background, awareness that the spaces in our day-to-day world have previously been filled. The poem contains sound images conveyed through painting and the voices of shells, and strains of restraint and suffocation, since the painting is invisible, and the voice concealed and subdued. It draws an analogy between the potential violence of nature and mankind's taming of the wild, a division between the most elemental, unsettling energies, and the ennui one feels sitting in a "comfy armchair" in an urban setting.

Another significant feature of Azorean poetry is the topic of emigration. Diniz Borges recently published an anthology on the theme entitled *Nem Sempre a Saudade Chora – Antologia da Poesia Açoriana sobre a Emigração (Not Always a Tearful Longing- an Anthology of Azorean Emigration*

v Urbano Bettencourt, *Ilhas Conforme as Circunstâncias*, Lisbon, Edições Salamandra, 2003.p.17.

vi Ibid. Urbano Bettencourt,pp.18-19.



Nem Sempre a Saudade Chora

Antologia de Poesia Açoriana
sobre a Emigração

Seleção, Introdução e Notas de
Diniz Borges

Poetry), where he emphasizes that “emigration, a reality since the first settlers arrived in the Azores, has made a huge contribution to our literature.”^{vii} The complex pattern of emigration from the islands has led to the discovery of other cultures, forged new bonds in the Diaspora, and broadened existing traditions to accommodate a larger context of experiences and expressions. Azorean letters have benefited from the experiences of renowned writers such as Onésimo Almeida, João de Melo, Emanuel Félix, and Eduardo Bettencourt Pinto, who have infused it with fresh, novel perspectives acquired by having lived and worked abroad.

In Almeida’s work the smallness of the Azores is bestowed with a sense of proportion resulting from its cultural and geographic distance. Emanuel Félix left the islands and then returned with a keen awareness of different poetic traditions, the stark realities of departing, people’s ardent dreams for the future, and what really lies on the other side. He also translates poetry and uses it as a way of alternating between poetic registers while exhibiting different means of expression, which he manages masterfully in his admirable translations of Chinese and Japanese verse.

A remarkable example of what emigration means in personal terms is expressed by Heitor Agha-Silva’s poem, “Não me recordo” (“I don’t remember”), in which the writer discusses his childhood recollections of the island, as seen from the vantage point of a dissonant present without indulging in self-pity or idealistic fantasizing. The depth of his loss is made clear when he realizes that his deepest emotions come through in his native tongue: “I only know how to cry in Portuguese,” he says. He links this awareness not only to his mother tongue, but to his own mother, as he describes the sense of harmony that graced his life on the islands, which contrasts sharply with the clear consciousness of “longing for myself” he feels today. It sums up nicely the sense of bereavement experienced by the emigrant, as well as the tenderness he feels toward a lost world he still carries within him. These whispers from the past are recalled with tenderness and spark the realization – or at least a certain awareness – of the poet’s present hardship and suffering, which are described as the writer also acknowledges what it could have been like had he remained in the Azores, or if life had treated him differently. As he muses, “What longing I feel for not having been someone else.”

The invocation and evocation of the ocean with all its connotations of isolation, the sense of a place that is inhabited or left behind, revisited or remembered, are what allow the best Azorean poetry to take wing, permitting the writer to discover his identity through bonds that have been broken, restored and forged by the ache of departure. Sometimes the poet expresses a painful sense of distance and is transported to a different realm, a place where the starting point no longer remains an option. But it bears mentioning that the departure and the new sense of awareness it has brought have conferred upon Azorean poetry appreciable breadth, with the poets themselves exploring more universal questions such as social and political issues (Marcolino Candeias), structural features of the Portuguese language and of literature in translation (Emanuel Félix), metapoetic imagery (Álamo Oliveira) and the paradoxes and contradictions posed by poetry itself (João de Melo). With the power of their written expression, the

vii Diniz Borges, *Nem Sempre a Saudade Chora: Antologia de Poesia Açoriana sobre a Emigração*, Azores, Direcção Regional, 2004. p.11.

poets of the Atlantic islands have managed to convey the robustness of their relationship with the culture around them, exhibiting the freshness and vigor that accompanies the way they deal with the islands they hail from, with either an openness to the horizons that lie before them or a sense of confinement and isolation that characterizes their lot. There is a tension here that generates interplay between the two viewpoints of the islands and what being an islander means, a vast landscape of alternative visions, interpretations, and connections. Moreover, the younger poets are also joined by a common thread: a bond with their predecessors of the 19th century and those who went before. It is this thread that enables them to embrace the cultural traditions others have bequeathed, while welcoming the changes brought by the new atmosphere that pervades the now more culturally oriented cities of the southern periphery of the Euro-Atlantic world.

JOHN M. KINSELLA

Professor na National University of Ireland, Maynooth

Bibliography

1. Onésimo Almeida, “The New Outlook in Azorean Literature,” in *Roads to Today’s Portugal*, edited by Nelson Vieira (Providence: Gávea-Brown, 1983, p.110)

2. Quoted by Nadine Gordimer, “Writers in South Africa: the New Black Poets,” in *Exile and Tradition: Studies in African and Caribbean Literature*, edited by Rowland Smith (New York: Dalhousie University Press, 1976, p.132)

3. Eduardo Bettencourt Pinto, *Nove Rumores do Mar: Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, (Lisbon: Instituto Camões, 2002, p.159)

4. Pedro da Silveira, *Antologia de Poesia (Do Século XVIII-1975)* (Lisbon: Sá da Costa Editora, 1977, p.22)

5. Onésimo Almeida, *Açores, Açorians, Açorianidade*, (Lisbon: Signo, 1989, p.165)

6. Dana Gioia, *Can Poetry Matter?: essays on Poetry and American Culture*, (Saint Paul Minnesota: Graywolf Press, 2002, p.89)

7. Quoted by Urbano Bettencourt in *Ilhas Conforme as Circunstâncias*, (Lisbon: Edições Salamandra, 2003, p.17)

8. Ibid. Urbano Bettencourt, pp 18-19

9. Diniz Borges, *Nem Sempre a Saudade Chora: Antologia de Poesia Açoriana sobre a Emigração* (Açores: Direção Regional, 2004, p.11)

I owe a debt of gratitude to previous anthologies, especially *The Sea Within*, which contains brilliant translations by Jorge Monteiro; *Nove Rumores do Mar: Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* by Eduardo/Bettencourt Pinto, which served as the initial inspiration for this work; and *Nem Sempre a Saudade Chora: Antologia de Poesia sobre a Emigração* by Diniz Borges.



CONTOS DE LÁ

Contar um conto é o pleonasma mais consentido (e mais com sentido) da Língua portuguesa. Dizer um conto pode ser também correcto, mas é notório que perde parte da sua carga expressiva, nomeadamente o perfume da intimidade e da cumplicidade, sobretudo quando a oralidade serve de processo narrativo. Contar um conto é uma expressão popular tão arraigada que escapa a pruridos de linguagem de qualquer espécie e fica presa a um sotaque narrativo que identifica o lugar e o estilo do contador.

A colectânea de contos populares, que a Direcção Regional das Comunidades publicou nos finais de 2009, limpou, como não podia deixar de ser, o sotaque da oralidade, relevando, porém, que o imaginário de cada comunidade suporta paralelismos a nível de conteúdo e de efabulação. *Contos de lá*, título encontrado para genérico da referida colectânea, mostra que o registo gráfico acaba por ser a melhor forma de garantir a perpetuidade de estórias que a memória colectiva desgasta num quotidiano cada vez mais exigente em termos de convivência.

Os surtos migratórios dispersam saberes, memórias, culturas e imaginários que pousam noutras referências comunitárias e são assimiladas sob um processo lento de sedimentação. *Contos de lá* resulta de um espectro cultural muito diversificado, mas que, entre si, convive pacatamente. As distâncias não constituíram dificuldade de encontro. Antes, parecem ter sido motivo de atracção, já que, ao suporte cultural, se juntou a curiosidade.

Em espaços das bibliotecas regionais, compareceram agentes narrativos que, perante um público essencialmente infantil, contaram um conto, de acordo com a sua memória, a sua capacidade de narrar, a sua sensibilidade interpretativa. Os contos foram gravados e, posteriormente, transcritos sob a eliminação do sotaque e de algumas deficiências que a oralidade não deixa detectar. O resultado pode agora ser apreciado à leitura. As estórias estão registadas em livro, com ilustrações, propositadamente criadas para o efeito, por Margarida de Bem Madruga, e com aparato gráfico enobrecedor.

Neste número de «andarILHAgem», deixam-se ficar três exemplos de estórias oriundas de povos diferentes, aqui unidas pela efabulação em Língua portuguesa.

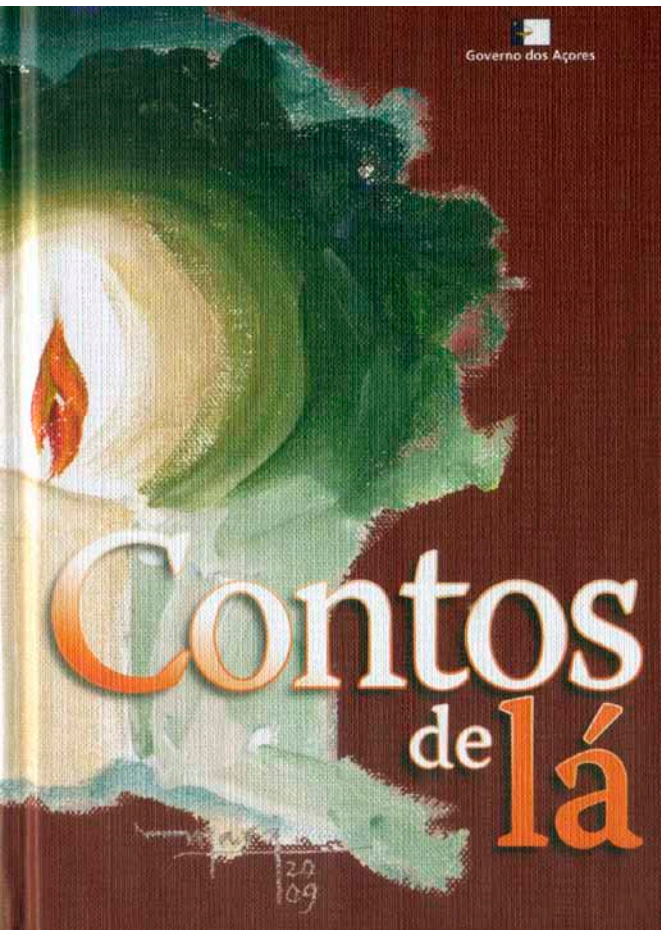
Contar um conto or to “tell a tale” might sound like a redundancy, but it is one that is accepted – and makes sense – in the Portuguese language. *Dizer um conto* or to “say a tale,” though dubious in English, can also be considered correct in Portuguese but the phrase loses some of its expressiveness, namely the sparkle of intimacy and collusion you get when the spoken word is your narrative vehicle. *Contar um conto*, as an expression, is so ingrained in popular speech that it has managed to dodge the prissiness of linguistic scruples and become part of the unique narrative accent that defines the birthplace and style of the teller.

The collection of folk tales that the regional Department for the Communities published in late 2009, of course came without the accent that pervades the spoken word, allowing the imaginations of all communities to run free and establish connections of content and story line. *Contos de lá* (roughly, *Tales from over Yonder* in English) is how the collection was dubbed; and it will undoubtedly prove that putting stories like these into book form is the best way of guaranteeing that they live forever, despite the fact that they have faded in the collective memory of the people, undone by the daily grind.

Migration dissipates memories, knowledge, culture and features of the popular imagination that are allowed to take root in other communities after a lengthy process of settlement. *Contos de lá* reflects a diverse spectrum of cultural manifestations that peacefully coexist. And distance – rather than a stumbling block - has proved to be a means of piquing people’s curiosity.

The genesis of the book was fairly straightforward. Narrators from among the population were asked to come to Azores regional libraries and tell a tale they remembered – as best they could in their own narrative style - to an audience made up primarily of children. The tales were taped and later transcribed into standard Portuguese, with the editors not rendering regional accents in the written form and correcting errors that did not stand out in the oral narration. The results are there for all to read in a handsome volume with illustrations by Margarida de Bem Madruga.

This issue of andarILHAgem is proud to present three stories from the book, from three different cultures, all tied together by the tale-telling flair of the Portuguese language.



CONTOS DE LÁ





A ÁGUIA, A ROLA E OS CINCO TOSTÕES

Conto popular de Angola

Havia uma águia que tinha muitos bois. Entregou-os à sua sobrinha, a rola, para que os levasse a pastar.

A rola, em vez de guardar o gado, foi visitar um amigo que morava perto e pôs-se a conversar. Falou, falou, falou e o tempo passou-se.

Demoraram todo o dia na conversa. Só se calaram ao anoitecer.

A rola regressou e não encontrou o rebanho. Muito aflita, lá foi confessar ao tio que perdera os bois.

A águia e a rola voaram então pelos céus à procura do gado. No meio do caminho, encontraram o Sol e perguntaram-lhe:

– Sol! Tu que vês tudo, diz-nos quem roubou o nosso gado!

Declarou o Sol:

– Quem levou o teu rebanho, foi a Lua!

A águia e a rola dirigiram-se imediatamente à cubata da Lua.

Quando ali chegaram, não avistaram os bois. Perguntaram:

– Que é do gado que nos pertence e que roubaste do pasto?

A Lua respondeu:

– Olha que eu não roubei nada! Limitei-me a recolher o gado abandonado. Depois, vendi parte do rebanho. A outra parte já a comi! Como não me restam mais bois nem tenho outros valores para te entregar, leva estes tostões e compra outra manada.

O negócio não era muito, mas não podiam conseguir melhor.

Conformadas, vieram-se embora.

A meio do caminho, a águia entregou à sobrinha os cinco tostões, recomendando-lhe que não os perdesse. A rola meteu a moeda entre as patas e continuou a voar.

Ao chegar a casa, era já noite cerrada, notou aflita, que tinha deixado cair o dinheiro. Reuniu, muito a custo, coragem para comunicar o caso ao tio. Como era de esperar, o parente mais velho ficou muito, muito zangado com a falta de cuidado da sobrinha.

No dia seguinte, levantaram voo em busca do dinheiro.

Refizeram o trajecto da véspera, para trás e para diante, sem qualquer resultado. Perguntaram aos bichos-do-mato se tinham encontrado os cinco tostões. Todos disseram que não.

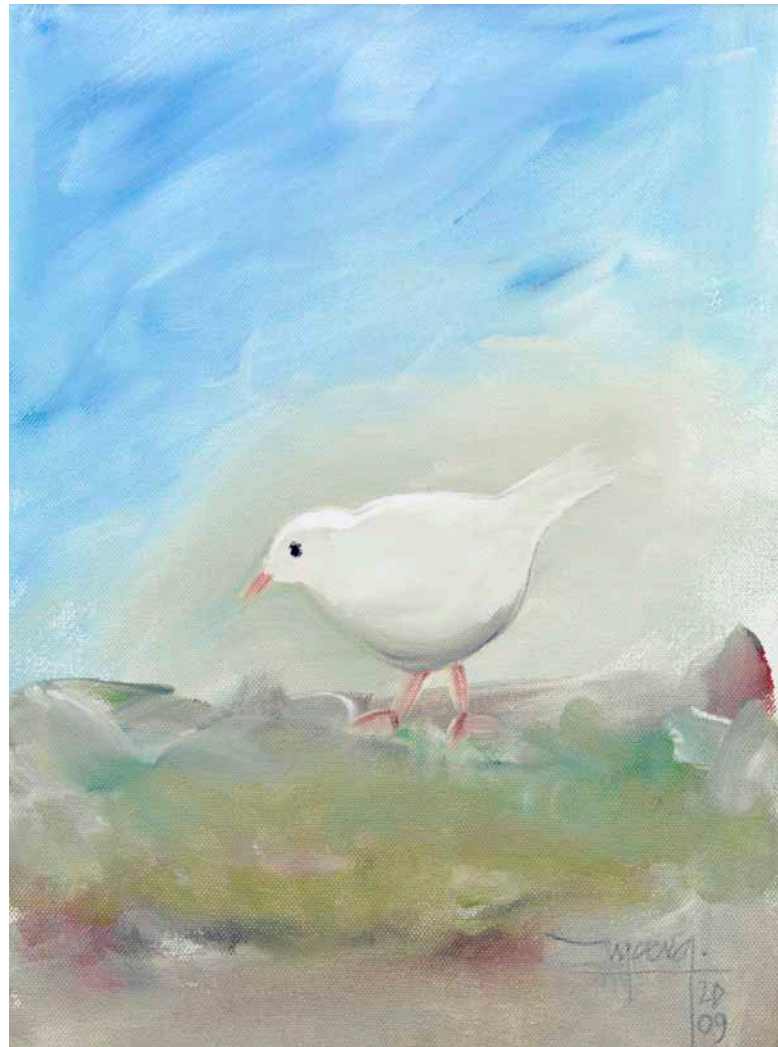
Depois de muito procurarem, a águia desistiu. Declarou guerra a todas as aves e, para que a levassem a sério, devorou a própria sobrinha, a rola. Proclamou que a luta só acabaria quando aparecessem os cinco tostões que a descuidada tinha perdido.

É por causa disso que, ainda hoje, todas as aves raspam a terra com as unhas procurando a moeda que põe termo à guerra.

É também por causa disso que os galos, ao nascer do Sol, perguntam uns aos outros:

– O dinheiro já apareceu?

É ainda pela mesma razão que as galinhas continuam a esgaravatar o solo. Procuram os cinco tostões que a descuidada da rola não soube guardar.



pintura de Margarida de Bem Madruga



A MÃE CABRA E OS SETE CABRITINHOS

Conto popular da Ucrânia

Era uma vez uma cabra que vivia numa cabana com sete lindos cabritinhos. E todos os dias lhes cantava uma linda canção, cujo refrão dizia:

«Meus filhotes, meus queridos,
Sois a razão do meu viver.»

A mãe cabra todos os dias alertava os cabritinhos para os perigos da floresta. Chamava-lhes a atenção para o lobo que, de vez em quando, espreitava a cabana. Pedia-lhes que nunca saíssem sozinhos da cabana e acrescentava:

– Quando eu não estiver em casa e se alguém bater à porta, não abram. Perceberam?
– Sim, mãezinha, percebemos.

Um dia, a mãe cabra saiu da cabana para se ir alimentar. O lobo esperou que ela se afastasse para longe e rapidamente se dirigiu à cabana e bateu à porta.

– Quem é? – perguntaram, a uma só voz, os cabritinhos.

Respondeu o lobo mau, disfarçando a voz:

– Eu sou uma pobre velhinha...

Os cabritinhos riram-se a bom rir e não abriram a porta, pois descobriram que aquela voz era muito grossa para ser a voz de uma velhinha.

Apercebendo-se que ninguém lhe abria a porta, o lobo ficou muito zangado, meteu o rabo entre as pernas e foi-se embora.

Quando, ao cair da tarde, a mãe cabra regressou à cabana ficou muito satisfeita por saber que os seus cabritinhos tinham feito exactamente aquilo que ela lhes pedira. E de novo lhes cantou a canção:

«Meus filhotes, meus queridos,
Sois a razão do meu viver.»

Todos os dias, o lobo rondava a cabana, à espera de uma oportunidade para nela entrar e comer os cabritinhos. Então teve uma ideia:

– O que eu precisava era que a minha voz ficasse mais fina...

E pôs-se a caminho da tenda do ferreiro. Ali chegado, pediu-lhe:

– Senhor ferreiro, eu quero mudar a minha voz. Quero que a minha voz fique com o mesmo timbre da voz de uma cabra.

O ferreiro fez-lhe a vontade e, nesse mesmo dia, o lobo pôs-se à espreita junto à cabana da mãe cabra. Quando esta saiu, o lobo aguardou algum tempo e, rapidamente, dirigiu-se à cabana e começou a cantar:

«Meus filhotes, meus queridos,
Sois a razão do meu viver.»

Os cabritinhos, julgando tratar-se da mãe, abriram a porta e o lobo saltou-lhes em cima e, de uma assentada, comeu seis cabritinhos.

Faltava comer um, mas este fugiu e conseguiu esconder-se dentro do forno. Satisfeito e de barriga cheia, o lobo foi-se embora.

Quando a mãe cabra regressou a casa, o cabritinho que se havia escondido dentro do forno contou, aflito, o que se havia passado. A mãe cabra saiu, espavorida, para a floresta e foi falar com o lobo. E fez-lhe uma proposta:

– Proponho-te um jogo. Na aldeia, há, neste momento, uma festa popular em que todos saltam à fogueira. A minha proposta é esta: eu salto primeiro e, depois, é a tua vez. Se conseguires saltar a fogueira, dou-te uma prenda.

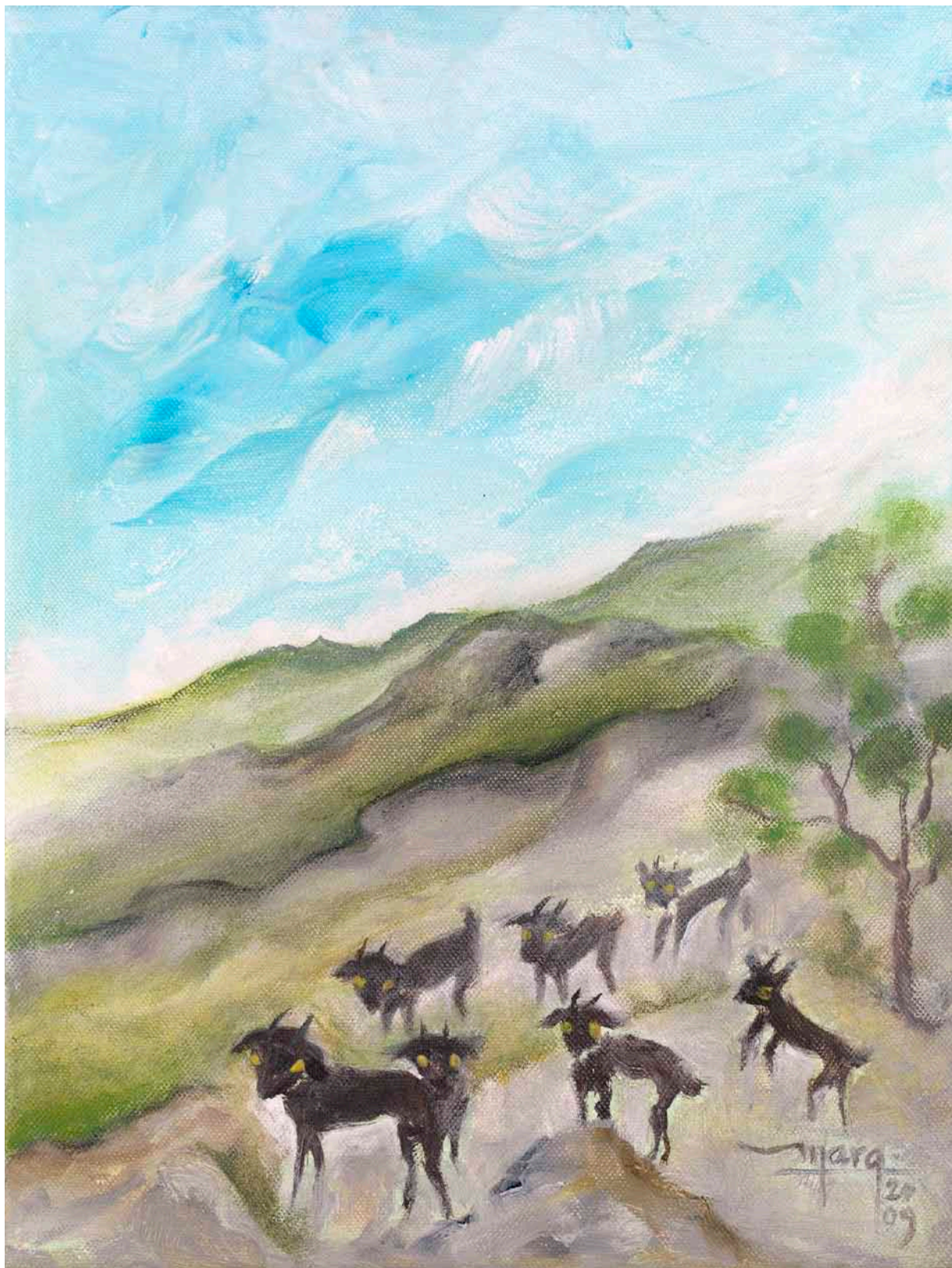
O lobo concordou e foram ambos para a aldeia. Ali chegados, a cabra saltou a fogueira com grande facilidade. Mas o lobo que estava muito pesado porque tinha comido seis cabritinhos, caiu em cheio no meio da fogueira e

começou a arder. Com a pronta ajuda da mãe cabra, os seis cabritinhos saíram sãos e salvos da barriga do lobo.

O lobo ficou todo chamuscado, rebolando-se no chão, ante o riso dos aldeãos.

A mãe cabra e os seis cabritinhos regressaram felizes à cabana, onde já os esperava o cabritinho que se havia escondido no forno.

O lobo nunca mais os importunou.



pintura de Margarida de Bem Madruga



LENDA DA MANDIOCA

Conto popular do Brasil

Conta-se que há muitos anos, numa tribo de índios denominada Manau, chefiada pelo tuxaua Ambori, severo guerreiro da palavra, a filha de Ambori, de nome Itaci, veio a engravidar causando-lhe grande mágoa.

O que mais intrigava os índios da tribo, era o facto de a moça não ter marido, não sair da aldeia e nem ter pretendentes.

Foi tão grande o escândalo que o tuxaua pressionou a filha, na tentativa de saber quem a engravidara. Mesmo tendo apanhado bastante, a moça insistia em dizer que não sabia explicar o porquê de estar grávida.

Envergonhado com o facto, o tuxaua Ambori tomou a decisão de matar a própria filha. À noite, em sonho, apareceu-lhe um Caruana (gênio benfazejo e serviçal que os indígenas crêem habitar o fundo dos rios e igarapés) que lhe afirmava ser a moça inocente, ameaçando-o com um castigo terrível se viesse a sacrificar sua filha porque ela havia engravidado. Impressionado com o sonho, o tuxaua perdoara a filha e esclareceu aos índios tudo que estava acontecendo.

Decorridos nove meses, a moça veio a dar à luz uma linda menina, muito branca e cujos traços eram bem diferentes dos da sua raça. A criança recebeu o nome de Mani.

Índios de várias tribos foram ver Mani, que, com pouco menos de um ano, andava e falava com muito desembaraço.

Mani passou a ensinar aos índios o plantio dos primeiros alimentos de uso doméstico destinados à subsistência da tribo.

Ao completar um ano de vida, misteriosamente, sem qualquer sinal de doença, Mani faleceu. Simplesmente deitou-se, fechou os olhos e morreu. Toda a tribo ficou muito triste.

Uma cova foi cavada no terreiro da maloca e seu corpo colocado numa igaçaba (pote de barro de boca larga) e naquela cova foi sepultada.

Diariamente os índios regavam a sepultura, onde a mãe de Mani derramava suas lágrimas. Tempos depois, sobre a sepultura de Mani brotou uma planta desconhecida. Quando a planta deu flores e frutos, os pássaros que vinham comê-la ficavam embriagados.

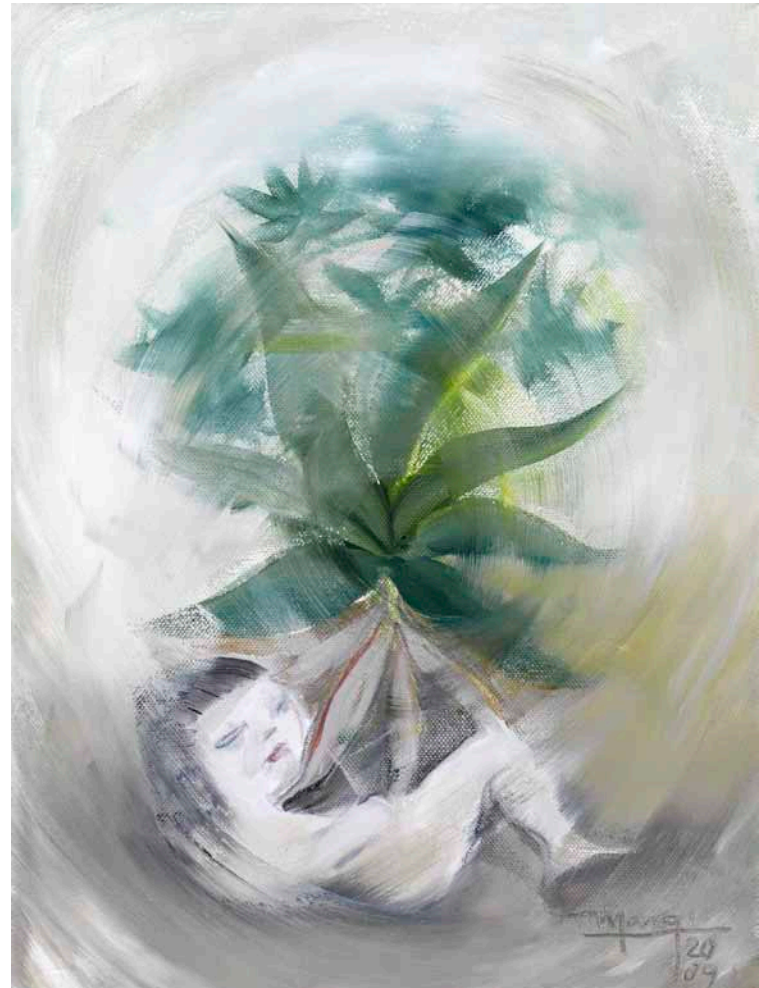
Lembrando do sonho que tivera, o tuxaua recomendava respeito à planta. Certo dia, os índios notaram que a terra estava fendida ao pé da planta, aparecendo algumas raízes. Essas raízes foram arrancadas e partidas, revelando-se tão brancas como o corpo de Mani.

Acreditando ser milagre de Tupã, os índios comeram algumas raízes e outras foram amassadas, delas extraindo um líquido delicioso que passou a ser usado nas reuniões festivas da aldeia.

Daí por diante, os índios passaram a dedicar-se ao cultivo da planta descoberta e deram-lhe o nome de mandioca ou mandioca, que na lenda quer dizer Corpo de Mani.

O que Tupã mandara o Caruana dizer ao pai da índia concretizava-se. Graças ao cultivo da mandioca os índios passaram a conhecer grande variedade de alimentos preparados das raízes da planta.

Com o passar do tempo, a civilização tomou conta da terra, e o homem do campo passou a cultivar a mandioca.



pintura de Margarida de Bem Madruga



GIRA MUNDOS

Destinado ao público infanto-juvenil, «Gira Mundos» é um dos espectáculos mais conseguidos quer no âmbito dos propósitos pedagógicos, socioculturais e estéticos quer na capacidade de cativação do público a que se destina. E, no entanto, este espectáculo assenta na contenção de meios técnicos e numa dramaturgia simples, com efeitos práticos e comunicativos.

Porém, ao utilizar a linguagem do teatro musicado, «Gira Mundos» opta por um processo de representação complexo, apostando, sem receios, em jovens actores talentosamente dotados e histriónicos.

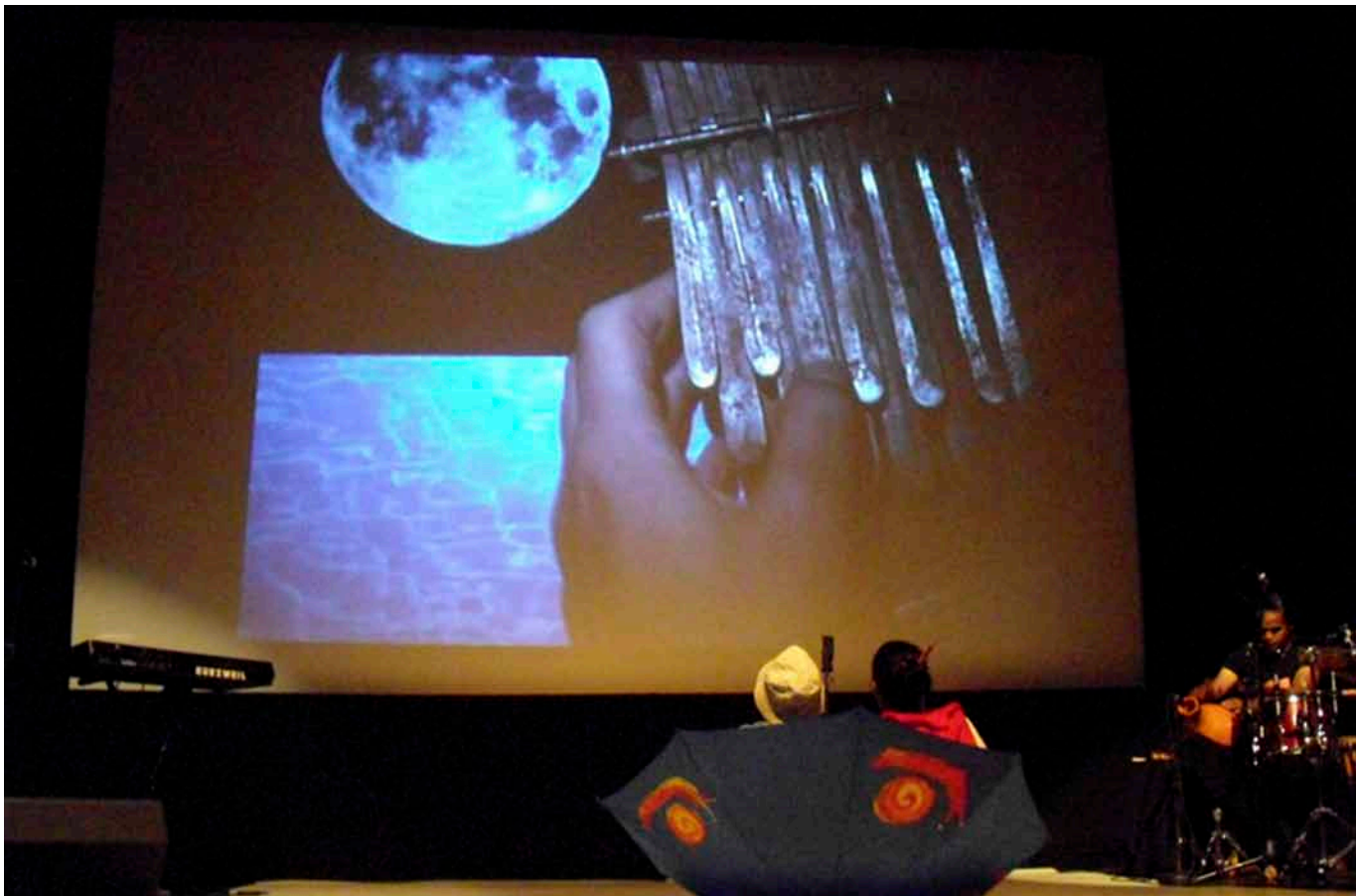
A produção do espectáculo é da empresa Nave do Tempo – Projectos Culturais, Ld^a., que levou este espectáculo a várias ilhas dos Açores, tendo sido, no passado mês de Dezembro, um dos pontos importantes do programa de apresentação do livro *Contos de Lá*, que tem edição da Direcção Regional das Comunidades.

A reportagem fotográfica, que aqui se junta, permite, apenas, um breve entendimento do aparato estético de «Gira Mundos».

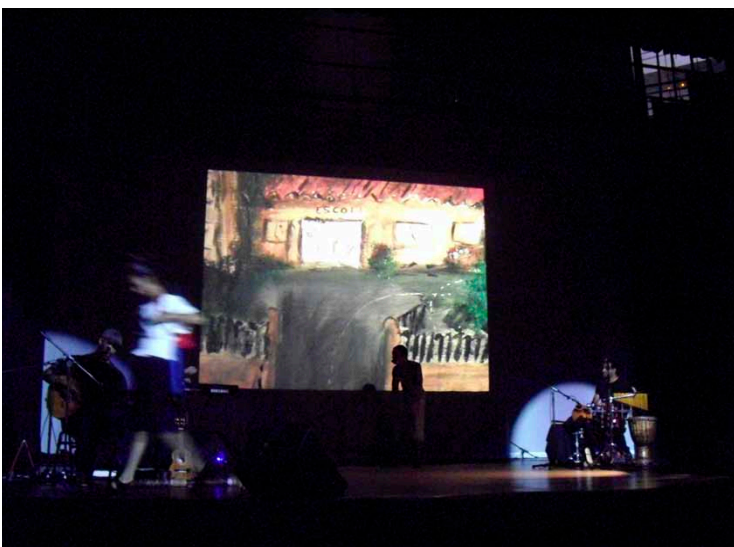
Gira Mundos (roughly, All Around the World) was designed specifically with the young audience in mind. A musical brimming with unfettered energy, it has reached every educational, sociocultural, and artistic aim was set to achieve, and captured the hearts of the target audience it was created for. Despite its success, the show makes use of limited technical means and a simple story line: yet its impact is powerful and effective. The musical boasts of a cast of young actors whose boundless talent brings the show to life.

Produced by the company Nave do Tempo – Projectos Culturais, Ld^a., Gira-Mundos has toured several islands in the Azores and last December was chosen to top the bill at the book launching of *Contos de Lá*, published by the Regional Department for the Communities.

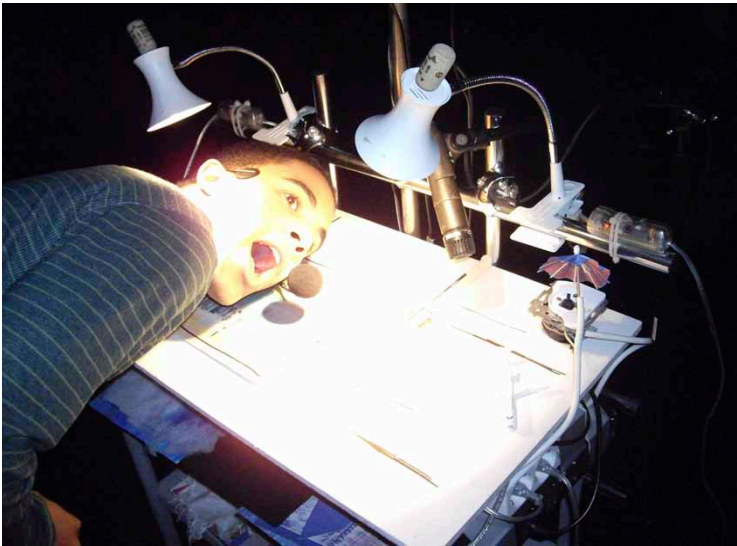
The following photos are just a small sample of some of the captivating scenes from the show.



GIRA MUNDOS



GIRA MUNDOS



GIRA MUNDOS





MAXINE OLSON

Maxine Olson é uma revelação notável, para nós açorianos, no panorama das artes plásticas na Califórnia. Sem grandes notas promocionais, ela percorre um caminho eivado de princípios socioculturais, nomeadamente os que a ligam ao passado dos seus ascendentes, o que lhe tem permitido também uma forma de afirmação junto dos apreciadores de arte.

Neta de açorianos das ilhas do Faial, Flores e Pico, Maxine Olson nasceu no Vale de San Joaquin e faz questão de referir que seus pais – Alfred e Lena Marshall – são «de origem portuguesa, católicos e proprietários de uma herdade perto de Dinuta».

Após dois casamentos frustrados (o primeiro foi aos 17 anos), Maxine decidiu-se por voltar para a universidade a fim de terminar os estudos que, há anos atrás, interrompera. Em 1970, matriculou-se na Universidade Estadual da Califórnia em Fresno, fazendo o bacharelato em Artes (História e Teoria de Arte, Pintura e Desenho), apurando os seus conhecimentos no Instituto de Arte Otis, na cidade de Los Angeles. Em 1975, recebeu o Mestrado em Arte na já citada Universidade. Tinha 39 anos e era a primeira pessoa da família a concluir um curso superior.

Desde 1973 que Maxine Olson lecciona Arte e História de Arte na Universidade Estadual de Fresno, bem como no Fresno City College e no College of the Sequoias, em Visalia. Em 1986, foi professora convidada pela Universidade de Geórgia na cidade de Athens e participou num programa de estudos internacionais que a levou a Cortona (Itália) e a várias outras cidades europeias.

Regressou à Califórnia motivada pelas oportunidades sugeridas pelo mundo tecnológico, frequentando aulas e workshops sobre computadorização de imagens.

Entretanto, expôs na ilha de S. Miguel – Açores (2007), na Universidade de Calgary – Canadá (2008) e na Galeria da Biblioteca Pública de Boston em 2009.

Utilizando fotografias, textos e objectos, Maxine desenvolve esses materiais criativa e esteticamente através do computador – instrumento a quem reconhece poder e maleabilidade de manipulação e de quem obtém resultados surpreendentes. Persegue que «as ideias que escolhemos e a interpretação que lhe damos determinam o próprio mérito artístico da imagem». Porém, importa referir que se está perante uma artista que empresta aos seus trabalhos uma temática abrangente sobre os comportamentos e os sentimentos da humanidade, a que alia uma narrativa plástica autobiográfica.

Maxine Olson is a truly startling revelation to us Azoreans interested in the California art scene. Without a lot of fanfare, she has followed a path marked by social and cultural concerns, not the least of which is the bond she feels with her forebears; and all of these issues have garnered the attention of art lovers in the US.

The granddaughter of Azoreans from the islands of Faial, Flores and Pico, Maxine Olson was born in the San Joaquin Valley and is scrupulous about pointing out that her parents – Alfred and Lena Marshall – were “Portuguese Catholics who owned a farm near Dinuta.”

After two failed marriages (the first one at the age of 17), Maxine decided to return to college to complete the program she’d quit several years earlier. In 1970, she enrolled at California State University at Fresno and obtained a BA, summa cum laude, in Art (Art History and Theory, Painting and Drawing). She then studied at the Otis Art Institute in Los Angeles, later obtaining her Master of Arts Degree, with distinction, from CSU Fresno. She was 39 at the time and the first person in the family to get a college degree.

Since 1973, Maxine Olson has been teaching Art and Art History at Fresno State. She also teaches at Fresno City College and the College of the Sequoias in Visalia. In 1986, she was offered the position of Visiting Artist by the University of Georgia at their Athens campus and later took part in the Studies Abroad Program, teaching in Cortona, Italy. At the same time, she traveled extensively in Italy and other European cities.

Having realized the vast potential of digital imaging, she returned to California and attended a number of classes and workshops on the subject.

She has held a number of exhibitions, among which were shows in São Miguel, Azores, in 2007; the University of Calgary in 2008; and the Boston Public Library in 2009.

Making ample use of photographs, archival material, texts, and objects, Maxine explores digital media to creatively and aesthetically develop her themes. She has acknowledged that computer imaging has opened up endless possibilities and artistic permutations that produce amazing results. “It’s the topics we choose and the interpretation we give them that determine the artistic merit of the image,” she has stated. Exploring a wide range of themes that delve into human feelings and behaviors, Maxine Olsen graces her work with an artistic narrative style that also contains more than a hint of the autobiographical.



3



4

legendas

- 1 – The debate / O debate**
- 2 – In the name of the father / Em nome do pai**
- 3 – Ode to my Grandmother / Ode para a minha avó**
- 4 – Return to the sea / Regresso ao mar**
- 5 – Rodin revisited / Rodin revisitado**





VOZES EM DISSONÂNCIA OU APENAS VOZES Cantos I e V

António da Névada nasceu em Lisboa, no ano de 1967. No entanto, viveu a infância e a adolescência em Cabo Verde – Ilha de S. Vicente, na cidade de Mindelo. A meados da década de 80, matriculou-se na Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Engenharia Electrotécnica. Nos finais do Verão de 2001, veio viver e trabalhar para a ilha Terceira, e desde então reside em Angra do Heroísmo.

Tem publicados dois livros de poesia: *Acto Primeiro ou o Desígnio das Paixões*, 1993, editora ICLD (Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco); *Esteira Cheia ou o Abismo das Coisas*, 1999, editora Angelus Novus, Coimbra. Tem colaboração dispersa em jornais e revistas. Prepara, para publicação, a polifonia poética *Cânone Silábico ou uma Canção de Amor*, de que se publicam os cantos I e V da canção «Vozes em Dissonância ou apenas Vozes».



About the Author

António da Névada was born in Lisbon but spent his childhood and adolescence on the Island of São Vicente in the city of Mindelo, Cape Verde. In the mid-80s, he enrolled at Coimbra University on the Portuguese mainland where he obtained a degree in Electrical Engineering. In late summer of 2001, he came to live and work on Terceira Island in the Azores, having established residence in Angra do Heroísmo, his current home.

Névada has published two books of poetry: *Acto Primeiro ou o Desígnio das Paixões (First Act or the Design of Passions)*, published in 1993 by ICLD (Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco [the Cape Verde Institute for Books and Recordings]); and *Esteira Cheia ou o Abismo das Coisas (The Brimming Wake or the Abyss of Things)*, published in 1999 by Angelus Novus of Coimbra. He has contributed to a number of journals and magazines and his polyphonic poetical work *Cânone Silábico ou uma Canção de Amor (Syllabic Canon or a Love Song)* is now being prepared for publication. We are proud to include cantos I and V of the song “Vozes em Dissonância ou apenas Vozes” (“Dissonant Voices or simply Voices”) from this last work.

I

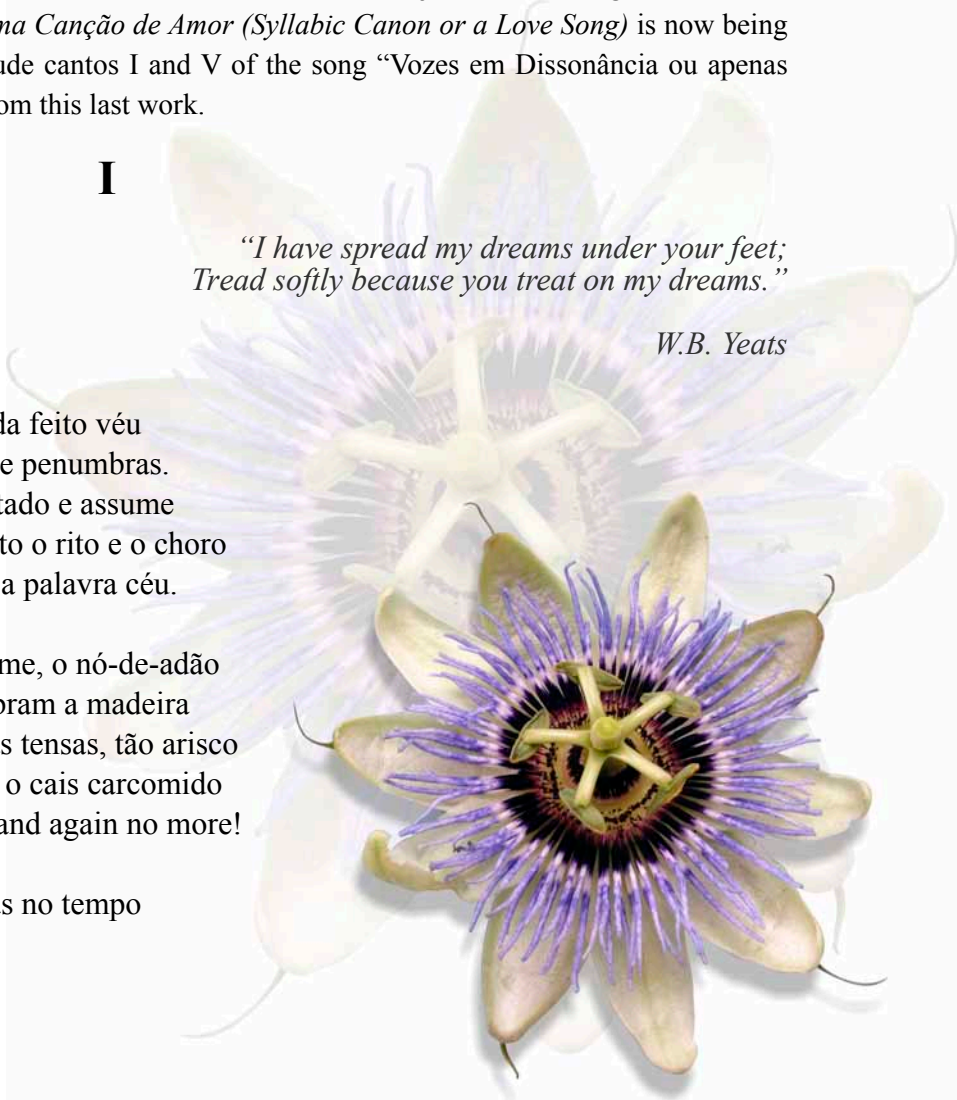
*“I have spread my dreams under your feet;
Tread softly because you tread on my dreams.”*

W.B. Yeats

A angústia é uma nau, a vela içada feito véu
Navega com a ventania no mar de penumbras.
E se o homem pousa sobre o costado e assume
A pausa e o pensamento, o espírito o rito e o choro
Retumbam anacrónica e ridícula a palavra céu.

O desamparo instala o seu azedume, o nó-de-adão
Sobre o bulício, as tormentas dobram a madeira
E o horizonte, os cascos as cordas tensas, tão arisco
E sem destino o linho encardido, o cais carcomido
E naufrago dando à costa, again and again no more!

A bússola e a rosa param estáticas no tempo



E sob os meus dedos, olhos que não dissimulam
Tanta tristeza! Que buscam vós no rumor do mar
No furor de águas e pedras, no sargaço da voz
Das moçoilas que cantam canções de embalar?

A mulher que ontem caminhava pé ante pé
Sob os rituais do destino traçados de lés a lés,
Está hoje encurvada sobre a terra molhada
E colhe a vertigem que anuvia, os prantos
Que impregnam a alma, e a via que antecede o espanto!

O espaço pictórico onde os corpos dançam
E se enlaçam coreograficamente e quedam,
Imponente e no limite donde sopra o vento
Entre os rumores da vida e as nuvens de areia
Ela vai tecendo a cortina guardiã do poente.

De permeio as aves peregrinas que se agitam
E num tropel debandam o pássaro do ermo
Que poisa na cadência desafinada o corpo lázaro.
O sol como um estilhaço à beira-mar plantado
Rememora os punhos e a pena na reescrita do poema.

Não há retórica que abraça o corpo em chagas
E transcende a dor, a taça e os bagos de tâmaras
Que adocicam os lábios e o poço de água salobre.
A minha voz é esta mão desordenada que deflagra
Os salmos, não a harmonia bíblica, a profana dissonância do espanto!

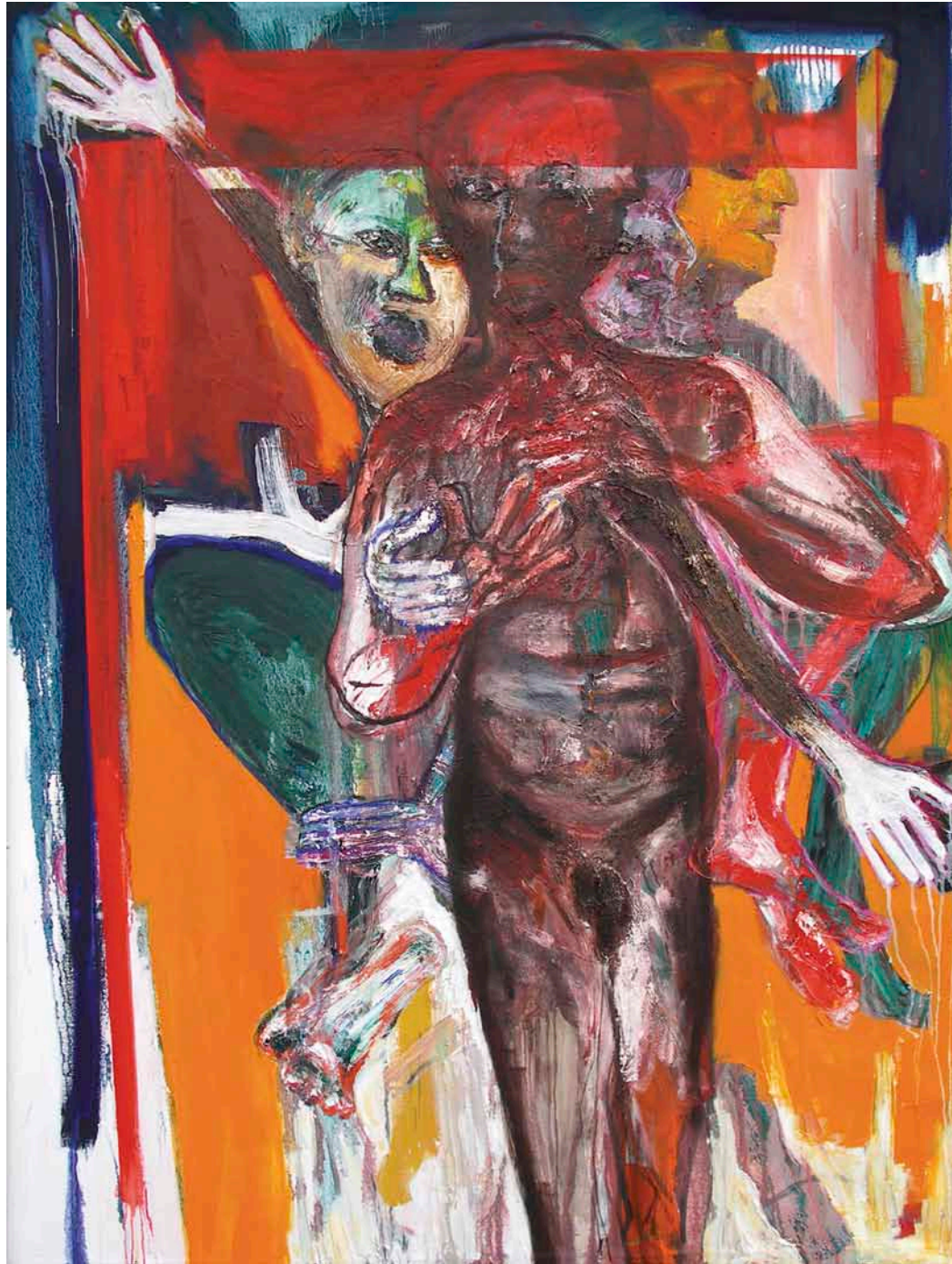
O cume silábico e as inchadas asas da cor branca
A caminho de nenhures, dando à luz a lua prenhe
E a vastidão, o negrume e a prata e o ditongo
Que dói na vocálica voz, e a vogal redonda
Da palavra dor, escrevi canções que tocam a solidão do barro sobre a terra!

Nas mãos devotas que esmagam a flor e o fruto
Fiz canções de embalar que se agarram ao seio da noite
E cantam, canções geradas no útero dessa luz inconcebível...
Que tessitura ou musicofilia, domina a dramaturgia do silêncio,
Qual vertigem, meu bem, encontrar-te sereia triste na desmesura do tempo?

O encanto é escasso e após a boémia e o vinho
A ressaca funde-se na rebentação das ondas à preia-mar,
Os candeeiros apagam-se, os ruídos cessam e calam-se
Os gritos, a antepenúltima ceia e a mesa posta sem convivas,
Entre o dizer e o nada, o instante sublime e o silêncio de quem escuta!

O acto de predizer manifesta-se no sentido fundamental
E predilecto que agride a morte, no amparo com que este
Acolhe o que a vida lhe nega e o que dela soçobra, sem regra
E impune, sem forma e em completo abandono, no silêncio
Que apreende o silêncio, toda memória e a paz intangível.

O rio defronte num azul a perder de vista, Frida Kahlo
Encantou Belém, e sentei-me calmamente e em silêncio ao seu lado.



Alex da Silva – “Here to there” – 120x160cm. Óleo s/ tela, 2008

V

É singela a mulher, seu corpo esguio entre as loiças
Cristalinas, porquanto ela atravessa a sala quase dançando
Quase soluçando! Como é bela a moçoila que serve a taça
E o vinho sobre a toalha branca, e a alma de navegante
Pelos mares onde nada norteia nem o leme nem as vagas fustigantes.

Saberei as palavras se lhe dirigir um gracejo?
Ou ficarão presas na garganta como o arpão de Cupido,
Que me feriu de morte? Será que a deusa da alma não escuta
O silêncio do meu peito? Black Beauty in my hearth, let the wind
And the music speaks for themselves...

E lá vou eu desfiando o novelo ao poema e o carácter às palavras,
Ao dobrar das esquinas mal iluminadas o eco labiríntico prevalece
E quem me diz que se tratam de histórias ou de factos à espera
Do seu lugar no panteão dos verídicos? Que em viagem alguma
Encontrei a ponta ao fio ou a letra pronta à mercê da coisa dita...

A toada disléxica e o centeio sem nexos que se desfaz grão a grão
Nas mãos do tempo, o cereal que resta e a amêndoa que se perde,
No lampejo de amor que sustém o plexo e a pancada no peito,
A árvore mutilada e o golpe misericordioso, as folhas tombadas
Um sobre as outras como se esperassem as carpideiras.

É a humanidade sem reverso de si mesma, sem metáforas que a acuda,
Com a violenta mão que assassinou Abel. E pasma-se (ela) à imagem narcísica
Que o lodo lhe devolve: as suas asas não paravam de bater, eram pétalas a voar
As almas transportadas sob o ventre das borboletas...
É então que o tempo transgride a ordem do dia e os membros se entrelaçam.

Nem tudo é céu e downtown em Mindelo ou Dublin,
Os sentimentos deambulam à flor da pele, no universo que transcende o mundo!

Visitei o cemitério das conchas no lado poente da baía, lá onde o mar
Deposita os seus restos mortais: as campas foram profanadas pelo vento,
O sexo ensanguentado das anémonas possuído pelo vermelho
E a rosa púrpura cristalizada em sal; há anjos mortos cuidando das flores
Criaturas insepultas que cavam e lavram, para semear o sémen! (E a sua génese.)

E o monótono som narcísico dançando em unísono...
Que a mente monossilábica é estruturalmente amorfa
E sem campo melódico não há dissonância possível.
O homem apaixonado-se pelos seus limites, e o espelho
Onde a imagem devolve-lhe o rosto é o mesmo onde estilhaça a alma!

Será o amor os instantes e as amarras soltas, o navio de velas flutuantes,
As ruas desertas e a dor mal iluminada que se esconde entre os escombros,
O asfalto ainda quente, valas abertas em plena praça, e o mundo underground
Que nada à superfície da vida? Será amor...
O caos e o rio que desaguam na turbulência das águas, os instantes atrás
De cada instante, a mutilação das flores que ofertamos
Em jarras empoleiradas ou jazigos verticais! Será amor?
O mar revolto e o naufrago
As dunas como um espelho cintilante...
Nos teus olhos os versos desvendam a beleza dos teus olhos!

ANTÓNIO DA NÉVADA
(Cantos pertencentes ao poema *Cânone Silábico ou uma Canção de Amor*)
Pinturas de Alex da Silva



Alex da Silva – “Can I be forgiven” – 130x130cm. Óleo e mixed media s/ tela, 2008





